



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA – POSLA
MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA

LUANA DE MELO LUCENA

**“LUGAR DE MULHER É NA COZINHA? SEGURA RAPIDINHO MEU PRÊMIO
NOBEL DE FÍSICA PRA EU LAVAR A LOUÇA”: A AÇÃO POLÍTICA DA IRONIA
EM PÁGINAS FEMINISTAS DO *FACEBOOK***



FORTALEZA - CEARÁ

2016

LUANA DE MELO LUCENA

“LUGAR DE MULHER É NA COZINHA? SEGURA RAPIDINHO MEU PRÊMIO NOBEL
DE FÍSICA PRA EU LAVAR A LOUÇA”: A AÇÃO POLÍTICA DA IRONIA EM
PÁGINAS FEMINISTAS DO *FACEBOOK*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, do Centro de Humanidades, da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientadora: Profa. Dra. Dina Maria M. A. Martins Ferreira.

FORTALEZA - CEARÁ

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Lucena, Luana de Melo.

Lugar de mulher é na cozinha? segura rapidinho meu prêmio nobel de física pra eu lavar a louça: a ação política da ironia em páginas feministas do Facebook [recurso eletrônico] / Luana de Melo Lucena. - 2016.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 115 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2016.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof.^a Dra. Dina Maria Machado Andréa Martins Ferreira.

1. Gênero. 2. Feminismo. 3. Facebook. 4. Ironia.
I. Título.

LUANA DE MELO LUCENA

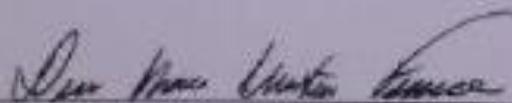
"LUGAR DE MULHER É NA COZINHA? ENTÃO SEGURA RAPIDINHO MEU PRÊMIO NOBEL DE FÍSICA PRA EU LAVAR A LOUÇA": A AÇÃO POLITICA DA IRONIA EM PÁGINAS FEMINISTAS DO FACEBOOK

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

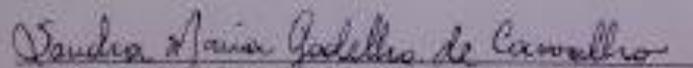
Área de Concentração: Linguagem e Interação

Aprovada em: 05 / 12 / 2016

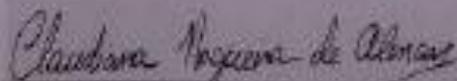
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Dina Maria Machado Andréa Martins Ferreira (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profa. Dra. Sandra Maria Gadelha de Carvalho
Universidade Federal do Ceará – UFC



Profa. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar
Universidade Estadual do Ceará – UECE

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao universo e às Deusas pelo movimento da vida que me fizeram pousar em Fortaleza, lugar que me proporcionou vivências incríveis.

À Miguel Linhares, por ter me incentivado a fazer a seleção do Mestrado do PosLA da Universidade Estadual do Ceará, por acreditar no meu crescimento acadêmico.

À Dina Ferreira, orientadora e professora maravilhosa, pela paciência, pela espontaneidade em partilhar o conhecimento e, sobretudo pela sua energia contagiante.

À professora Claudiana Nogueira, por sempre falar sobre os estudos da linguagem com os olhos brilhando, e pela militância social no qual tanto admiro e me inspiro.

Aos meus queridos colegas da linha 3, Elayne, Marco e Marília, por me acolherem tão bem na nova jornada que agora se encerra. Especialmente Elayne, pela paciência, cuidado e companheirismo, fora e dentro do âmbito acadêmico.

À Frente Feminista do Movimento Levante Popular da Juventude, por ter sido minha porta de entrada para o movimento feminista, momento da vida que me marcou e me fez chegar até o tema dessa pesquisa. Também ao COCO DAS MANAS, que me fortaleceu nos últimos momentos do desenvolvimento deste trabalho, me empoderando junto com outras mulheres.

Aos amigos e amigas de João Pessoa que durante todo esse tempo emanaram energias positivas para a concretização dessa pesquisa, em especial, à Susi.

À minha família, por acreditar e incentivar minhas aventuras acadêmicas.

Por fim, agradeço enormemente à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida.

RESUMO

Atualmente, a denúncia da violência simbólica e física sofrida pelas mulheres, a crítica ao sistema patriarcal, bem como a luta por uma igualdade de gênero vêm alcançando um novo espaço de comunicação – as redes sociais *online*. A rede social *Facebook* passa a ser um importante veículo, através da criação de Páginas que produzem postagens que não só servem de divulgação, mas também de um novo espaço minimamente democrático que possibilita enfrentamentos sobre os temas que envolvem a luta do movimento feminista, dentro e fora da rede. É possível notar a recorrência da manifestação do fenômeno da linguagem ironia nas postagens em rede como uma estratégia linguística-discursiva para criticar as relações desiguais de poder entre os gêneros e a construção de um discurso feminista na rede social *Facebook*. Pretendemos nesse trabalho analisar a ação política da ironia em postagens de três Páginas do *Facebook*: *Moça, você é machista*; *Feminismo sem Demagogia – o Original*; e *Diários de uma feminista*, tendo por objetivo compreender de que forma a ironia se manifesta enquanto ação política para o feminismo, como se contrapõe aos valores expressos por discursos anteriores, apresentando, portanto, uma dimensão crítica e ideológica-valorativa. Para a análise, tomaremos como base o pensamento de Lévy (1990), no que se refere à cibercultura e às relações entre o virtual e o real, associadas às perspectivas de gênero de Butler (2010) somadas aos estudos de ironia de Brait (2008) e Hutcheon (2000). No percurso analítico, levou-se em conta a relação dos enunciados imagéticos e verbais das postagens a partir de uma perspectiva da ironia como argumentação indireta, de contradiscurso, interdiscursiva e subversiva, relação construtora de um discurso feminista em rede, capaz de modificar de maneira linguística-discursiva o que as pessoas pensam sobre gênero.

Palavras-chave: Gênero. Feminismo. *Facebook*. Ironia.

ABSTRACT

Denouncing the symbolic and physical violence suffered by women, criticizing the patriarchal system, and the struggle for gender equality have now reached a new space of communication - online social networks. The social network *Facebook* becomes an important vehicle, through the creation of Pages that produce posts that not only serve to promote, but also a new, minimally democratic space that enables confrontations on the themes that involve the struggle of the feminist movement, within out of the network. It is possible to note the recurrence of the manifestation of the irony language phenomenon in network postings as a linguistic-discursive strategy to criticize the unequal power relations between genders and the construction of a feminist discourse in the social network *Facebook*. In this paper we intend to analyze the political action of irony in posts of three *Facebook* Pages: *Girl, you are machist*; *Feminism without Demagogy - the Original*; *Diaries of a feminist*, aiming to understand how irony manifests itself as a political action for feminism, as opposed to the values expressed by previous discourses, thus presenting a critical and ideological-evaluative dimension. For the analysis, we will take as a base the thought of Lévy (1990), regarding cyberculture and the relations between the virtual and the real, associated with the gender perspectives of Butler (2010) added to the irony studies of Brait (2008) And Hutcheon (2000). In the analytical course, the relation of the imaginary and verbal utterances of the posts from a perspective of irony as an indirect argument, of contradictory, interdiscursive and subversive argument, constructive relation of a feminist discourse in network, capable of modifying in a way Linguistic-discursive what people think about gender.

Keywords: Gender. Feminism. *Facebook*. Irony.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A jornalista Nana Queiroz e a foto que deu início a mobilização virtual.....	26
Figura 3 - Problemas em ser irônico.....	50
Figura 4 - Lugar de mulher é na cozinha.....	52
Figura 5 - Dia do homem.....	56
Figura 6 - O 8 de março foi sequestrado	57
Figura 7 - #meuamigosecreto 1	63
Figura 8 - #meuamigosecreto 2	63
Figura 9 – layout 1.....	70
Figura 10 – layout 2.....	70
Figura 11 – layout 3.....	71
Figura 12 - <i>Moça, você é machista</i>	73
Figura 13 - Página 1, postagem 1	74
Figura 14 – Página 1, postagem 1.1.....	75
Figura 15 - Página 1, postagem 1.2	77
Figura 16 - <i>Adendum</i> postagem 1	78
Figura 17 - Página 1, postagem 2	79
Figura 18 - Página 1, postagem 2.1	79
Figura 19 - página 1, postagem 2.2	82
Figura 20 - Página 2 - <i>Feminismo sem demagogia - Original</i>	84
Figura 21 - Página 2, postagem 1	86
Figura 22 - Página 2, postagem 1.1	87
Figura 23 Página 2, postagem 1.2.....	89
Figura 24 - Página 2, postagem 2	91
Figura 25 - Página 2, postagem 2.1	91
Figura 26 - Matéria da Revista Veja – Bela, recatada e “do lar”	93
Figura 27 - #belarecatadaedolar	94

Figura 28 - Página 2, postagem 2.2	95
Figura 29 - Página 3, <i>Diários de uma feminista</i>	96
Figura 30 - Página 3, postagem 1	97
Figura 31 - Página 3, postagem 1.1	98
Figura 32 - <i>Adendum</i> postagem 2	99
Figura 33 - Página 3, postagem 1.2	101
Figura 34 – Página 3, postagem 2.....	102
Figura 35 – Página 3, postagem 2.1.....	103
Figura 36 - Mapa ‘Chega de Fiu Fiu’	105
Figura 37 - Página 3, postagem 2.2	107

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2	OS NOVOS MODOS DE FAZER PESQUISA NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM	13
3	A ERA DA CONEXÃO	16
3.1	CIBERCULTURA	16
3.1.1	Postar, curtir e compartilhar: <i>facebook</i>	20
3.2	OS MOVIMENTOS SOCIAIS EM REDE: O CIBERATIVISMO	22
3.2.1	Ativismo online: ciberativismo	27
4	GÊNERO	30
4.1	GÊNERO E ATOS DE FALA	30
4.2	GÊNERO FEMININO	32
4.3	BREVE TRAJETÓRIA DO FEMINISMO E DO MOVIMENTO FEMINISTA	36
4.3.1	Feminismo pré-moderno	37
4.3.2	Feminismo moderno	38
4.3.3	Feminismo contemporâneo	41
4.3.4	Feminismo em rede: ciberfeminismo	43
4.3.4.1	Ciberfeminismo: fenômeno social e político	45
5	IRONIA COMO MODO DE COMBATE	48
5.1	A ARTE DE DIZER O NÃO DITO	49
5.2	A IRONIA E SUAS MÚLTIPLAS VOZES	54
5.3	IRONIA COMO CONTRADISCURSO	60
6	PERCURSOS METODOLÓGICOS	68
6.1	TIPO DE PESQUISA	68
6.2	CORPUS	69
6.3	PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	71
7	ANÁLISE DOS DADOS	73
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
	REFERÊNCIAS	111

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Há mais de um século, os movimentos feministas perceberam a importância e a necessidade de garantir um espaço de auto-organização exclusivo para as mulheres, em que o debate e o planejamento pautado por experiências de opressão compartilhadas são assegurados. Acreditando que esses espaços são fundamentais para disseminar determinados discursos que tentam romper com os padrões sociais de gênero, percebeu-se a necessidade de estender essas discussões e veicular o feminismo¹ em vários espaços de comunicação.

No mundo atual globalizado, as redes sociais constituem um novo espaço de interação social e de construção de significados, sobretudo o *Facebook*², que, através de uma plataforma colaborativa, proporciona diversas formas de interação social através das semioses verbal, sonora e visual e da associação entre essas modalidades. É interessante perceber a reconfiguração das interações sociais no meio virtual, no qual as relações são construídas diferentemente das relações face a face.

Levando em consideração minha trajetória em determinados movimentos sociais de cunho feminista enquanto ativista, e ainda não como pesquisadora, o que chama a atenção é a forma como as redes sociais passaram a ser uma importante ferramenta de organicidade e promoção dos movimentos. Numa trajetória de quatro anos de ativismo, foi interessante perceber a velocidade em que essa era da conexão passou a orientar as novas formas de interação social na promoção da luta do movimento feminista, estreitando cada vez mais a relação entre o virtual e o real. A forma como se deu essa transição das formas de ativismo, e a percepção do potencial que as redes podem dar aos movimentos sociais, é uma das justificativas para o desenvolvimento desta pesquisa. Estamos diante então da importância das redes sociais nas novas formas de interações entre os sujeitos e a forma como as mulheres têm utilizado o *Facebook* para estabelecer um novo tipo de organicidade dentro do feminismo. O que nos chama atenção também para o desenvolvimento desta pesquisa, é como esse novo espaço de interação por meio da rede, proporciona a criação de grupos e Páginas que se

¹ O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo (PINTO, C. R. J., 2010, p. 15).

² O *Facebook* é uma rede social que permite conversar com amigos e compartilhar mensagens, links, vídeos e fotografias. O acesso é gratuito e agrega perfis pessoais, páginas de empresas/marcas, de humor, de serviços, de músicas e de artistas.

tornaram, de certa forma, um ambiente de amparo emocional, de formação, de debate e de informação para mulheres e para homens.

É neste ambiente virtual que a ironia se torna uma constância nas páginas elencadas para nosso *corpus*, e é a partir dessa constatação que julgamos ser importante compreender de que forma a ironia é apresentada nessas postagens com o sentido de se contrapor aos valores expressos por discursos anteriores a ele, apresentando, portanto, uma dimensão crítica e ideológico-valorativa.

Quanto à estrutura, o trabalho está dividido em seis capítulos. No segundo capítulo faremos uma breve explanação sobre os novos modos de fazer pesquisa tanto na Linguística Aplicada, quanto na Nova Pragmática como uma nova perspectiva emancipatória de fazer pesquisa. No terceiro capítulo, discutiremos a forma como as interações sociais vêm sendo modificadas com a chegada das novas tecnologias e como os ativistas estão se utilizando do ciberespaço para poder disseminar ideias, agregando pessoas a fim de causar alguma mudança na sociedade. Para construir essa discussão, as teorias articuladas foram, sobretudo, as de Lèvy (1999) a cerca de cibercultura e ciberespaço, somados às investigações de Castells (1996; 2003; 2005; 2013) sobre os impactos da cibercultura na dinâmica social e política, bem como as novas formas de ativismo político em rede – ciberativismo. Além disso, ainda no segundo capítulo apresentamos a rede social *Facebook*, um novo território que vem sendo ocupado pelo ciberativismo, sobretudo pelas práticas discursivas do movimento feminista, possibilitando a discussão e a crítica a temas que legitimam as relações desiguais de gênero. Seguindo o fluxo argumentativo, no terceiro capítulo incitamos uma discussão a cerca do gênero feminino sob os pressupostos de Butler (2010), e sua relação com os atos de fala. Aqui traremos a perspectiva das identidades de gênero que se performatizam devido às distinções – masculino e feminino – que são reforçadas e repetidas ao longo dos anos através das práticas sociais. A partir da discussão sobre o gênero feminino e suas performances, fazemos uma breve trajetória histórica do movimento feminista até chegarmos a uma nova conjuntura que se relaciona com o advento das novas tecnologias, o ciberfeminismo.

Considerando a era da conectividade como um momento de transformações para os movimentos sociais, o ciberfeminismo floresce em meio a um ambiente que permite a construção de discursos que dão visibilidade a questões que permeiam a luta dos movimentos feministas. Tais discursos se performatizam em postagens da rede social *Facebook*, por exemplo, arraigadas por um caráter subversivo, cômico e irônico. Dessa forma, no quarto

capítulo discutimos de que forma a ironia é utilizada como uma estratégia linguístico-discursiva para criticar as relações desiguais de gênero. Para tanto, utilizamos os pressupostos teóricos de Beth Brait (2008) e Linda Hutcheon (2000), que nos ajudaram a construir um pensamento argumentativo e analítico a respeito da ironia como fenômeno crítico da linguagem.

Os percursos metodológicos de nossa pesquisa são desenvolvidos no quinto capítulo, onde apontamos o tipo de pesquisa, o *corpus*, bem como o procedimento de coleta e análise dos dados. No sexto capítulo, desenvolvemos, enfim, a análise de nosso *corpus* analítico composto por seis postagens de Páginas Feministas da rede social *Facebook*, além de explicar os resultados da análise das mesmas. Por fim, nas considerações finais explanamos as possibilidades de contribuições que nosso trabalho pode dar para novos estudos a cerca dos temas aqui tratados. Além disso, destacamos a relevância de nossa proposta por levar a preocupação de verificar o funcionamento da ironia veiculada e manifestada nas redes sociais como uma estratégia crítica, questionando os padrões sociais de gênero e satirizando essas relações desiguais entre homens e mulheres na nossa sociedade. Como mulher, feminista e atuante dentro e fora da rede, acredito que as respostas a essas questões são importantes para a mudança social da situação de opressão e sofrimento à qual as mulheres ainda estão submetidas na atualidade.

2 OS NOVOS MODOS DE FAZER PESQUISA NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Para abrir as portas deste trabalho, acreditamos ser importante destacar que esta pesquisa se insere dentro do campo de estudos da Linguística Aplicada (LA), uma área que tem a linguagem como prática social constituindo seu objeto de investigação. Dessa forma, a LA deve abarcar todo e qualquer contexto em que se apresentem questões envolvendo linguagem. Ademais, a LA assume um caráter transdisciplinar. Logo, essa transdisciplinaridade possibilita estabelecer relações com diversas áreas do conhecimento, pertencentes ou não ao cenário dos estudos linguísticos, são elas: sociologia, filosofia, comunicação, etc. Conforme Lopes (2010, p. 3),

A transdisciplinaridade cumpre o papel de nos auxiliar na tomada de posição e organização frente ao elemento complexo, facilitando o entendimento daquilo que a princípio soa como estranho, torto, bizarro, desarmonioso, ruidoso, errático, dissipativo e atonal. (LOPES, 2010, p. 3).

No decorrer do desenvolvimento da LA, percebemos uma transformação no sentido de fazer pesquisa, um novo olhar, um revisionismo nas análises epistemológicas e, principalmente, uma preocupação da não separação da produção do conhecimento com as práticas sociais. Esse processo se deu através da necessidade do linguista aplicado em redescrever a vida social tal como ela se apresenta no mundo, bem como responder às questões contemporâneas.

Nesse sentido, essas novas práticas de produção de conhecimento colaboram para que sejam abertas alternativas sociais, ou uma emancipação social, para as vozes que se encontram à margem (MOITA LOPES, 2006), o que Boaventura Santos (2001, *apud*, MOITA LOPES, 2006) chama de vozes do sul, ou metáfora do sofrimento humano. Essas perspectivas do Sul são compostas pelos grupos marginalizados pela sua classe social, raça, sexualidade, gênero, etc. Dentre essas vozes está o sujeito feminino que, mesmo com as transformações e avanços da globalização no mundo contemporâneo, permanece à margem da sociedade. Segundo Saffioti (2004), pela lógica patriarcal de gênero implantada por nossos ancestrais, é que se constituiu um esquema de relações que atribui privilégios aos homens. Segundo Herbele (2004, p. 106), “muitas feministas acreditam que, ao se utilizar da linguagem, participam ativamente na construção de significados, em cujos discursos se pode resistir e subverter esses significados.” O feminismo toma a língua do opressor e se vira contra ela mesma, transformando suas palavras numa fala contra-hegemônica, libertando através da linguagem.

É a partir dessa perspectiva contra-hegemônica que nossa pesquisa se insere também no campo de uma nova Pragmática emancipatória, um estudo da linguagem que leva em consideração os aspectos culturais, históricos e sociais, características essas inerentes a um estudo em que pautam questões, por exemplo, feministas. No entanto, antes de dar ênfase a essa nova perspectiva contra-hegemônica da Pragmática, é interessante destacar que por muito tempo ela foi considerada uma subárea da Linguística por ser responsável por resolver os problemas da linguagem em que a lógica não consegue solucioná-las. Entretanto, é através do crescente número de pesquisas que pautam temas que perpassam os muros da academia, dando ênfase a assuntos que têm por objetivo intervirem no mundo a partir de reflexões sobre a vida e a sociedade, que a Pragmática, através de uma Nova Pragmática vem ganhando destaque como uma importante área ou perspectiva de pesquisa. Essa preocupação dos estudos da linguagem em pautar problemáticas sociais, por exemplo, constitui uma reviravolta neste tipo de pesquisa dando uma nova roupagem no modo de investigação desse campo da LA e uma nova forma de encarar a Pragmática baseada na crítica de Rajagopalan à visão serleana sobre a teoria dos atos de fala de J. L. Austin que considerava a língua como um núcleo duro. Como explicam Martins Ferreira & Nogueira de Alencar (2013) no artigo ‘Por uma nova Pragmática emancipatória’:

[...] podemos ousar dizer que a proposta de uma Nova Pragmática poderia alcançar uma Pragmática Emancipatória, ou seja, uma “perspectiva” que considera as políticas da linguagem, as formas de agência e as mediações culturais a partir da historicidade de nossas práticas culturais – uma pragmática que deixa de ser ‘mancebo’, ‘servo’ (mancipium), e que leva em conta a “partilha do sensível” na vida cotidiana; – uma teoria pragmática da vida cotidiana em seus movimentos culturais. (MARTINS FERREIRA & NOGUEIRA DE ALENCAR, 2013).

Dessa forma, essa nova Pragmática, proposta por Rajagopalan (2010), seria um novo modo de ver a linguagem dando uma nova configuração aos estudos linguísticos por dar uma maior atenção à relação entre linguagem e sociedade. Seria então uma forma de estudo que leva em consideração aspectos sociais, históricos e culturais configurados na e pela linguagem. E é neste sentido que nossa pesquisa se insere dentro de uma perspectiva de uma Nova Pragmática, por dar ênfase a um fazer científico que não perpetua uma lógica tradicional em que se é reforçada certa ignorância às práticas sociais vividas pelas pessoas tidas como “senso comum”. E nesse panorama questionar os modos de produzir conhecimento, de falar claramente sobre as mudanças drásticas que vivemos na vida contemporânea, é o que Boaventura (2001, *apud*, MOITA LOPES, 2006) chama de

modificações que requerem processos que envolvem implicações de transformação na vida social.

Nos capítulos seguintes construiremos nossa fundamentação teórica no que se refere aos temas centrais dessa pesquisa. De acordo com o desenvolvimento deste trabalho, perceberemos como essa nova perspectiva de investigação da linguagem nos apresenta uma nova configuração aos estudos linguísticos, sobretudo ao pensar em pesquisa relacionada aos construtos de uma intervenção social, por acreditar que a nossa prática científica deve estar relacionada a uma posição política. Além disso, pensamos também que nossa responsabilidade aqui enquanto linguistas é pensar também na linguagem solta das amarras sistêmico-iminentes (MARTINS FERREIRA & NOGUEIRA DE ALENCAR, 2013). A partir dessas novas orientações, e de uma ótica dos novos desdobramentos da linguagem em uma sociedade em que os mecanismos dialógicos, e a estreita relação entre o real e o virtual que estão cada vez mais tênues, interferindo assim nas práticas sociais, é que nossa pesquisa encontra lugar.

3 A ERA DA CONEXÃO

3.1 CIBERCULTURA

A convergência tecnológica e a informatização total das sociedades contemporâneas (CASTELLS, 1996) são características da era da informação, que atualmente passa por uma nova fase implicando uma constante necessidade de estarmos sempre conectados. Essa informatização da sociedade se inicia na década de 70, se populariza nos anos 80, e se radicaliza no começo do século XXI com o desenvolvimento da computação sem fio, telefones celulares, rede de acesso à Internet sem fio (“Wi-Fi”), etc. Trata-se de uma transformação nas práticas sociais, na forma de produzir e consumir informação sendo transformado devido ao desenvolvimento das novas tecnologias digitais; são transformações que se manifestam na sociabilidade dos sujeitos. Nesse sentido, surgem novas formas de interação social mediadas pela Internet. Como expõe Thompson (1998), as tecnologias digitais transformaram a organização espaço-temporal da vida social, criando novas formas de ação e interação.

Essa inserção de novas tecnologias promove novas práticas comunicacionais que se inserem na cultura da sociedade contemporânea: a cibercultura. De acordo com Lévy (1999, p. 17), cibercultura é “o conjunto de atitudes, técnicas, práticas, modos de pensamento e valores desenvolvidos junto com o ciberespaço³”. Essas transformações tecnológicas atribuem diferentes características à comunicação e que, segundo Castells (2003), irá mexer com os referenciais de cultura:

Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo (CASTELLS, 2003, p. 414).

Dessa maneira, comunicação e cultura possuem um vínculo inerente de atrelamentos, ou seja, a sociedade passa por múltiplas transformações tecnológicas, nas quais são integrados vários modos de comunicação em redes interativas.

O desenvolvimento da cibercultura se deu através do surgimento da microinformática na década de 70. Nos anos 80-90, vivenciamos a popularização da Internet e a transformação e o desenvolvimento dos novos tipos de computadores, agora conectados no

³ O conceito de ciberespaço será retomado mais adiante.

ciberespaço, ou seja, rede e computador são uma máquina de conexão. Atualmente, no século XXI, com o desenvolvimento de uma computação móvel e das novas tecnologias, podemos dizer que estamos na era da conexão, na qual a Internet aproxima os sujeitos sociais do desejo de ubiquidade, fazendo emergir uma nova cultura telemática, com novas formas de consumo de informação e com novas práticas de sociabilidade.

De acordo com Castells (2005), estamos vivendo atualmente em uma “Sociedade em Rede”, na qual se prioriza a comunicação e a troca constante de informações. Nesse sentido, a sociedade em rede se configura em:

Uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes. (CASTELLS, 2005, p. 20).

Essa ‘rede’ alude à atividade de ‘amarrar’ linhas e fios em algum tecido, o que seria chamado de ‘tecido societal’, interpenetrado por todo tipo de informações (MEY, 2001). Sendo assim, a sociedade em rede manifesta-se de diversas formas, de acordo com a cultura, as instituições e as trajetórias históricas de cada sociedade, tendo por base não necessariamente valores compartilhados, mas sim, o compartilhamento do valor da comunicação.

Jacob Mey (2001, p. 56) em seu livro *Vozes da Sociedade*, cria a metáfora da “super rodovia da informação”, que consolida a eliminação total da presença humana nas rodovias, ou seja, essa rodovia não desloca pessoas como a antiga rodovia costumava fazer, ela desloca informação em velocidade e com facilidade nunca vistas anteriormente, fazendo um uso mínimo de teclas. Dessa maneira, o usuário não é mais o que se desloca até a rede, mas é a rede que passa a envolver os usuários em uma conexão generalizada e é, nesse sentido, que a cibercultura se desenvolve de forma quase onipresente nessa sociedade contemporânea (LEMOS, 2002).

A partir dessa digitalização da informação, novos espaços são configurados e potencializados dentro do ambiente virtual, como a exemplo, o ciberespaço. Segundo Lévy (1999, p. 127), o ciberespaço é o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores, incluindo o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos, na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. É a partir do ciberespaço que se desenvolve um novo

campo de possibilidades de comunicação e sociabilidade, podendo favorecer o movimento da virtualização. Entretanto, o autor acredita que é desnecessário tentar diferenciar o que ocorre no mundo real e na Internet, pois o virtual, sendo permeado pelas tecnologias, é produto da exteriorização de construções mentais em espaços de interação virtual. Nesse sentido, a tecnologia não pode mais ser entendida como uma ferramenta neutra, pois, estar no mundo hoje, é estar conectado. Dessa forma, nosso Eu se constitui de interpelações de relações físicas e virtuais difíceis de separar. Assim, tanto o real quanto o virtual, são conceitos que se sustentam intrinsecamente devido ao crescente uso da Internet – virtualidade e interconexão generalizada são um dos princípios que orienta o crescimento do ciberespaço.

Nessa nova era da conexão, a rede se transforma em um ambiente que envolve o usuário em plena mobilidade. A Internet sem fio e os *smartphones* trazem novas questões e novas formas de comunicação que redefinem o uso do espaço de lugar e dos espaços fluxos (CASTELLS, 1996). Ou seja, a era da comunicação é a era da mobilidade que está sendo responsável pela redefinição do espaço público, do espaço privado, da privacidade e das relações sociais em grupo. Onde estamos quando nos conectamos à Internet numa praça, numa rua, num shopping, na universidade? Nas cidades contemporâneas, os tradicionais espaços de interação (rua, praças, universidades, etc), estão pouco a pouco se transformando em espaços fluxos, o que Horan (2000) veio chamar de “lugares digitais”. Nesse sentido, estamos diante de uma “reconfiguração que implica que a forma e o propósito da comunicação definem o ‘público’ e ‘privado’, e não o espaço no qual a comunicação acontece” (COOPER; GREEN; MURTAGH; HARPER, 2002, p. 295).

Não obstante, é impossível não notar que esse caráter fluido, interativo e veloz da Internet facilitou a comunicação e a aproximação de pessoas de diversos lugares do mundo. A ideia de distância deixou de ser um problema para a comunicação e o avanço do uso das tecnologias contribuiu para uma mudança no modo de vida das pessoas. No entanto, tal mudança, marcada pela utilização de computadores e celulares com aplicativos, propiciou uma dependência pelo estar conectado, sendo intensificada a partir da criação das redes sociais *online*. Segundo Souza (2008), o que compõe as redes sociais são as pessoas e organizações que compartilham valores e interesses em comum, conectadas por um ou vários tipos de relações. Nessa perspectiva, Thalheimer (2014), reforça que uma rede social é “um espaço de interação de ideias arquivos, informações e dados entre pessoas que estão virtualmente conectadas e que podem estar a milhares de distância uma das outras.”. Sendo

assim, o sentido das relações sociais *online* é incorporado pela concepção de rede que converge para o campo do ciberespaço.

Nesse sentido, sendo o ciberespaço uma extensão do social e não uma realidade paralela do que vivemos fora do ambiente virtual, não podemos esquecer que foi o advento das plataformas móveis de acesso à Internet (*smartphones* e *tablets*) dos últimos anos que o ampliou.

O crescente número de computadores e tecnologias móveis através da informatização da sociedade, cada vez mais interativos, está permeando a vida e as relações dos sujeitos sociais, organizando novas práticas sociais. No Brasil, os celulares alcançaram recentemente a marca de 100 milhões de unidades, constituindo-se numa espécie de tele-tudo capaz de conectar imagens, vídeos, músicas, textos. Essa popularização e disseminação do uso dos celulares, por exemplo, popularizou o uso das TICs⁴, o que anteriormente havia acontecido com outras mídias, como a Televisão.

De acordo com a “Pesquisa Brasileira de Mídia 2015” (PBM, 2015) divulgada recentemente pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM), boa parte do acesso à Internet se dá por meio de *smartphones* e *tablets*, chegando a competir com o uso por meio de computadores ou *notebooks*, 66% e 71%, respectivamente. Entre os internautas, 92% estão conectados por meio de redes sociais, sendo as mais utilizadas o *Facebook* (83%), o *WhatsApp* (58%) e o *Youtube* (17%). (SECOM, 2015, p. 7).

De acordo com o sexto mapa elaborado pela organização do Congresso Ibero-americano sobre Redes Sociais (iRedes) em 2016, o *Facebook* mantém a liderança das redes sociais com 1,59 bilhão de usuários no mundo todo, se destacando como a rede social que mais cresceu em 2015.⁵

Através desses dados, podemos perceber a popularidade das redes sociais no mundo contemporâneo, e a forma como as pessoas passaram de usuários que navegam na rede, para usuários que constroem opinião e compartilha conhecimento dentro da esfera virtual.

⁴ As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) podem ser entendidas como um conjunto de recursos tecnológicos que proporcionam um novo modo de se comunicar.

⁵ Disponível em: <<http://tecnologia.terra.com.br/internet/facebook-mantem-lideranca-no-mapa-mundial-das-redes-sociais,d7ad63f478ee9019f3108ad3bede63f7ie6yg7w7.html>>. Acesso em: 10 abr 2016.

Essas redes estão se apresentando como um espaço em potencial para romper com estigmas presentes na nossa sociedade, por se tratar de um espaço de discussão e disseminação de diversos discursos. Além disso, possibilitam relacionamentos sem hierarquias e refletem um processo de fortalecimento da sociedade em um contexto de maior participação democrática e de mobilização social. Dessa maneira, o *Facebook* se destaca como uma rede social que demonstra um importante espaço e dá vozes aos grupos minoritários que são silenciados pela mídia tradicional brasileira. Sobre ele trataremos no ponto a seguir.

3.1.1 Postar, curtir e compartilhar: *facebook*

O *Facebook*, uma das redes sociais virtuais mais populares no Brasil, foi criado nos Estados Unidos em fevereiro de 2004, por quatro estudiosos da Universidade de Harvard: Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris Hughes. Inicialmente chamado de *The Facebook*, tinha o objetivo de aproximar os acadêmicos e trocar informações sobre assuntos referentes à própria universidade. No entanto, assim que começou a funcionar, em apenas 2 horas, obteve 22 mil acessos e, desde então, não parou mais de crescer, passando de uma pequena rede social a uma grande companhia.

Atualmente, o Brasil é o terceiro país com o maior número de usuários no *Facebook*. São 92 milhões de usuários brasileiros cadastrados na rede social, no qual pelo menos 62 milhões acessam o site pelo menos uma vez por dia. De acordo com dados divulgados pelo *Facebook*, a maior parte dos acessos acontece por meio do aplicativo para os dispositivos móveis, como *tablets* e *smartphones* – por dia são 50 milhões e por mês esse número cresce para 77 milhões. Além disso, o *Facebook* conta com mais de 900 milhões de usuários, tornando-se, na atualidade, a maior rede social do mundo, segundo Thalheimer (2014).

O “face”, como é popularmente conhecido no Brasil, possui acesso gratuito para os usuários, que podem se cadastrar na rede criando perfis com fotos, lista de interesses, adicionando amigos que estão conectados a rede, etc. Grande parte desses usuários utilizam essa rede social para conversar com outros usuários, compartilhar ideias, informações, imagens, arquivos pessoais, fazer publicidade, encontrar amigos, jogar, divulgar eventos, criar páginas, entre outras operações. Sendo assim, o que de início tinha apenas o foco de compartilhar informações acadêmicas, hoje possui um leque de possibilidades.

Dentre essas possibilidades, destacamos a criação de páginas, por ter como objeto, nesta investigação, analisar postagens de Páginas feministas da rede. Segundo o próprio site do *Facebook*, qualquer usuário da rede pode criar e gerenciar uma página por meio de sua conta pessoal. Essas servem para empresas, marcas, coletivos, movimentos sociais, grupos, organizações, etc, compartilhar suas histórias e se conectarem com as pessoas da rede. Assim como os perfis, é possível personalizar as Páginas publicando histórias, promovendo eventos, adicionando aplicativos, etc. Os usuários que curtirem a Página e seus respectivos amigos da rede poderão receber atualizações em seus *Feeds* de Notícias⁶.

Dentre tantas redes, o *Facebook* foi o propulsor por fazer a “curtição” e o compartilhamento de informações darem certo. Como ferramentas, a página possui a *postagem*, em que é possível publicar diversos conteúdos, seja um texto escrito, imagético, imagético-verbal, ou vídeos, além de animações ou *gifs*⁷. O botão de *curtir* (“Like”) possui duas funções: uma é que você pode “curtir” uma determinada *fanpage*⁸, o que vai levar o *Facebook* a entender que você deseja receber informações dessa Página no seu *Feed* de notícias, e a outra é que os usuários da rede podem manifestar que gostaram de alguma postagem, podendo servir como um indicador de conteúdo útil ou interessante. Outra ferramenta é o *comentário* onde, por meio do texto escrito, imagético, imagético-verbal ou *gifs*, os usuários podem expressar suas opiniões acerca do que foi publicado. O *compartilhar* é outro botão importante, pois ele garante que um determinado conteúdo seja publicado na Linha do Tempo⁹ do usuário, ou seja, se trata de uma repetição de uma mensagem já postada por outro usuário ou Página, dando a possibilidade de inserir uma legenda ou comentário a cerca da mensagem compartilhada.

Através dessas ferramentas e da visibilidade conquistada pelo *Facebook*, podemos perceber que essas novas formas de interação social se apresentam também como um meio facilitador nos processos de produção e disseminação de conteúdo sobre vários temas, dentre eles, o de movimentos sociais, o que nos chama atenção para essa pesquisa. Essa velocidade ao acesso à informação, proporcionada pela Sociedade em Rede, através do *Facebook*,

⁶ O *Feed* de Notícias é uma lista atualizada constantemente com histórias de pessoas e Páginas que você segue no *Facebook*. As histórias do *Feed* de Notícias incluem atualizações de status, fotos, vídeos, links, atividades de aplicativos e curtidas.

⁷ *Gifs* é como se nomeia as curtas animações que podem estar presentes em sites ou em redes sociais, como o *Facebook*.

⁸ *Fanpage* é a versão em inglês de “Página do *facebook*”.

⁹ A Linha do Tempo é onde você pode ver suas publicações ou as publicações em que você foi marcado, organizadas por data. A Linha do Tempo também faz parte do perfil.

possibilita aos movimentos uma maior visibilidade às lutas, denúncias e reivindicações em prol de uma transformação social. É nesse contexto de interatividade na esfera virtual que os movimentos sociais sentiram a necessidade de se apropriar dessas novas formas de comunicação, a fim de promover mobilizações e alcançar o maior número de pessoas em prol de um interesse comum, contribuindo para a democratização dessa comunicação. A respeito disso, discorreremos no próximo tópico.

3.2 OS MOVIMENTOS SOCIAIS EM REDE: O CIBERATIVISMO

Para melhor entender a relação das redes sociais e os movimentos sociais desenvolvidos no ciberespaço, é interessante antes compreender, tanto o tipo de movimentos, quanto as redes e suas complexidades. Embora as grandes mobilizações apresentadas a seguir não sejam o foco desta pesquisa, acreditamos que desenvolver reflexões sobre essas questões nos dão um respaldo maior sobre a relação entre os discursos apresentados nos ciberespaços pelas feministas, advindos dos desdobramentos dos movimentos sociais em rede.

Para iniciarmos essa discussão, são os dois autores de grande importância para o desenvolvimento de tais conceitos, o sociólogo Allan Touraine e o espanhol, responsável por análises mais recentes, Manuel Castells, que ao longo dos anos e das transformações nessa era da conexão foi desenvolvendo definições e análises dos novos desdobramentos dos movimentos sociais conectados em rede.

Segundo Alain Touraine (1976), os movimentos sociais são o coração, o pulsar da sociedade, expressando energias de resistência ao velho que oprime e ao novo que liberta. Esse novo se constrói a partir de ações coletivas que agem como resistência à exclusão, lutando assim por uma inclusão social. Sendo assim, a partir da realização dessas ações, são projetados em seus participantes um espírito de pertencimento social, ou seja, aqueles que eram excluídos passam a sentir-se incluídos através das ações coletivas de grupos ativistas. Glória Goahn, importante pesquisadora acerca do tema, acrescenta que movimento social:

[...] é sempre expressão de uma ação coletiva e decorrente de uma luta sociopolítica, econômica ou cultural. Usualmente ele tem os seguintes elementos constituintes: demandas que configuram sua identidade; adversários e aliados; bases, lideranças e assessorias – que ao se organizam em articuladores e articulações e formam redes de mobilizações; práticas comunicativas diversas que vão da oralidade direta aos modernos recursos tecnológicos; projetos ou visões de mundo que dão suporte a suas demandas; e culturas próprias nas formas como sustentam e encaminham suas reivindicações. (GOAHN, 2008, p. 14).

Para Tourraine, os movimentos sociais são derivados das lutas de classes. Em seu livro *Em defesa da Sociologia* (1976), o autor postula que, para se compreender os Movimentos Sociais, é necessário ter em conta as estruturas sociais nas quais eles se manifestam. Ou seja, cada estrutura social possui conjunturas diferentes relacionadas a um contexto histórico específico onde há confrontos no campo das relações sociais, e que isso irá depender de modelos políticos, culturais e sociais de cada lugar. Dessa maneira, os movimentos sociais surgem de acordo com as necessidades de cada estrutura social, porém na sociedade contemporânea atual é nas redes sociais que eles encontram um lugar comum de partilha.

No entanto, a partir desse pensamento trazemos o seguinte questionamento: o que poderia ter em comum entre as mobilizações sociais geradas nos últimos anos na Espanha, México, Brasil, Egito e Estados Unidos? Se levarmos em consideração apenas as pautas e demandas concretas da estrutura social de cada país, as revoltas podem parecer desconexas. Entretanto, a explosão do movimento espanhol 15M¹⁰, o nascimento do #YoSoy131¹¹ no México, a defesa do Gezi Park em Istambul, o Occupy Wall Street¹² e as revoltas iniciadas pelo Passe Livre no Brasil, parecem estar conectados por algo que *a priori* escapa à lógica. Todos esses protestos foram promovidos pelas novas mídias advindas da Internet e tiveram como característica básica a participação popular, utilizando o ciberespaço como um mecanismo impulsionador e difusor das demandas e ações diretas. À vista disso, podemos perceber que as formas de disseminação de cada movimento demonstram um dos principais pontos em comum: as redes sociais. De acordo com Castells (2013), em seu mais recente livro *Redes de Indignação e Esperança*, no qual analisa os novos desdobramentos dos movimentos sociais conectados em rede nos situa que nesse mundo globalizado,

Os movimentos são virais, seguindo a lógica das redes da internet. Isso se dá não apenas pelo caráter viral da difusão das mensagens em si, particularmente das imagens de mobilização, mas em função do efeito que demonstração de movimentos que brotam por toda parte. Temos observado essa capacidade viral de um país para outro, de uma cidade para outra. Ver e ouvir protestos em algum outro lugar, mesmo

¹⁰ 15M foi uma série de protestos espontâneos ocorridos na Espanha iniciados no dia 15 de maio de 2011. Tais protestos se deram através de cidadãos que inicialmente se organizaram a partir das redes sociais e idealizados em um primeiro momento pela plataforma civil e digital *¡Democracia Real Ya!*

¹¹ O nome “YoSoy131” se refere a um vídeo disponibilizado na rede social *Youtube*, no qual 131 estudantes contestavam as declarações de políticos nos meios de comunicação de massa que buscavam diminuir a importância de um protesto estudantil contra Enrique Peña Nieto ocorrido no dia 11 de maio de 2012, na Universidade Iberoamericana da Cidade do México.

¹² É um movimento iniciado em 17 de setembro de 2011 nos Estados Unidos, que buscavam e ainda buscam denunciar a impunidade dos responsáveis e beneficiários da crise financeira mundial.

que em contextos distantes e culturas diferentes, inspira a mobilização, porque desencadeia a esperança da possibilidade de mudança. (CASTELLS, 2013, p. 162).

É a partir do advento das novas tecnologias que as redes sociais passaram a se tornar armas eficazes na mobilização das pessoas. Dessa forma, entendemos que “as redes sociais digitais baseadas na internet e nas plataformas sem fio são ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir.” (CASTELLS, 2013, p. 167).

Segundo pesquisa divulgada pelo IBGE, os dados referentes à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 2013 mostram que apenas 49,4%¹³ da população no Brasil têm acesso à Internet. Apesar de somente a metade de a população brasileira ter acesso à rede, a presença das redes sociais na vida das pessoas não passam despercebidas, muito menos os discursos que circulam no ciberespaço. A nova era da informação em que vivemos permite que discursos das minorias¹⁴, como o do movimento feminista, o do movimento de negros e o do movimento LGBT possa ser circulado em rede, sem que necessariamente tenham que passar por alguma censura prévia, como seria o caso das mídias televisivas. É notório o avanço e a visibilidade que os movimentos sociais no Brasil tiveram nos últimos anos, desdobrando-se em novos tipos de movimento democrático, “que estão reconstruindo a esfera pública no espaço da autonomia constituído em torno da interação entre localidades e redes da internet...”. (CASTELLS, 2013, p 31).

Por conseguinte, as mobilizações sociais na Sociedade em Rede são amplamente fundamentadas na Internet, tornando-se um elemento necessário, ainda que não suficiente para uma ação coletiva. Posto isso, de acordo com Castells (2013, p. 167):

As redes sociais digitais baseadas na internet e nas plataformas sem fio são ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir. Mas o papel da internet ultrapassa a instrumentalidade: ela cria as condições para uma forma de prática comum que permite a um movimento sem liderança sobreviver, deliberar, coordenar e expandir-se. (CASTELLS, 2013, p. 167).

De maneira geral, quando os dois elementos (redes sociais e movimentos sociais) se unem em prol de um objetivo, fazem com que a razão pela qual lutam se fortaleça e chegue ao alcance de pessoas comuns, desde que essas tenham acesso à Internet. Apoiadas em sua

¹³ Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150429_divulgacao_pnad_ibge_lgb>. Acesso em: 14 abr 2016;

¹⁴ Segundo Sodré (2005) a noção contemporânea de minoria refere-se à possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do Poder aqueles setores sociais ou frações de classe comprometidas com as diversas modalidades de luta assumidas pela questão social. Por isso, são considerados minorias os negros, os homossexuais, as mulheres, os povos indígenas, os ambientalistas, os antineoliberalistas, etc. O que move uma minoria é o impulso de transformação.

forma dinâmica, as redes funcionam como um espaço de troca de conhecimento e compartilhamento de informações, existindo, dessa forma, uma conexão fundamental entre a Internet e os movimentos sociais em rede, porquanto eles comungam o que Castells (2013) veio a denominar de “cultura da autonomia”. Dado que esta pesquisa tem como um dos pontos principais compreender e analisar a construção de discursos feministas como uma ação política presente em postagens das Redes Sociais é nesses ambientes, sobretudo, como o *Facebook*, que essas mobilizações tomam impulso e se popularizam, passando a ser conhecidas pelo público alvo. A respeito disso, é interessante perceber de que maneira o *Facebook* tende a separar os grupos por interesses em comum, tais como legalização do aborto e direitos iguais para homens e mulheres, por exemplo, que passam a possuir páginas dedicadas exclusivamente para estes temas. Além disso, esses temas têm a possibilidade de se disseminar e atingir outras pessoas, além das associadas a essas páginas, através de ferramentas de compartilhamento, dentre outras já citadas.

Uma das campanhas originadas no *Facebook*, relacionada a esse estudo, por exemplo, é a “Eu não mereço ser estuprada”, que surgiu devido ao resultado da pesquisa “Tolerância social à violência contra as mulheres” divulgada em março de 2014, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). O dado impulsionador da campanha foi o percentual de brasileiros que concordavam, total ou parcialmente, com a afirmação “Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”: a princípio 65% de aproximadamente 4 mil pessoas. Em resposta a esses dados, a jornalista brasileira Nana Queiroz inicia a campanha a partir da publicação de uma foto em que aparecia sem a parte superior de roupa, com os braços tapando os seios onde estava escrito “Não mereço ser estuprada”. A partir dessa publicação, a jornalista convida outras pessoas a postarem fotos similares e acompanhadas da frase temática em um evento no *Facebook* criado por ela. Foram mais de 40 mil usuários confirmados. (BORELLI; DIAS, 2014).

Figura 1 - A jornalista Nana Queiroz e a foto que deu início a mobilização virtual



Fonte: <http://diariocatarinense.rbsdirect.com.br/imagesrc/16345248.jpg?w=620>

A proporção que a campanha tomou nas redes foi tamanha que o movimento acabou inspirando outras ramificações fazendo com que outras mulheres se mobilizassem para postar fotos com o mesmo tema e relatos. A *fanpage* do movimento se popularizou através da *hashtag*¹⁵ #nãomereçoserestuprada, e essa popularização trouxe uma nova configuração à *fanpage*, se transformando em um espaço de luta sobre questões de gênero, reunindo ativistas, trazendo relatos de vivências de outras mulheres e mobilizando a denúncia da violência contra as mulheres. Dessa maneira, o conteúdo da página superou a performance imagética das fotos, idealizada inicialmente por Nana Queiroz, pois se transformou em uma grande mobilização sobre diversas questões que permeiam a luta das mulheres e do movimento feminista.

Nesse sentido, não é possível dizer que apenas o compartilhamento de uma ideologia possa transformar a sociedade. Entretanto, a inserção desse tipo de campanha realizada na Rede Social online possibilita a conscientização das pessoas sobre questões que ainda permeiam a vida das mulheres, por exemplo, a violência, os abusos e as relações desiguais. No caso dessa campanha, pudemos ver resultados, pois a mobilização foi tamanha que chegou ao ponto de em uma semana, após o “boom” de compartilhamentos, o IPEA reconsiderar o resultado da pesquisa, atribuindo o erro a uma confusão entre gráficos, divulgando uma nota de alteração do percentual inicial, de 65% para 26%.

¹⁵ *Hashtags* são palavras-chave precedidas do símbolo #, conhecida também como jogo da velha, que, quando usadas, alimentam uma interação dinâmica na rede social onde é utilizada acerca da palavra-chave escolhida.

A partir do exemplo, podemos perceber que essas mobilizações sociais em rede muitas vezes “[...] são desencadeados por emoções derivadas de algum evento significativo que ajuda os manifestantes a superar o medo e desafiar os poderes constituídos apesar do perigo inerente a suas ações.”. (CASTELLS, 2013, p. 158).

Castells (2013) compreende que um dos mais poderosos sentimentos humanos do mundo é o medo, que seria o maior obstáculo para impulsionar transformações sociais, tais como o medo da repressão policial, da impunidade, etc. No entanto, o mesmo autor afirma que o único modo de combater o medo é utilizando um sentimento de força igual: a raiva. Entretanto, quando essa raiva explode, ela se transforma, haja vista as palavras do autor, em indignação:

Por que as pessoas só podem desafiar a dominação conectando-se entre si, compartilhando sua indignação, sentindo o companheirismo e construindo projetos alternativos para si próprias e para a sociedade como um todo. Sua conectividade depende de redes de comunicação interativas. Em nossa sociedade, a forma fundamental de comunicação horizontal em grande escala baseia-se na internet e nas redes sem fio. Além disso, é por meio dessas redes de comunicação digital que os movimentos vivem e atuam, certamente interagindo com a comunicação face a face e com a ocupação do espaço urbano. Mas as redes de comunicação digital são um componente indispensável na prática e na organização desses movimentos tal como existem. (CASTELLS, 2013, p. 167).

Estamos diante de uma nova era de interatividade, na qual muitas práticas sociais foram reconfiguradas para acompanhar o desenvolvimento das novas tecnologias que permeiam a vida social no mundo contemporâneo e globalizado. Os movimentos sociais também foram reconfigurados para poder acompanhar as transformações dessa nova era da conexão, onde as mobilizações das ruas foram parar nas Redes Sociais formando novas configurações de ativistas políticos, os ciberativistas, no qual conceituaremos a seguir.

3.2.1 Ativismo online: ciberativismo

De acordo com o que explicitamos em pontos anteriores, verifica-se que esta é a era da conectividade e da mobilidade. Dentre os meios comunicativos que existem na contemporaneidade, a Internet ganha popularidade por ser um espaço minimamente democrático comparado a outras ferramentas de comunicação. Esse mundo cada vez mais interconectado permite, aos movimentos sociais atuais, uma rápida difusão de imagens e ideologias, onde indivíduos são capazes de formar redes e comunidades partilhando suas opiniões e seus posicionamentos políticos. Assim, com o advento das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), e com o limite que separa o virtual e o real cada vez mais

tênue, o lugar de militância está cada vez mais ampliado. O *Facebook*, enquanto rede social virtual tornou-se, de certa forma, uma ferramenta apropriada simbolicamente para construir o espaço social ativista no cotidiano, onde são articuladas ações que facilitam o contato e promovem a mobilidade e a união de um pensamento individual compartilhado por um grupo de interesse semelhante no ciberespaço.

A partir dessas novas formas de interação social, também surge uma nova configuração de ativismo político mediado através da Internet: o ciberativismo, também chamado de ativismo online ou digital. As formas que esse novo tipo de ativismo incorpora têm estratégias para alcance dentro e fora da rede, já que o espaço virtual, além de ser um meio de discussão e difusão dessas ideologias, tem um caráter de informar e reivindicar, buscando apoio e integração social em prol de uma causa. De forma conceitual, Ugarte (2007) esclarece que o ciberativismo:

É toda estratégia que persegue a mudança da agenda pública, a inclusão de um novo tema na ordem do dia da grande discussão social, mediante a difusão de uma determinada mensagem e sua propagação através do 'boca a boca' multiplicado pelos meios de comunicação e publicação eletrônica pessoal. (UGARTE, 2007, p. 77).

Nessa concepção, o ciberativismo é visto como ação e estratégia, um agente virtual mobilizador de discursos que questiona as bases da nossa sociedade. Essa militância tem a intencionalidade de ultrapassar e de alcançar outras pessoas e outros meios, a fim de garantir um debate social ou que não estava sendo difundido, ou que não tinha visibilidade nas mídias tradicionais. Dentro dessa perspectiva, o ativismo virtual amplia a atuação social, possibilitando, assim, uma visibilidade pública, uma difusão e uma reconfiguração da informação: a interação possibilita o engajamento, a rearticulação de laços, a conquista de novos integrantes, senão um grupo de comum pensamento.

Dessa maneira, Castells ressalta a importância estratégica de:

se utilizar o enorme potencial da Internet, por exemplo, para reviver a democracia, não enquanto substituição da democracia representativa por meio do voto, e sim para organizar grupos de conversação, plebiscitos indicativos e consultas sobre distintos temas, disseminando informações na sociedade. (CASTELLS, 1999, p. 91).

A utilização da *Internet* como ferramenta para o ativismo político virtual sofreu impulso a partir de 1999, quando foi promovido, em Paris, através da organização ATACC¹⁶,

¹⁶ ATTAC - Associação pela Tributação das Transações Financeiras para ajuda aos Cidadãos. Disponível em: <<https://www.attac.org/>>. Acesso em: 20 ago 2016.

um encontro que tinha por objetivo definir formas de atuação dos movimentos sociais que se opunham ao neoliberalismo. No Brasil, essa conscientização da Internet enquanto um importante meio de difusão de reivindicações foi impulsionado através do Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre, em 2001. Tal Fórum se constituiu enquanto um espaço democrático para a difusão de ideias, aprofundamento de reflexões, bem como a troca de experiências e articulação de movimentos sociais, redes, ONGs e outras organizações que se opunham ao liberalismo e ao imperialismo.

A partir de então, com a consolidação das redes sociais na Internet, o ciberespaço vem se constituindo como um meio de potencializar diversas lutas e difusão de discursos que viabilizem as pautas de minorias que estão à margem da sociedade. De acordo com Naomi Klein (2002), esse novo modelo de militância espelha as vias orgânicas, descentralizadas e interligadas pela Internet. Assim, o ciberativismo vem se apresentando como uma nova forma de expressão e se colocando de uma forma muito mais democrática em relação à estrutura da mídia dominante, desenvolvendo novas formas de interação e mobilização.

De acordo com Lemos (2004), o ciberativismo pode ser definido como as práticas associativas de utilização da Internet por movimentos politicamente motivados. Ou seja, é a busca pela informação, mobilização e ação social que possui como pilar as novas tecnologias no ciberespaço. Em outras palavras, esse ativismo virtual congrega e solidifica o ciberespaço como ferramenta de mobilização, deixando claro como a Internet possibilita a mobilização de discursos que rompem com paradigmas da vida social.

Segundo Castells (2003, p. 116), “há uma luta para mudar os códigos de significado nas instituições e na prática da sociedade, é a luta essencial no processo de mudança social no novo contexto histórico”. Desse modo, as práticas discursivas feministas na rede social *Facebook* também vêm demarcando o seu território dentro desse contexto de militância virtual.

4 GÊNERO

“Por um mundo onde sejamos socialmente iguais,
humanamente diferentes e
totalmente livres.”

(Rosa Luxemburgo)

Os estudos de gênero têm procurado acentuar o caráter social das diferenças ditas sexuais e desvelar a relação entre os gêneros como uma complexa rede de poderes naturalizados e levados bem além do biológico pela distinção entre feminino e masculino. Essa distinção é, ao mesmo tempo, fragmentada pelas repetições, pelas modificações e pelas recusas da incessante constituição das identidades de gênero¹⁷. Distinções essas que são reforçadas ao longo dos anos através da constituição de práticas sociais que determinam, de forma binária, o que é ser homem e o que é ser mulher na nossa sociedade patriarcal¹⁸. Segundo Magalhães:

Longe de serem fixas, as identidades de gênero são constituídas quando são repetidas num contexto social de controle, como é o caso da família. A razão pela qual parecemos ser tipos particulares de pessoas está no fato de que repetimos nossos atos (linguísticos) até que passam a fazer parte integral de nosso ser. (MAGALHÃES, 2008, p. 63).

Além da desnaturalização do gênero, o caráter performativo das identidades de gênero começa a ganhar espaço na contemporaneidade sob uma forte influência das reflexões de Judith Butler (1993, 1997, 1999).

Antes de iniciarmos uma discussão a cerca do gênero feminino, com o objetivo de compreender melhor o gênero como constitutivo de performatividade, abrimos um espaço para algumas ponderações sobre a teria dos atos de fala.

4.1 GÊNERO E ATOS DE FALA

A teoria dos atos de fala foi elaborada inicialmente por John L. Austin (1911-1960) e reinterpretada posteriormente por J. R. Searle. Nessa abordagem, Austin (1975) concebe que um ato de fala é uma forma de agir no mundo e que, quando falamos, fazemos.

¹⁷ Segundo Butler (2010, p. 45), identidade de gênero é um efeito das práticas discursivas, entendida como uma relação entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Entretanto, acrescentaremos a esse estudo um caráter mais social e político às identidades de gênero, dando maior atenção à noção de hierarquia entre os sexos.

¹⁸ O patriarcado consiste em um sistema de dominação e exploração sobre as mulheres (SAFFIOTI, 2004). Sendo assim, ele é um sistema que na medida que subordina e desvaloriza as mulheres, privilegia e concerne poder e legitimidade aos homens, inclusive, no controle sobre o corpo e a vida das mulheres. (CISNE, 2010).

Na primeira conferência da obra *How to things with words* (1975), Austin acreditava que os atos de fala podiam ser divididos em constativos ou performativos. Os atos constativos se caracterizavam pelo uso de uma sentença para descrever algo, como, por exemplo, “Luana é feminista” e, por sua vez, os atos performativos marcavam-se pela realização de uma ação, por exemplo, “Eu lhe declaro culpado”.

No entanto, Austin, posteriormente, reconsiderou sua própria noção de constatividade, pois, no fim das contas, tudo o que há são enunciados performativos (RAJAGOPALAN, 2010, p. 15). Segundo Ottoni:

Quando Austin desfaz a distinção performativo-constativo, ele instaura um rompimento: a fala produz um ato que tem uma força e produz um efeito. A visão performativa surge na ruptura: o ato é percebido e por isso produz ação, ação do eu, do corpo. (OTTONI, 1995, p. 89).

O performativo, assim, não descreve nem o verdadeiro nem o falso, mas faz algo, realizando-se num contexto determinado. Essa visão abre espaço para um conceito de pragmática linguística mais plural, no qual cultura e indivíduos estão intrinsecamente conectados.

Austin (1975) reflete sobre a linha que separa os atos que fazemos e suas consequências, levando em conta que o ato de fala é constituído por uma tripartição (ato locucionário, ato ilocucionário e ato perlocucionário). Suas reflexões nos levam ao ato físico, sendo o ato ilocucionário a ação que é realizada quando o ato é proferido e o ato perlocucionário que se faz por consequência ao efeito do dizer.

No entanto, onde estaria incluído o sujeito nessa visão performativa de linguagem? E será que ele realmente estaria consciente daquilo que produz linguisticamente? Para Pinto (2002), na linha de pensamento austiniano, o sujeito não teria plena consciência de seu dizer e, portanto, é possível pensar o performativo considerando o corpo do sujeito que fala, pois “o sujeito de fala é aquele que produz um ato corporalmente; *o ato de fala exige o corpo.*” (PINTO, 2002, p. 105). Dessa maneira, o corpo não é um elemento tão somente à parte de qualquer enunciação, mas um elemento que é integralmente regulado por determinadas convenções sociais que se tornaram ritualizadas.

Isso não significa que esse sujeito tenha plena consciência de sua intenção, pois o que o constitui enquanto tal é a performatividade de uma ação linguística conectada a uma ação corporal. A noção de sujeito estável, como apontou Rajagopalan (1998) sobre a noção de

indivíduo atrelada ao sujeito, oferece alguns problemas para a noção de performatividade, na medida em que “quer controlar e prever elementos imprevisíveis nas condições insaturáveis de produção dos atos de fala que postulam identidades”. (PINTO, 2002, p. 108).

Dessa forma, teríamos uma identidade performática de sujeito produzida nas repetições de atos de fala e de corpo que são determinados nas práticas sociais que atravessam os sujeitos. Sendo assim, podemos afirmar que a produção de um ato de fala irá depender da sobreposição com o ato corporal, pois a identidade do sujeito não poderia ser vista a partir de um conjunto de traços estáveis, mas como uma questão de performatividade.

É pelo contexto de uma performatividade linguageira que podemos afirmar que gênero é um construto performativo, cuja estilização do corpo (e da fala) está sempre em contínua performatividade. Se observarmos a filosofia ocidental, perceberemos que o corpo se apresenta como uma conceptualização problemática, pois normalmente são atribuídas aos seres humanos características dicotômicas: mente/corpo, razão/emoção, masculinidade/feminilidade. No entanto, essa dicotomização precede a uma hierarquia entre os elementos e é, sobretudo, na dicotomia entre as identidades de gênero que podemos perceber de maneira mais forte questões entre dominante e dominado. Segundo Grosz (2000, p. 67), “a oposição macho/fêmea tem sido intimamente aliada à oposição mente/corpo”, nesse caso, o homem está relacionado à razão, enquanto a mulher ao corpo, um corpo frágil e imperfeito. Assim, as mulheres são consideradas mais biológicas e corporais, se inserindo dentro desse sistema dicotômico de posições sociais e desiguais entre os gêneros, posições essas que podem ser percebidas através da repetição desses atos de fala.

4.2 GÊNERO FEMININO

No primeiro capítulo de seu livro *Problemas de Gênero*, Judith Butler (2010) propõe uma reflexão sobre a necessidade de se construir um sujeito do feminismo. Nesse contexto, Butler (2010) começa a questionar a categoria mulher (em prol do qual se reivindica representação política), como algo estável e evidente, pois, “Se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é”. (BUTLER, 2010, p. 21). Considerando essas reflexões, então, quem seriam essas mulheres? Ou, como questiona Butler (2010), não seria a construção da categoria “mulheres” uma reificação das relações de gênero? Haveria uma emancipação possível dessa categoria fora de uma matriz binária?

A mesma autora reafirma a própria constituição da identidade do sujeito, que não se dá apenas pelo gênero, mas por sua relação entre modalidades raciais, classistas, sexuais, etc., que não seja marcada por uma constituição ontológica de uma identidade estável e comum para todas as mulheres. Afinal, mulheres brancas e negras sofrem os mesmos tipos de opressões sociais? Nesse caso, o ponto em comum é o fato de serem mulheres, mas dentro dessa implicatura nos deparamos com outras questões que, como aponta Butler, são pertinentes para a construção da identidade de um sujeito. Nesse sentido, o feminismo surge das lutas do sujeito ‘mulheres’, instalando um conjunto de práticas e identidades políticas.

De acordo com Simone de Beauvoir (1973, p. 301 *apud* BUTLER, 2010, p. 26) “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Ou seja, tanto para Butler, quanto para Beauvoir, o gênero é uma construção social. Segundo Butler (2010, p. 27), não há nada que garante que esse “ser” que se torna mulher seja necessariamente fêmea. A noção de gênero se situaria então nos papéis sociais do homem e da mulher assumidos ao longo de sua história envolvidos assim numa dialética de poder. Sendo assim, o gênero se liga ao sociocultural e se constrói de maneira performática sendo influenciado pelos atos de fala nas mais variadas situações de uso da linguagem. Esses usos permitirão, por exemplo, uma contestação dos papéis sociais de gênero pré-estabelecidos. Seguindo esse pensamento, essa performatividade poderia então ser a chave para o feminismo subverter os sentidos do discurso sexista e patriarcal que ainda dominam as mais variadas culturas.

Considerando essas observações, “gênero é uma realização performativa compelida pela sanção social e o tabu, e é nesta característica performativa que reside a sua possibilidade de contestação” (PINTO, 2013, p. 36). De acordo com o pensamento de Pinto (2013), é no e pelo discurso que são construídos os papéis sociais que legitimam o que é ser homem e o que é ser mulher na nossa sociedade. Ampliando essa visão, Teles e Melo afirmam que:

Os papéis impostos às mulheres e aos homens, consolidados ao longo da história e reforçados pelo patriarcado e sua ideologia, induzem relações violentas entre os sexos e indica que a prática desse tipo de violência não é fruto da natureza, mas sim do processo de socialização das pessoas (...). A violência de gênero pode ser entendida como ‘violência contra a mulher’. (TELES e MELO, 2003, p.18).

Fica claro então que tais papéis não foram consolidados pelo fruto da natureza humana. São as repetições dos atos de fala que, de certa forma, legitimam o que é ser homem

e o que é ser mulher e que também constroem uma identidade de gênero; ou, como podemos perceber, essa identidade não se estabelece sem interferência do discurso.

No entanto, para melhor entender a construção desses papéis, se formos pensar no que socialmente foi construído por natureza do gênero, no universo da dicotomia sexista patriarcal, a natureza masculina seria a que espelharia objetividade e racionalidade, enquanto que a feminina estaria relacionada à dispersão, emoção e pouca segurança. No que tange à identidade feminina, podemos dizer que, de certa forma, ela sempre esteve atrelada a uma espécie de curiosidade cultural, sobretudo quando a mulher ocupa lugares que socialmente são colocados para os homens. Nesse *habitat* masculino, a identidade feminina é constantemente questionada através de expressividades socioculturais que se performatizam no discurso. De acordo com Martins Ferreira (2010), o percurso de uma figura feminina no discurso midiático, por exemplo, se delimita em conceitos fatoriais de uma tríade que envolve o social, o cultural e o ideológico:

O social se organiza pelo convívio coletivo, pelo desempenho e interação de papéis/funções, compartilhados em um tempo e em um espaço contextualizadores. O cultural se explica pelo universo semântico que advém das práticas sociais. E o ideológico trata de investimentos de valores no universo semântico da cultura, os quais se articulam em sistemas significantes. (MARTINS FERREIRA, 2010, p. 4).

Sendo assim, essa tríade organiza a identidade feminina através de uma construção na produção e na manifestação do discurso. Essa rede anatômica do social, cultural e ideológico de que fala Martins Ferreira em seu livro *Discurso feminino e identidade social* (2009), constrói uma axiologia cultural feminina que se divide entre duas categorias: feminilidade e “feminilidade”. A feminilidade seria a mulher feminina, sendo uma construção de padrões culturais, baseadas em arquétipos patriarcais nos quais a mulher enquadra-se ou não em categorias valorativas do tipo: beleza, sensibilidade, meiguice, submissão, maternidade. Já a “feminilidade” configura uma mulher forte, integrada à força produtora da sociedade, mãe, educadora, ser criativa e independente. (MARTINS FERREIRA, 2009). Os átonos da linguagem nessas duas categorias seriam uma variável do feminino em final do século XX, no Brasil, que, de alguma forma, representam um instante do ser mulher. Sendo assim “O feminino é percebido por atributos que a agência languageira extravasa em um processo de fazeres interligados.”. (MARTINS FERREIRA, 2010, p. 4).

No entanto, esse feminino é colocado à prova sempre que uma mulher decide atribuir outras características que não se relacionam com uma feminilidade, isso faz com que

o seu ser mulher, ou até mesmo a sua identidade feminina seja questionada de forma constante. Dessa maneira, podemos usar como exemplo assumir papéis de determinação, força, liderança, etc., e, até mesmo, ser Presidente da República, um bom exemplo para isso é a Ex-presidenta do Brasil, Dilma Rouseff. Ainda que esse não seja o foco deste trabalho, o exemplo mais atual do que estamos falando é certamente o da Presidenta. Em seus dois mandatos sofreu um conjunto de atos de fala violentos levando a ser questionadas a sua feminilidade e feminilidade e que, de certa forma, ajudou a culminar em seu recente afastamento do cargo. No caso da presidenta Dilma, eram observadas e cobradas características que se distanciavam do seu desempenho enquanto Presidente da República. As críticas advinham também pela sua performance enquanto mulher, bem como dos signos atribuídos a uma construção sexista binária. Roupas, brincos, forma de andar, se era casada, etc. – questões de uma feminilidade que naturalmente é cobrada às mulheres em nossa sociedade patriarcal. Nesse universo de questionamentos de uma identidade feminina também se apresenta a falsa liberdade que é colocada para nós mulheres. Entretanto, é no cerne dessa “liberdade” que se esconde todo um discurso patriarcal que nos coloca constantemente dentro de um contexto masculino dominante. Nesse contexto, ainda que a mulher esteja ocupando um cargo político de poder, ela sempre estará associada a uma questão falocrática, pois seu poder é atribuído a características de um poder que transita no feminino (“feminilidade”) “forte, durona”. Sempre associadas às características da fragilidade de uma feminilidade construída:

Apenas no mundo do imaginário é que a liberdade existe, porquanto no ‘escondido’ da ideologia a figura feminina ainda continua presa aos atributos do patriarcado. Seu poder é da beleza e do prazer e não da agência de uma prática do poder político-social (MARTINS FERREIRA, 2010, p. 7).

Podemos, então, perceber que nesse exemplo (o da presidenta Dilma) o que era colocado à prova era a sua feminilidade, pois, independente do seu desempenho político, certamente, se fosse um homem em seu lugar não teria sofrido tantas críticas. Nessa mesma linha de raciocínio, Souza-Lobo (2011, p. 288) afirma que “sexismo e racismo são questões políticas, que fazem parte da nossa vida, do dia a dia das que procuram emprego, vão aos hospitais ou postos de saúde, abortam escondidas como criminosas, amam, andam pelas ruas, cuidam dos filhos”. Relacionando a identidade feminina aos atributos do patriarcado, a autora destaca como exemplos vivos do sexismo alguns anúncios reais de emprego que foram registrados no Sistema Nacional de Empregos (Sine), em São Paulo:

Procura-se:

Secretária com um ano de experiência, 1º grau completo, *hiperbonita* para trabalhar com diretor de firma.

Recepcionista com boa apresentação, boa aparência, *que não seja de cor*, nem japonesa.

Engenharia civil *feminina*, recém-formada e japonesa.

Faxineira *magra* e esperta.

Cozinheira *que não seja gorda*. (destaque nosso) (SOUZA-LOBO, 2011, p.287).

Nessa citação, podemos perceber o quanto a figura feminina ainda continua atrelada a essa “ditadura da beleza”, que estabelece como padrão o belo (*hiperbonita*), a cor branca (*que não seja de cor*) e a magreza (*que não seja gorda*).

Sendo as identidades de gênero uma construção social e interligada a um conjunto de atos repetidos, acreditamos que a linguagem tem um papel fundamental na construção e subversão dessa identidade feminina, pois, como tal, opera na diferença entre os gêneros, podendo subverter os papéis socialmente construídos. Como sintetiza Herbele (2004, p. 106), “Como muitas feministas (...), acredito que, ao usarmos a linguagem, participamos ativamente da construção de significados”.

No ponto a seguir, perceberemos como a luta feminista vem se constituindo ao longo do tempo como um elemento importante para a subversão dessas relações desiguais de gênero.

4.3 BREVE TRAJETÓRIA DO FEMINISMO E DO MOVIMENTO FEMINISTA

Se pararmos para pensar sobre os diversos momentos históricos que perpassaram os desdobramentos das práticas sociais em nossa sociedade, independente do sistema político e econômico notaremos que o feminismo sempre existiu. E aqui falamos de feminismo no sentido que, de certa forma, a mulher sempre reivindicou, de forma individual ou coletiva, as relações desiguais de gênero impostas pelo patriarcado. No entanto, no que se concerne ao feminismo enquanto movimento de mulheres organizadas em torno de reivindicações para mudar o mundo e suas vidas, esse movimento se insere dentro de um contexto político, histórico e social que foi se afirmando e ganhando força ao longo dos anos. Tal movimento

social interferiu e continua interferindo na conjuntura, nas visões políticas, nas estratégias e formas organizativas, tomando diversas proporções e sendo atravessado por diversos discursos até chegar a uma nova conjuntura que se performatiza em um leque de reivindicações de seu sujeito: mulheres.

Nesse sentido, aqui trataremos brevemente a trajetória histórica do movimento feminista até chegarmos a uma nova conjuntura que se relaciona com o advento das novas tecnologias, o ciberfeminismo. Nessa trajetória histórica, dividiremos a apresentação em quatro blocos: o feminismo pré-moderno, que se inserem as primeiras manifestações de uma polêmica feminista; o feminismo moderno, que se inicia principalmente a partir das obras de Poulain de la Barre (1673) juntamente com o movimento de mulheres e feministas da Revolução Francesa; o feminismo contemporâneo, que analisa a segunda onda do feminismo a partir dos anos 60-70 que se desdobrou e se desdobra nas últimas tendências do movimento; e por último, o feminismo em rede, que se insere dentro de um contexto cibernético e se apropria das novas interações sociais dentro do ciberespaço, desdobrando-se em diversas ações que se iniciam nas redes sociais online e que reverberam em ações políticas dentro e fora da rede.

4.3.1 Feminismo pré-moderno

Partindo da história ocidental a partir da religião, da lei e da ciência, percebemos como cada período histórico foi tecendo minuciosamente o discurso e a prática que afirmava a inferioridade da mulher em relação ao homem. Ao longo dos séculos, esse discurso foi tomando força e sendo estruturado na nossa sociedade patriarcal. No entanto, ao passo que esse discurso era constituído, também era criticado em cada momento histórico de diversas formas por mulheres que lutavam por direitos iguais.

O chamado Feminismo pré-moderno se constituiu em um período histórico que transita entre a Antiguidade Clássica, o fim da Idade Média e o surgimento do período renascentista, quando ocorreram as primeiras manifestações de polêmicas feministas. O período renascentista trouxe consigo um paradigma humano que se relacionava com a autonomia, autonomia essa que não se estendia para as mulheres. Foi nesse período que Christine de Pisan escreveu o livro *A cidade das mulheres* (1405), um marco da polêmica feminista da época. Pisan era uma escritora francesa do séc. XIV e foi possivelmente uma das primeiras feministas a possuir um discurso articulado em defesa do direito das mulheres,

defendendo assim a igualdade entre os sexos. Com o desenvolvimento desse livro, Pisan esteve implicada na primeira polêmica literária francesa por desenvolver uma espécie de manifesto do movimento feminista, apontando o discurso da inferioridade das mulheres e reivindicando, sobretudo, o direito das meninas a uma educação igual a dos meninos.

Nesse mesmo período histórico, não podemos esquecer-nos de mencionar, ainda que de forma breve, a luta mais sangrenta pela manutenção do Patriarcado e do conservadorismo religioso: a Inquisição. Durante seis séculos (1232-1859) o tribunal inquisitorial contribuiu para estigmatização do feminino como inferior e maligno estabelecendo uma estreita relação entre mulher e bruxaria.

Dessa forma, as maiores vítimas acusadas e queimadas como bruxas se tratavam de mulheres que possuíam conhecimentos que fugiam do saber masculino, como por exemplo, o saber medicinal popular. Como a educação universitária era algo restrito aos homens, esse saber feminino medicinal foi tratado como um concorrente à hegemonia da medicina acadêmica, porquanto, todo o saber que não fosse acadêmico e que não fosse ciência era considerado bruxaria ou obra do Diabo. A cada dez mulheres queimadas, apenas um homem o era.¹⁹ Presentifica-se, de forma nítida, como a Igreja se utilizou da instauração do medo e do terror com o objetivo de se reerguer e reestabelecer o seu poder. A “caça às bruxas” se constituiu em um dos maiores genocídios que consolidou o poder Patriarcal, no qual mulheres foram perseguidas, violentadas, torturadas e queimadas sob acusação de bruxaria.

4.3.2 Feminismo moderno

Apesar de ter sido marcado por poucas conquistas políticas estendida às mulheres, a Revolução Francesa foi um momento histórico importante para a articulação do movimento feminista na modernidade. Foi a partir desse período que o feminismo adquiriu características de uma prática de ação política e organizada, assumindo um discurso próprio que afirmava a especificidade da luta da mulher. Tal projeto político se articulava com a premissa da revolução francesa *Liberté, fraternité et égalité* (*Liberdade, fraternidade e igualdade*), de que todos nascem livres e iguais, logo com os mesmos direitos civis, políticos e educativos. Este

¹⁹ ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. p. 20.

movimento conseguiu construir um sujeito revolucionário coletivo que clamava por igualdade, e não mais uma disputa entre os sexos.

Em 1791 surgem duas grandes obras que trazem a essência do movimento feminista da modernidade: *Déclaration des Droits de La Femme et de la ci-toynne* (O Direito da mulher e da cidadã), de Olympe de Gouges (1791); e o ensaio de Mary Wollstonecraft, em 1792, *Vindication of the Rights of Woman* (Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher), em Londres. Tais obras configuraram “o primeiro documento que afirma a humanidade intrínseca das mulheres, insistindo no seu reconhecimento”. (MILLETT, 1970, p. 12). Em tais obras eram abordados temas como o trabalho, a desigualdade legal, a participação política e a prostituição. Em seu livro *Os Direitos da mulher e da cidadã*, Olympe de Gouges questiona:

Diga-me, quem te deu o direito soberano de oprimir o meu sexo? [...] Ele quer comandar como deposta sobre um sexo que recebeu todas as faculdades intelectuais. [...] Esta Revolução só se realizará quando todas as mulheres tiverem consciência de seu destino deplorável e dos direitos que elas perderam na sociedade. (GOUGES *apud* ALVES; PITANGUY, 1985, p. 33-34).

O discurso apresentado por Olympe de Gouges nos coloca profundamente conectados com as questões dos “direitos naturais” defendidos por Rousseau (1789) – principal ideólogo da Revolução Francesa – mas que não eram estendidos ao sexo feminino. A Revolução francesa foi marcada pela ampla participação da mulher na vida pública em busca de uma igualdade entre os sexos. No entanto, tal participação da mulher na esfera pública foi reprimida através de um decreto da Assembleia nacional em 1795, limitando as mulheres apenas ao âmbito doméstico:

Decreta-se que todas as mulheres se retirarão, até ordem contrária, a seus respectivos domicílios. Aquelas que, uma hora após a publicação do presente decreto estiverem nas ruas, agrupadas em número maior que cinco, serão dispersadas por força das armas e presas até que a tranquilidade pública retorne a Paris. (ROUSSEAU, *apud*, ALVES; PITANGUY, 1985, p. 35).

Tal decreto foi reforçado por Jean Jacques Rousseau (1789) na qual dizia que a mulher deveria se colocar a serviço do homem, desde a infância até sua fase adulta:

Toda a educação das mulheres deve ser relacionada ao homem. Agradá-los, ser-lhe útil, fazer-se amada e honrada por eles, educá-los quando jovens, cuidá-los quando adultos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida útil e agradável – são esses os deveres das mulheres em todos os tempos e o que lhes deve ser ensinado desde a infância. (ROUSSEAU, *apud*, ALVES; PITANGUY, 1985, p. 35).

Com o objetivo de denunciar as ideias misóginas de Rousseau, a autora Mary Wollstonecraft (1792) escreve o livro *Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher* em que

contestava a desigualdade ao acesso à educação entre meninos e meninas. Wollstonecraft acreditava que somente quando as mulheres tivessem acesso à educação e à razão com as mesmas condições que os homens é que ambos os gêneros atingiriam seu potencial completo “... porque é a ignorância que torna a mulher inferior”. (WOLLSTONECRAFT, 1792).

As propostas colocadas durante a Revolução Francesa, antes do decreto de 1795, sobre a inserção da mulher na vida política e civil em condição de igualdade com homens, foram repetidas durante todo o século XIX pelas feministas na luta pelo sufrágio.

O advento do sistema capitalista trouxe consigo profundas consequências para o trabalho feminino, alterando ainda mais as relações entre os sexos. O novo sistema econômico incorporou de maneira massiva as mulheres ao trabalho industrial, como mão de obra mais barata e submissa que os homens. No entanto, as mulheres da burguesia ficavam enclausuradas em casa como símbolo do êxito do trabalho masculino, sendo tidas como propriedades legais de seus maridos e à margem da educação. Foi a partir dessas questões que surgiram as sufragistas, grupo de mulheres que reivindicavam o direito da mulher ao voto. Sua estratégia era de que uma vez tendo conseguido o voto, as mulheres poderiam ter acesso ao parlamento e assim começar a mudar as leis que as tratavam como seres inferiores.

O movimento sufragista se iniciou nos Estados Unidos em 1848 e se estendeu por outros países como Inglaterra e Brasil tornando-se um dos movimentos políticos de massa que teve maior significação no século XX. Tal movimento considerava o voto como um meio de unir a mulheres de opiniões políticas diferentes com um caráter interclassista. Segundo Karawejczyk:

O direito da mulher de votar e escolher os seus representantes políticos foi (de formas diversas, mas sempre uma constante) encarado com desconfiança, pois poderia pôr em risco a família, desagregando-a. A mulher, ao obter o direito a participar mais ativamente da vida política do seu país, exigindo o direito de exercer o voto, estaria subvertendo a ordem natural e universal dos sexos ao intrometer-se no mundo público masculino, desorganizando a vida doméstica e maculando a imagem do anjo do lar. (KARAWEJCZYK, 2007, p. 11).

Foi a partir das reivindicações do movimento sufragista que o movimento feminista passa a ter o reconhecimento de sua ascendência. No Brasil, a luta pelo voto feminino se iniciou em 1910, mais tarde que os Estados Unidos e Inglaterra, quando a professora Deolinda Daltro funda, no Rio de Janeiro, o Partido Republicano Feminino. O objetivo da professora era ressuscitar no Congresso Nacional o debate a cerca do voto da mulher, tema que não era retomado desde 1891 na Assembleia Constituinte. Segundo Saffiotti

(1979), as manifestações feministas no cenário nacional se iniciaram com o retorno de Londres da feminista e bióloga brasileira Bertha Lutz, em 1918, ao ser a primeira mulher a discursar por meio da imprensa a favor da emancipação feminina. Com o plano de levar adiante no Brasil a luta pelo sufrágio das mulheres, Lutz funda em 1922 a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF). O direito ao voto no Brasil foi conquistado paulatinamente nos Estados. No entanto, foi só em 1932, durante o governo de Getúlio Vargas, que foi promulgado o enfim decreto-lei que dava direito de sufrágio às mulheres brasileiras.

4.3.3 Feminismo contemporâneo

Muita coisa mudou para as mulheres na metade do século XX, graças à chamada “segunda onda” do feminismo. Antes dessa “onda”, os anos 30-40 foram marcados por um período de lutas, conquistas e consolidação do movimento feminista; as mulheres já podiam votar e serem votadas, ingressar nas universidades e participar do mercado de trabalho. No entanto, nem todas as pautas reivindicadas pelo feminismo moderno foram alcançadas. A segunda onda feminista que surge em meados dos anos 60 nos Estados Unidos (e em outros países a partir dos anos 70) teve como ponto central a questão da mulher e a autonomia do seu corpo, impondo a divisão entre o biológico e o cultural. Essa divisão tinha por objetivo romper com a ideia de que a mulher era o “sexo frágil”.

Um marco que fundamentou as reflexões feministas nesse período foi o livro *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, (1980), publicado em final da década de 40. Tal livro foi um marco para esse momento de transição do feminismo moderno, dando atenção às raízes culturais da desigualdade sexual. Segundo Beauvoir (1980), dentro dessas raízes culturais, é o homem que se afirma através da sua identidade de sexo, e que essa autoafirmação é feita sobre oposição ao sexo feminino. Ou seja, a mulher é treinada a ser um mero apêndice do homem, ao invés de ser integrada ao seu sexo e sendo reconhecida enquanto sujeito.

Apoiando-se nos postulados de Simone de Beauvoir, Betty Friedan publica na década de 60 nos Estados Unidos a pesquisa *A Mística Feminina* (1971), apontando questionamentos sobre o papel tradicional da mulher. Tal investigação analisava e questionava, sobretudo, a veiculação das revistas femininas da época que reproduziam a ideologia da “feminilidade”, que propunha como plena condição feminina a dedicação

exclusiva à vida doméstica. No mesmo período Kate Millet publica o livro *Política Sexual* (1970), trazendo uma análise política das relações de sexo. Na mesma época, Juliet Mitchell publica *A Condição da Mulher* (1971), buscando compreender a discriminação dos sexos a partir de determinadas especificidades, como, por exemplo, nas diferentes classes sociais. Também no mesmo período, no Brasil, Heleith Saffioti publica *A Mulher na Sociedade de Classes* (1976), analisando a mulher inserida dentro do sistema capitalista e nos apresentando a evolução histórica da condição da mulher no contexto brasileiro.

Através dessas contestações das raízes culturais dessas desigualdades, os anos 60 trouxeram consigo um momento de denúncia da mística do “eterno feminino”, bem como da naturalização de inferioridade de um sexo sob o outro. Dessa forma, o movimento feminista desse período questiona a ideologia da diferenciação de papéis sociais entre homens e mulheres, revelando na verdade as relações de poder entre os sexos. Aprendemos a naturalizar as relações de poder entre os sexos, a menina é ensinada a ser doce, dependente, obediente, enquanto o menino aprende a ser agressivo, independente e ativo, como se esses papéis fossem relacionados às suas próprias naturezas.

O novo debate feminista aponta essa camuflagem das raízes de opressão da mulher, apontando para a assimetria entre os sexos e que essas questões são, na verdade, fruto de relações sociais, e não da natureza dos sexos. Dessa forma, esse momento histórico foi marcado por uma intensa mobilização na luta contra essa assimetria entre os sexos. E é nesse momento de luta que o feminismo ressurgiu como um movimento de massas que passa a se constituir como um inegável potencial de transformação social, ampliando o seu campo político e unindo-se com a luta de outras minorias que também se concretizavam em uma distribuição desigual de poder, como negros e homossexuais.

Outra das questões discutidas pelo movimento durante esse período foi a questão da sexualidade e do corpo da mulher questionando os principais elementos impostos às mulheres, como: virgindade, castidade, passividade sexual, tabus, etc. Foi um período marcado também pela reivindicação de que o exercício da sexualidade se desvinculasse da questão biológica de reprodução, trazendo em pauta o prazer sexual feminino e a livre opção pela maternidade. Nesse mesmo período, surge a pílula anticoncepcional que garantiria de forma mais segura essa separação entre o prazer e a reprodução.

Enfim, a chamada “segunda onda” do feminismo provocou o surgimento de um maior protagonismo feminino nos espaços públicos, ajudando a construir uma demanda política e cultural que incluía o direito das mulheres. Tal demanda se estenderia mais tarde às novas redes de comunicação e interação social com a chegada do século XXI.

4.3.4 Feminismo em rede: ciberfeminismo

Com a chegada do século XXI, as jovens feministas continuavam reivindicando o direito ao corpo, denunciando a violência e o estupro. O que mudou foram as ferramentas utilizadas para a disseminação desse discurso. Diferentemente da organização de mulheres dos anos 70, atualmente o movimento feminista vem tomando conta das redes sociais *online*, aproveitando o caráter veloz e interativo das redes para a disseminação de uma ideologia feminista.

Por possuir esse poderoso caráter de conexão e interatividade, as redes sociais vêm se constituindo para os Movimentos Sociais como uma grande ferramenta para encontrar pessoas, descobrir o mundo para poder criticá-lo e mudá-lo. Atualmente, as meninas que nasceram nessa era da conexão que, de acordo com Prensky (2001), são nativas digitais²⁰, falam e pensam sobre feminismo muito mais cedo do que a geração de mulheres anteriores. Elas tomaram mais cedo o contato com questionamentos de ordem fundamental para o movimento feminista: por que passamos a ser tratadas de forma diferente apenas por sermos mulheres? Por que ganhamos menos que os homens? Por que sofremos opressões em virtude dessa diferença de gênero?

Nesta nova geração de mulheres, as redes sociais passam a fazer parte de um universo enorme com uma imensa liberdade de conseguir todo o conhecimento do mundo em um só *click*, sobretudo com o surgimento do *smartphone*, uma ferramenta poderosa de comunicação. Assim, se pensarmos que em 2011, em um país como o Egito, ativistas *online* conseguiram reunir milhares de pessoas numa praça através do *smartphone* para derrubar o governo ditatorial de Muhammad Hosni Mubarak, por que essa nova geração de mulheres não *iria* usar os *smartphones* para se proteger e tentar mudar uma cultura e mente de pessoas a respeito do que pensamos sobre gênero?

²⁰ O conceito de nativos digitais foi cunhado pelo educador e pesquisador Marc Prensky (2001) para descrever a geração de jovens nascidos a partir da disponibilidade de informações rápidas e acessíveis na grande rede de computadores – a *Web*.

Ou seja, a grande força dos movimentos sociais atuais, conectados na *Internet*, por assim dizer, seria a de as pessoas se sentirem ‘fazendo parte’, a de receber solidariedade e a de compartilhar o que cada um está passando. No caso das feministas não é diferente, pois acreditam que através das redes sociais virtuais é possível chegar de maneira mais rápida àquelas mulheres que estão passando pelo mesmo tipo de opressão. Segundo Castells (2013), o grande legado da *Internet* seria o de mudar as pessoas, mudar determinados construtos, artefatos que são criados, como por exemplo, os papéis de gênero que são criados e que podem e devem ser modificados.

Com o advento das redes sociais virtuais, o feminismo ganhou uma nova porta de possibilidades. Essa apropriação das redes sociais para a divulgação da mensagem de igualdade de gênero permite que mulheres consigam orientações e informações sobre como combater o machismo. Logo, é agregada outra característica às redes sociais, um espaço de luta e desenvolvimento de alternativas para buscar igualdade e justiça.

A liberdade para a produção e divulgação de ideias feministas no ciberespaço possibilita a real interação, conexão e integração social. A partir dessa liberdade, é gerada a criação de diversas Páginas na rede social *Facebook*, com o propósito de se contrapor às mensagens que são veiculadas na mídia tradicional brasileira, Páginas essas que curtem, compartilham e comentam publicações relacionadas ao feminismo. Essas Páginas funcionam como um ponto de partida para conhecer outros canais na rede que também falam sobre feminismo, facilitando a circulação e troca de informações, denúncias de abusos, campanhas pelo fim da violência contra as mulheres, etc.

Dentre as diversas possibilidades de interação no *Facebook*, o destaque está na facilidade de proporcionar o engajamento dos movimentos de mulheres na rede e a disseminação de uma ideologia feminista com o objetivo de desconstruir determinados posicionamentos que limitam a autonomia da vida das mulheres. Como afirma Recuero (2009, p.151), “o que constitui e mantém o grupo são as interações, e não o ‘território’. É através delas que os laços são formados e adensados no interior das redes sociais. Os estados de interação podem variar de acordo com a conversação”.

O uso das redes sociais para militância feminista seria uma das formas das práticas atuais do que é chamado de ciberfeminismo, que se utiliza das TICs para discutir e

desmistificar questões de gênero, buscando, entre outras coisas, o empoderamento das mulheres.

4.3.4.1 Ciberfeminismo: fenômeno social e político

Assim como o ciberativismo, o ciberfeminismo como fenômeno social e político é recente e ainda se encontra em busca de uma estruturação mais clara. Seus primeiros passos foram dados entre as décadas de 1980 e 1990 (MAYORGA, 2014), junto à chamada “terceira onda” feminista²¹, arraigada a questionamentos como: A Internet é somente um novo mercado para comprar, impor conceitos tradicionais de beleza e manter o sistema? Dessa maneira, o ciberfeminismo surge consolidando a ideia de que as TICs podiam transformar a sociedade, as posições de gênero e os próprios meios tecnológicos de maneira que fosse criada uma rede de comunicação entre as mulheres e continuar lutando por visibilidade e espaços de fala.

É em 1991 que surge pela primeira vez o termo ciberfeminismo, quando um grupo de mulheres atenta para a necessidade e a pertinência de fazer uso da *Internet* e de participar e de ocupar esse espaço horizontal para fortalecer o empoderamento feminino. É a partir dessas reflexões que surge o movimento ciberfeminista, o qual se propõe explorar as identidades e as sexualidades no ciberespaço. Esse movimento é iniciado por um grupo de mulheres artistas australianas (Francesca da Rimini, Julianne Pierce, Josephine Starrs e Virgínia Barratt) chamado VNS Matrix²² que usaram a *Internet* para apresentar seus trabalhos de experimentação entre o sujeito feminino, arte e virtualidade (Boix & Miguel, 2002). Seu manifesto *Cyberfeminist Manifesto for the 21st century*, de 1991, publicado na *Internet*, impresso em revistas e difundido no rádio e na televisão, propagou o *slogan* “The clitóris is a direct line to the matrix” (O clitóris é uma linha direta para a matriz), que serviu tanto como uma propaganda para o movimento quanto para atrair pessoas para a causa.

Em *Situating Cyberfeminisms*, artigo desenvolvido pelas teóricas Maria Fernandez e Faith Wilding (2002), as autoras dividem o ciberfeminismo entre “velho e novo

²¹ Para K. L. Caldwell (2000), a “terceira onda” do feminismo, que se desenvolveu nos anos 1980 e 1990, desafia os paradigmas unitários de gênero construídos pelas feministas brancas, de classe média, nos anos 1960 e 1970. A decepção com modelos e discursos realizados por feministas brancas levaram outros coletivos de mulheres a utilizarem suas próprias experiências de exclusão, opressão e discriminação, bem como de resistência, relacionadas à raça e à sexualidade, principalmente para desenvolver formas próprias de trabalhar com os conceitos de gênero e de feminismo, já que o enfoque dado pelo feminismo ao gênero como exclusiva fonte de opressão das mulheres não logra estabelecer relações entre sexismo e outras formas de dominação. (MAYORGA, 2014, p. 226);

²² VNS Matrix foi um coletivo ciberfeminista construído na Austrália em 1991.

ciberfeminismo”. O velho estaria relacionado à primeira fase do movimento, o período tecno-utópico, quando as TICs e o *cyborg*²³ eram compreendidos como uma maneira de lutar contra o controle e a dominação de um gênero sob o outro. O novo ciberfeminismo seria considerado uma fase mais crítica, bem como uma reprovação ao período político anterior, propondo uma crítica à cultura e à política da *Internet*.

Desde o seu desenvolvimento, o movimento se deparou com alguns conflitos, dentre eles a impossibilidade de definir concretamente do que se tratava o movimento, pois, além do mais, o uso da *Internet* não garantia que as desigualdades de gênero pudessem ser desconstruídas, visto que o movimento não ia além do espaço virtual. A partir disso, começam a surgir questionamentos dentro do feminismo tradicional sobre a verdadeira existência da reivindicação da mulher através da tecnologia, tendo em vista que essas reivindicações, ao contrário do que viria a acontecer nas décadas atuais, não possuíam tanto impacto no mundo real.

Atualmente, com o avanço das TICs, a *Internet* passa a assumir um novo caráter de conectividade e interatividade, passando a ter um impacto nas dinâmicas sociais, impulsionando as mulheres a se apropriar e fazer uso dessas plataformas digitais para disseminar o empoderamento da mulher e o tema da desigualdade de gênero. Dessa forma, hoje em dia, o ciberfeminismo busca se consolidar como um movimento político e, portanto, transformador. Ao ter como propósito a criação de uma rede de comunicação, o ciberfeminismo gera um ambiente de câmbio de ideologias, sendo como uma prática feminista em rede, que tem por intuito, tanto politicamente, quanto esteticamente, a construção de novas ordens e desmontagem de velhos mitos da sociedade através do uso da tecnologia. (MARTÍNEZ-COLLADO; NAVARRETE, 2006).

A partir dos anos 2000 houve um crescente número de mulheres que passaram a ter acesso às TICs, possibilitando a criação e compartilhamento de conteúdos, sem que sua produção precisasse passar necessariamente por uma avaliação prévia, como é o caso de veículos de comunicação tradicionais. A partir disso as mulheres ganham voz nesse âmbito

²³ O *Cyborg* Manifesto, de Donna Haraway, publicado em 1985, foi um dos primeiros manifestos sobre ciberfeminismo. Haraway (2002), falava sobre um corpo no ciberespaço, o *cyborg*, corpo livre de gênero, neutro em termos de raça e de preferência sexual, livre das dicotomias humano/máquina, humano/animal, homem/mulher.

virtual criando seus próprios perfis nas redes sociais, páginas, *blogs*, com o objetivo de produzirem e publicarem suas ideias. Assim como mostra Van Dijck:

Até a virada do milênio, as mídias na rede eram, em sua maioria, serviços genéricos aos quais você podia se unir ou usar ativamente para construir grupos, mas o serviço por si só não te conectava aos outros. Com o advento da Web 2.0, logo após a virada do milênio, serviços online deixaram de oferecer canais para a comunicação em rede para se transformarem em veículos bidirecionais interativos para a sociabilidade em rede (CASTELLS, 2007; MANOVICH, 2009). Esses novos serviços, que abriram uma quantidade inumerável de possibilidades para conexões online, foram inicialmente percebidos como uma nova infraestrutura global, como canos de água e cabos de eletricidade, análogos à própria Web. (VAN DIJCK, 2013, p. 5).

Essa nova infraestrutura global de interatividade mencionada por Van Dijck possibilita aos usuários o poder de criar, publicar e compartilhar seus próprios conteúdos em rede. É através dessa conectividade que o ciberfeminismo floresce em meio de técnicas e práticas feministas compartilhadas na *Internet*, oferecendo às mulheres ciberativistas novas formas de articulação, informação e também de união, apesar da distância geográfica.

Em busca desse espaço, páginas feministas do *Facebook*, incluindo as que analisaremos neste trabalho, surgem como um ambiente para a construção de discursos que dão visibilidade a questões que permeiam a relação desigual de gênero na nossa sociedade. Tais discursos em rede se performatizam de diversas maneiras, dentre elas as com um caráter de subversão tendo por objetivo enterrar a figura do feminino frágil e perfeito.

Vamos nos deparar mais a frente com postagens que veiculam essa subversão através de metáforas, ironias, paródias e de que forma elas agem para a construção de um discurso feminista dentro e fora da rede.

5 IRONIA COMO MODO DE COMBATE

A ironia é a necessidade retórica da época, o acessório crítico sem o qual ninguém deveria sair de casa. Ela também substitui o patriotismo como o último refúgio dos patifes, pois ela significa nunca ter de admitir que você realmente quis dizer o que disse.
(B Austin-Smith, “Into the Heart of Irony”)

Tradicionalmente, o *humor*²⁴ se utiliza de elementos como a *ironia*, a *sátira*, a *paródia*, o *riso* e o *cômico*²⁵. Ambos são elementos imprescindíveis no processo de comunicação e produção de sentido do humor. No caso do humor e da ironia, especificamente, existe certa completude, fazendo com que se tornem importantes ferramentas para a reflexão do ouvinte.

Esses recursos languageiros advindos do humor, o que Jardon (1988) chama de “tipos de discursos cômicos”, comuns às mídias mais tradicionais como a televisão e a rádio, também têm sido adaptados à linguagem das novas tecnologias, como, por exemplo, a *Internet*, sobretudo nas redes sociais, como é o caso do *corpus* desta investigação (vide capítulo 6). Nesse contexto, o humor pode ser visto como uma espécie de arma de denúncia, capaz de revelar e flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam. Essa característica do humor, como uma possível ferramenta geracional de mudança de conduta na forma de ver o mundo, é fundamental para o interesse deste estudo. Em nossa pesquisa, a ironia na e da linguagem se desdobra a partir do humor, e funciona como uma importante estratégia discursiva para os objetivos de denúncia e crítica pretendidos por determinado grupo, nesse caso, o grupo das feministas. E, assim, a ironia, como estratégia discursiva, constrói-se enquanto ação política de cunho crítico em postagens feministas do *Facebook*, a partir do *corpus* selecionado. Não temos o objetivo de construir uma história dos estudos da ironia, no entanto, ao longo deste capítulo buscamos apresentar nossa perspectiva conceitual de ironia e como se aplica ao gênero feminino. Com esse intuito, nossa argumentação se baseará, sobretudo, no diálogo entre as autoras Linda Hutcheon (2000) e Beth Brait (2008), que trazem diferentes perspectivas de um mesmo fenômeno da

²⁴ “O humor assim definido é o inverso da ironia. Ambas são formas de sátira, mas a ironia é de natureza retórica, ao passo que o humor tem algo de mais científico”. (BRAIT, 2008, p. 42). Mais adiante falaremos um pouco mais sobre a relação do humor com a ironia.

²⁵ “Aceitando-se a tipologia estabelecida por Denise Jardon (1988), a ironia e a sátira, assim como o humor e a paródia, passam a fazer parte do que ela chama de “tipos de discursos cômicos”, com base numa perspectiva que privilegia a abordagem linguística, bem como o fato de esses quatro tipos de discurso estarem de alguma maneira relacionados ao riso”. (BRAIT, 2008, p. 73).

linguagem: a ironia. É importante destacar que a escolha de tais autoras se deu a partir das informações contidas no *corpus*, pois, trata-se da ironia enquanto ação, ação de denúncia, ação de crítica, ação política, tendo em vista uma interdiscursividade transideológica. Primeiramente, Linda Hutcheon (2000) analisa a ironia sob uma perspectiva transideológica, no plano do interdiscurso trazendo uma perspectiva da ironia como um contradiscurso, neste caso, um contradiscurso do hegemônico. Já Beth Brait (2008), por sua vez, analisa a ironia sob uma perspectiva polifônica, assumindo-a no plano da interdiscursividade. Brait (2008) vai tratar a ironia como um processo interativo em termos de dupla enunciação, em que se é evidenciado na estrutura argumentativa pelas várias vozes presentes no discurso irônico. É a partir do diálogo das autoras citadas e pelas dimensões críticas que revestem a ironia que aqui expomos alguns pressupostos relevantes à nossa análise.

5.1 A ARTE DE DIZER O NÃO DITO

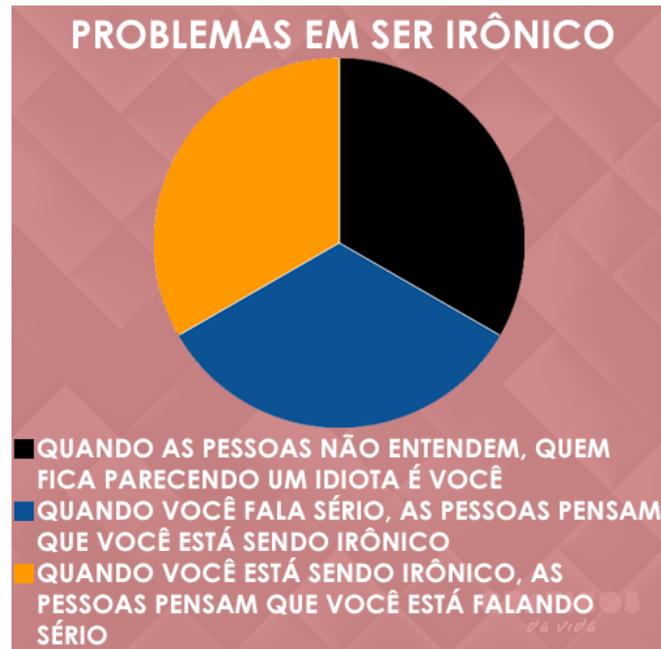
Que estranha forma de discurso é essa em que se quer dizer algo que você, na verdade, não quer dizer e espera que as pessoas entendam não só o que você realmente quer dizer, mas também sua intencionalidade ao dizer isso? Ou, o que leva a decidir que, o que você ouviu, necessita de um contexto prévio para que aquele dito tenha sentido, que o sentido, foi o não dito?

Quando paramos pra pensar nessa estratégia linguístico-discursiva chamada ironia, provavelmente a primeira coisa que pode nos vir à cabeça é justamente que ela se constitui no ato de dizer uma coisa com o intuito de dizer o contrário. Como, por exemplo, criticar fazendo um elogio, ou fazer um elogio para criticar. No entanto, aqui veremos que é a partir desse pressuposto inicial que a ironia se mostra em uma gama de complexidades. Quer dizer, embutido no ato de “dizer” o não dito, existem diversas outras questões.

Inicialmente, podemos afirmar que a ironia acontece como parte de um processo comunicativo, e que entre o espaço entre o dito e o não dito coexiste uma forma relacional. Os principais atuantes no jogo da ironia é o interpretador e o ironista e, a partir dessa relação estabelecida entre tais interagentes, é criado o ‘verdadeiro’ sentido irônico. Assim, o interpretador pode ser o receptor (ou não) da ironia, ou seja, seria aquele que decide se a sentença foi irônica ou não. Já o ironista seria aquele que formula essa argumentação indireta, ou afirmativa direta, e, nesse caso é o que pretende estabelecer uma relação irônica entre o dito e não dito. Conceituando os dois participantes do jogo da ironia, percebemos que para

ambos esse processo significará coisas diferentes. Assim, aqui já podemos perceber o risco que está implícito dentro do jogo da ironia, pois “não há garantias de que o interpretador vá “pegar” a ironia da mesma maneira como foi intencionada.”. (FISH, 1983, p. 176). A figura a seguir demonstra as partes problemáticas de ser irônico:

Figura 2 - Problemas em ser irônico



Fonte: <https://www.facebook.com/gr4ficosdavidia/photos/a.602834536477556.1073741828.602796753148001/690786637682345/?type=3&theater>

Se por um lado a ironia tem seu aspecto positivo por se tratar de um tipo de economia argumentativa e de um humor sagaz, que faz com que você, com poucas palavras, ridicularize seu oponente ou questione argumentos, por outro lado, essa ambiguidade pressupõe riscos – o grande risco de não ser compreendido. Se o receptor não compreende tal ambiguidade, a ironia deixa de existir. Segundo Freud (1977, p. 199), a ironia só pode ser empregada quando a outra pessoa está preparada para escutar o oposto, de modo que não pode deixar de sentir uma inclinação a contradizer. Em consequência dessa condição, a ironia se expõe facilmente ao risco de ser mal-entendida.

Talvez seja a partir desse risco que se insira a maior dificuldade em definir a ironia, ou seja, explicar como se passa de um dito a outro, e todas as arestas que perpassam esse processo. Dentre diversas concepções a cerca desse fenômeno da linguagem, existe a ironia que é tratada como um recurso utilizado na e pela linguagem pelo qual se pode evidenciar a relação ou a presença de Outro no discurso. Ou melhor, a ironia se apresenta

como forma de não apagar valores anteriores a novos valores propostos. Apesar dos riscos provocados por ela, a aresta crítica que recobre esse efeito de sentido irônico ainda faz da ironia um “modelo possível para oposição toda vez que alguém está implicado num sistema que esse alguém acha opressivo.” (CHAMBERS, 1990, p. 18). Não é à toa que a ironia é bastante utilizada como estratégia argumentativa em textos de cunho crítico, e que vem aparecendo de forma cada vez mais recorrente em redes sociais para expor temas, principalmente, os tidos como polêmicos.

De acordo com Linda Hutcheon (2000), a ironia ampliou seu campo de intervenção, e passou a manifestar-se em espaços como o das artes visuais, da música, do teatro, das argumentações filosóficas e, atualmente, vem tomando conta de novos espaços, como o das Redes Sociais *online*, caracterizando situações e atitudes, formas de pensar, criar, argumentar e criticar. Em uma pesquisa realizada por nós através do buscador *Google* na *Internet*, em 3 de outubro de 2016, encontramos 15.900.000 ocorrências para a palavra “ironia”. Tais ocorrências se apresentavam em dicionários *online*, *blogs*, *sites*, redes sociais, artigos acadêmicos, livros, etc. A extensa ocorrência da palavra “ironia” em *sites* da *Internet* parecem uma evidência de que seu uso está sendo manifestado mais do que nunca, ainda que seja importante assinalar que é a diversidade de seus usos que marcam esses registros.

Com o intuito de ilustrar essa nova ampliação do campo de intervenção da ironia, apresentamos a manifestação da mesma em novos espaços de comunicação e interação social, a *Internet*. Nesse caso, a ironia se apresenta como uma estratégia linguístico-discursiva de cunho crítico, postada na *Internet* através de uma página feminista do *Facebook*.

Figura 3 - Lugar de mulher é na cozinha



Fonte: <https://www.facebook.com/sitemisteriosdouniverso/photos/a.128901503957363.1073741828.128883913959122/411971578983686/?type=3&theater>

A postagem acima, que leva o título dessa dissertação, foi compartilhada pela página *Moça, você é machista* e apresenta a imagem de Marie Curie²⁶, a primeira mulher do mundo a ganhar um prêmio Nobel de Física. O texto verbal que aparece na figura é composto por duas frases, uma pergunta, localizada na parte superior – “Lugar de mulher é na cozinha?” – e uma afirmação, na parte inferior da página – “Segura meu Nobel de física e de química rapidinho para eu lavar a louça” – que funciona como resposta à pergunta anterior, em tom irônico. A linguagem verbal e visual é cuidadosamente pensada, pois há uma relação entre os elementos linguísticos e a escolha da imagem de uma cientista mulher pioneira, Marie Curie. Analisando a linguagem icônica, podemos notar que a imagem, por estar em preto e branco, nos situa no passado, apontando para um determinado momento da história em que ser mulher e ser cientista era algo revolucionário, justo por romper com discursos em que lugar de mulher é no serviço doméstico. A imagem da cientista Marie Curie está posicionada no centro da foto e se apresenta com uma expressão facial enfadada, como se estivesse farta de determinados posicionamentos sexistas, relacionando-se com o enunciado verbal (analisado mais à frente). Segundo Brait:

Não se pode negar que cada segmento permite uma leitura referencial, para não dizer incoerente. Acontece que o leitor habitou-se, ainda que tenha plena consciência disso, a ler também a linguagem visual, uma vez que as mensagens são invariavelmente constituídas por essas duas formas de expressão. Assim sendo, é possível flagrar a ambiguidade, reconhecendo um efeito de sentido irônico, humorístico, desde que seja estabelecida uma relação literal entre a foto e a imagem,

²⁶ Marie Curie foi uma cientista polonesa, a primeira pessoa a ser laureada duas vezes com um Prêmio Nobel de Física em 1903 (dividido com seu marido, Pierre Curie, e Becquerel) pelas suas descobertas no campo da radioatividade (que naquela época era ainda um fenômeno pouco conhecido) e com o Nobel de Química em 1911 pela descoberta dos elementos químicos Rádio e Polônio.

ou seja, que se leio o texto como legenda da foto ou a foto como ilustração do texto. (BRAIT, 2008, p. 95).

Nesse contexto Brait (2008) ressalta a relação entre a linguagem verbal e visual entre os segmentos envolvidos, desenvolvendo a ideia de que se o enunciatário não se der conta dessa articulação, a significação irônica não terá lugar.

Pensando na dimensão ilocucionária, a imagem, ainda que faça referência ao passado, se apresenta diante de um discurso patriarcal que tanto tem validade no momento histórico em que estava situada, quanto em práticas discursivas atuais que ainda mobilizam a ideia de que mulheres são incapazes de desenvolver funções de ordem social masculina²⁷. Pela função de crítica, o efeito de sentido irônico encontrado no enunciado visual se apresenta contra um discurso que coloca as mulheres em posição de zelar e cuidar dos trabalhos do lar, sendo excluídas dos jogos sociais de poder, ou seja, dos assuntos públicos, sendo destinadas não só ao universo doméstico, mas também às atividades de reprodução biológica.

Já unindo o icônico com o verbal e considerando o caráter bivocal do discurso irônico, podemos perceber que na produção dos enunciados dessa postagem, o enunciador reportou-se a discursos anteriores que apresentam uma nítida dimensão axiológica, com o objetivo de ridicularizar, de dessacralizar, de relativizar ou de negar tais valores.

É curioso observar que a instauração de um discurso ambíguo, que pode ser de natureza irônica ou não, acontece com certa frequência em postagens na rede social *Facebook*, com vistas ao humor e à crítica sutil em lugares onde esses dois elementos não são esperados. Assim, é possível constatar a presença do humor e da ambiguidade argumentativa, não como aspectos inerentes aos fatos, mas como construção de um efeito de sentido irônico para a estruturação de um discurso feminista nas redes sociais *online*.

E é através dessa postura crítica perante o mundo que a cena política da ironia se instaura nesses novos modelos de interações sociais, nas redes *onlines*, sobretudo na rede social mais popular, o *Facebook*. Tais manifestações aparecem com o objetivo de desconstruir essas normas tradicionais pré-existentes que apontam para um modelo padrão vigente, imposto por uma sociedade patriarcal.

²⁷ Esse não será o foco de nosso trabalho, porém para compreender a questão da ordem social de dominação masculina indicamos o trabalho de Bourdieu (2010) *A dominação masculina*.

Como sinaliza Castro (1997, p. 137), a natureza irônica busca apreender o real e revolver a camada ideológica que mascara a realidade, conseguindo, portanto, “questionar a realidade, desfazer verdades e raciocínios, dessacralizar valores instituídos e desvelar outra face de mundo”. Voltamos a reforçar que nesta pesquisa entendemos a ironia como uma estratégia linguística de contradiscurso²⁸, como um modo de combate que é usado para “deslocar e aniquilar uma representação dominante do mundo, uma paixão que é vista como especialmente crucial quando os discursos estabelecidos e dominantes mostram grande capacidade absorvedora”. (HUTCHEON, 2000, p. 54).

Mas antes de adentrarmos nessa natureza axiológica crítica presente no discurso irônico a partir dessa ideia de contradiscurso, é importante descorporificar o jogo da ironia, para compreendê-la a partir de suas diversas vozes em uma perspectiva polifônica.

5.2 A IRONIA E SUAS MÚLTIPLAS VOZES

Em seu livro *Ironia em perspectiva polifônica* (2008), Beth Brait compreende a ironia como uma forma particular de interdiscurso que se constrói a partir de diversas vozes. Ou seja, “uma estratégia de linguagem que, participando da constituição do discurso como fato histórico e social, mobiliza diferentes vozes, instaura a polifonia, ainda que essa polifonia não signifique, necessariamente, a democratização dos valores veiculados ou criados.” (BRAIT, 2008, p. 16).

Essa autora analisa a ironia sob uma perspectiva polifônica, assumindo-a no plano da interdiscursividade. Como dito anteriormente, Brait (2008) vai tratar a ironia como um processo interativo em termos de dupla enunciação, em que se é evidenciado na estrutura argumentativa pelas várias vozes presentes no discurso irônico, evidenciando que a ironia caracteriza-se por uma enunciação em que um enunciador faz determinada declaração e, ao mesmo tempo, deixa certas “pistas” textuais (sinais) que autorizam o enunciatário a identificar uma contradição nela e a reconhecer aquela situação enunciativa como irônica. Assim, a não sinceridade, a contradição, a ambiguidade, a tensão entre o sentido real e o sentido figurado, a argumentação (ainda que indireta) e a possibilidade de dupla leitura/interpretação são alguns dos traços que caracterizam as manifestações discursivas irônicas.

²⁸ Mais adiante falaremos sobre essa questão da ironia como uma forma de contradiscurso a um modelo social hegemônico normativo.

No que diz respeito ao processo inconsciente instaurador da ironia, Freud (1969) leva em conta não só o locutor, mas também o ouvinte, visualizando, sobretudo, aspectos produzidos pelo inconsciente. Assim, discorre que “a única técnica que caracteriza a ironia é a representação pelo contrário” (FREUD, 1969, p. 92 *apud* BRAIT, 2008, p. 55). Congruente a isso, o psicanalista discorre mais sobre essa essência da ironia em se dizer o contrário do que se quer exprimir:

Sua essência [ironia] consiste em dizer o contrário do que se pretende comunicar a outra pessoa, mas poupando a esta uma réplica contraditória fazendo-lhe entender – pelo tom de voz, por algum gesto simultâneo, ou (onde a escrita está envolvida) por algumas pequenas indicações estilísticas – que se quer dizer o contrário do que se diz. A ironia só pode ser empregada quando a outra pessoa está preparada para escutar o oposto, de modo que não possa deixar de sentir uma inclinação a contradizer. Em consequência dessa condição a ironia se expõe facilmente ao risco de ser mal-entendida. (FREUD, 1969, p. 92 *apud* BRAIT, 2008, p. 55).

A perspectiva psicanalítica freudiana sobre ironia destoa da dimensão tangível postulada por uma abordagem linguístico-discursiva, porém, suas propostas devem ser “consideradas na medida em que a necessidade de uma descrição objetiva das formas linguísticas se junta a de abordar as representações subjetivas que os locutores têm de linguagem, e que devem ser observadas no discurso desse interlocutor”. (Brait, 2008, p. 58). Ou seja, ainda sobre o processo instaurador da ironia, é necessário levar em consideração tanto a representação subjetiva quanto o imaginário, pois são elementos constituídos na e pela linguagem.

Segundo Brait (2008, p. 66-67), uma perspectiva discursiva da ironia leva em consideração as relações que se estabelecem entre ironia, intertextualidade e interdiscursividade²⁹, de maneira que o entrecruzamento de diferentes discursos corresponderá, portanto, a um aspecto fundamental na produção de efeitos de sentido irônicos. Assim, para construir um discurso irônico, o enunciador pode reportar-se a um já-dito, subvertendo-o e, conseqüentemente, desautorizando-o.

As postagens feministas analisadas nesta pesquisa podem ser um exemplo ilustrativo sobre o tema. Em uma dessas postagens encontramos o seguinte enunciado:

²⁹ Fiorin (2010, p. 181), interpretando o pensamento bakhtiniano, observa que é possível estabelecer uma distinção entre os dois termos: “chamaremos qualquer relação dialógica, na medida em que é uma relação de sentido, interdiscursiva. O termo *intertextualidade* fica reservado apenas para os casos em que a relação discursiva é materializada em textos.” Assim, a interdiscursividade diz respeito às relações dialógicas em que o discurso citado não se encontra nitidamente demarcado no discurso citante, ainda que seja dele constitutivo; por outro lado, em casos de intertextualidade, é possível identificar, na materialidade textual, fragmentos dos dizeres de outrem, na tessitura de sentidos.

Figura 4 - Dia do homem



Fonte: <https://www.facebook.com/diariosdeumafeminista/?fref=ts>

Pelos enunciados verbais “Nós homens precisamos de um Dia do Homem – pois somos muito oprimidos.”, presentes no *post* de uma página de caráter feminista, podemos identificar o caráter irônico estabelecido, pois o enunciado se relaciona aos discursos que não legitimam o caráter histórico de opressão que sofrem as mulheres e a importância de mobilização de um dia demarcado de luta por uma igualdade de gênero. Como exprime Brait:

[...] a ironia pode ser enfrentada como um discurso que, por meio de mecanismos dialógicos, se oferece basicamente como argumentação direta e indiretamente estruturada, como paradoxo argumentativo, como afrontamento de ideias e de normas institucionais, como instauração de polêmica ou mesmo como estratégia defensiva. (BRAIT, 2008, p. 73).

Nesse contexto, a palavra tanto se dirige a um referente, o objeto do discurso, quanto polemiza com discursos anteriores, de maneira que o enunciatador se posiciona ironicamente em relação a um conjunto de dizeres prévios, que são recuperados no fio de seu discurso para serem criticados, contraditos e parodiados – em suma, postos em contestação. Esse exemplo vai nos direcionar (capítulo 6) como as postagens de nosso *corpus* se manifestam: um discurso cômico através da ironia, com o objetivo de subverter o *ethos* opressor.

A noção de humor de Brait se relaciona com o que ela chama de “interferência de séries”, formulado por Henri Bergson (2004) em seu livro *O riso*³⁰. Segundo Bergson (2004) “uma situação é sempre cômica quando pertence ao mesmo tempo a duas séries de acontecimentos absolutamente independentes (*texto e imagem*) e pode ser interpretada ao mesmo tempo em dois sentidos diferentes.”. (2004, p. 71, grifo nosso). Essas duas séries de acontecimentos poderiam ser a relação entre texto-imagem, o qual a presença da ironia pode ser explicitada por essa interferência de séries, como expõe Brait:

Na análise da relação texto-imagem de um jornal, por exemplo, a presença da ironia, quando acontece, pode ser descrita, explicitada justamente a partir do conceito de “interferência de séries”. Traduzida para o campo da análise do discurso aqui tomando como parâmetro, essa interferência significa a configuração de um espaço discursivo que justapõe dois segmentos textuais pertencentes a formações discursivas diferentes, mas que, pela distribuição na página e por outras marcas textuais específicas, articulam-se, referenciam-se, formando unidade motivadora do efeito de sentido irônico. (BRAIT, 2008, p. 43).

Para melhor compreender a articulação de conceitos, tomamos, por outro exemplo, dois momentos em que a ironia e o humor se concretizam a partir de uma confluência de formações discursivas e ideológicas, através dessa interferência de séries:

Figura 5 - O 8 de março foi sequestrado



Fonte: Página do Facebook desativada – *Frieda Explica se precisar repete*

³⁰ A série de artigos de *Le rire* [1900], que, em português é *O riso*, foi reunida por Henri Bergson em livro, abrangendo um ensaio sobre o significado do cômico.

Essa postagem foi compartilhada em uma página do *Facebook* chamada *Frieda Explica se precisar repete*, que atualmente encontra-se desativada³¹. A enunciação verbal diz respeito ao campo discursivo do movimento feminista, enquanto a foto refere-se ao campo discursivo das artes, focalizando Frida Kahlo³², em um momento em que estava atendendo um telefone qualquer. É a partir da diagramação – a maneira de colocar as informações verbais e visuais nesse espaço – que se propõe interpretar os dois segmentos textuais em conjunto, como se a foto fizesse referência ao enunciado verbal, e vice-versa.

Além disso, outros elementos podem ser apresentados na relação entre esses dois segmentos que se apresentam de forma aparentemente independentes. O sujeito que aparece na foto, Frida Kahlo, é uma figura que atualmente vem se apresentando como um ícone³³ do movimento feminista nas redes sociais *online*. Dessa maneira, o enunciado verbal relacionado ao dia 8 de março, dia internacionalmente conhecido como um dia de luta do movimento feminista, e Frida Kahlo, ícone do movimento nas redes sociais *online*, acabam sendo reunidos em um único sujeito. O destinatário que apreender essa conjunção e seu efeito irônico, o fará a partir dessa interferência de séries (8 de março e Frida Kahlo), relacionadas para manter e preservar essa ambiguidade crítica.

Além disso, percebemos essa relação entre texto-imagem também a partir de dois signos enunciativos: “alô”, e a presença de um telefone na foto. Mais abaixo se apresenta a palavra “sequestrado”, que é utilizada para incitar o novo campo semântico atribuído ao Dia da Mulher. Historicamente, o 8 de março foi um dia que se constituiu como uma data de luta contra o machismo e que atualmente é apresentada na grande mídia como um dia enaltecido do gênero feminino, sendo apoderada pelo comércio para, dentre outras coisas, alimentar o

³¹ As Páginas na rede social *Facebook* podem ser desativadas caso ocorram denúncias. Após fazer uma denúncia, a postagem segue para o setor de Operações do Utilizador, onde a justificativa dada ao denunciar é analisada. A ação pode ser dada a partir de opções como “não gostei”, “está me assediando”, “acredito que não deveria estar no Facebook”, “é uma fraude” ou “acredito fazer uso não autorizado da minha propriedade intelectual”. Conforme o número de denúncias dos conteúdos e, se ele realmente ferir os termos de uso da rede, a página pode ser removida do ar. A grande questão é que existe uma grande perseguição para com as Páginas que pautam os temas feministas.

³² Frida Kahlo nasceu na cidade de Coyacán (México) em 6 de julho de 1907 e morreu em 13 de julho de 1954. Foi uma importante pintora mexicana do século XX. É considerada, por alguns especialistas em artes plásticas, uma artista que fez parte do Surrealismo. Porém, a própria Frida negava que era surrealista, pois dizia que não pintava sonhos, mas sua própria realidade. Destacou-se ao defender o resgate à cultura dos astecas como forma de oposição ao sistema imperialista cultural europeu. Patriota declarada, comunista e revolucionária, teve uma vida de superações e sofrimentos que refletidos em sua obra a tornaram uma das maiores pintoras do século.

³³ Para entender melhor porque a artista Frida Kahlo se tornou um ícone do feminismo atual, sugerimos a leitura da matéria do seguinte *blog*: <<https://feminismisthenewblack.wordpress.com/2015/03/19/por-que-frida-kahlo/>>. Acesso em: 14 out 2016.

universo do consumo. Em outras palavras, é com base em ambos os segmentos textuais de diferentes campos discursivos, que tal argumentação indireta se dá via ironia, via humor.

Segundo Brait:

O recurso ao lúdico, a interferência de séries, o diálogo entre discursos e textos são, em geral, utilizados com a finalidade de denúncia, de crítica a atitudes entrevistas, mas não necessariamente explicitadas. Muitas vezes, é precisamente esse recurso que vai revelar um enunciador que, instaurando vários locutores, deflagra um humor cujas entrelinhas atualizam representações de uma dada mentalidade, valores característicos de um dado momento ou de uma dada cultura, ainda que, como no texto anterior, a última coisa a interessar seja a intenção do autor. (BRAIT, 2008, p. 46).

Dessa forma, a autora orienta a compreensão do humor a partir de interferências com a proposta de buscar compreender a ironia sob as noções já propostas de intertextualidade e interdiscursividade.

Já o riso, manifestação oriunda desse discurso humorístico, também tem como característica essa capacidade de eclodir “verdades”, podendo ser usado como uma arma subversiva. Seguindo uma perspectiva bakhtiniana a respeito dessa manifestação, percebemos que o riso é uma forma de ridicularizar o poder (BAKHTIN, 2013, p. 145). Segundo Bakhtin (2013, p. 11), “o riso popular ambivalente expressa uma opinião sobre um mundo em plena evolução, no qual estão incluídos os que riem”. Não se trata em como podemos observar, de um riso acrítico, ideologicamente neutro e desinteressado, mas de um riso “assentado numa concepção de mundo” (BAKHTIN, 2010, p. 145), que contém um ponto de vista, um acento social de valor – em suma, um riso que se encontra ligado a uma crítica social. Ou seja, é também por meio do estudo da ironia e do riso que se torna possível desvelar determinados posicionamentos críticos e orientações apreciativas dos enunciadores, que podem não estar, de certa forma, transparentes na superfície discursiva, ao contrário, “opacificados”. Pensando mais especificamente nas postagens que compõem o nosso *corpus*, poderemos observar que a ironia e o riso constituem estratégias linguístico-discursivas utilizadas pelo poder para deslegitimar os discursos depreciativos que são endereçados ao sujeito feminino.

Outro ponto significativo do estudo de Brait (2008), sobretudo em função dos propósitos de nossa pesquisa, refere-se ao caráter argumentativo que marca os posicionamentos discursivos irônicos: “A ironia distingue-se das outras formas de contradição pelo fato de ser uma contradição de valor argumentativo”. (BERRENDONNER, 1982, p. 184 *apud* BRAIT, 2008, p. 116). Considerando o já mencionado caráter bivocal do discurso irônico, é possível que determinado enunciador, na produção de seu discurso, reporte-se a

discursos anteriores que apresentem uma nítida dimensão axiológica, com o objetivo ou de ridicularizar, ou de relativizar ou de negar esses valores: “o ironista convoca em seu enunciado, sob a forma de alusão ou de paródia, um universo axiológico (coletivo ou individual) estabelecido em outros discursos e com o qual ele não compartilha” (BERTRAND, 1988, p. 21 *apud* BRAIT, 2008, p. 140).

Brait (2008, p. 118) ainda recorre novamente ao estudo de Berrendonner (1982) para esclarecer o modo de funcionamento desse procedimento verbal em constante interação com enunciações anteriores: “No momento de produção de um discurso irônico, o que se tem é ‘uma enunciação (E¹) a propósito de outra enunciação (E⁰), anterior ou explícita, que tenta desconsiderar’” (BERRENDONNER, 1982, p. 197 *apud* BRAIT, 2008, p. 118). No entanto, o entendimento desse mecanismo linguístico-discursivo depende de sua produção e, principalmente, de sua recepção, ou seja, se o enunciatário não se der conta das articulações entre os segmentos aí envolvidos, a significação irônica não terá lugar (BRAIT, 2008, p. 84). Portanto, a enunciação irônica é construída pelo enunciador sobre determinado alvo e é dirigida a um enunciatário, responsável por identificar uma possibilidade de ambiguidade, contradição ou dupla leitura, características dessa manifestação interdiscursiva.

Além disso, Brait (2008, p. 130) postula que “convém ressaltar que o autor fala a linguagem do outro, porém reveste essa linguagem de orientação oposta a do outro. É uma espécie de emprego ambíguo do discurso do outro”. De fato, no caso da ironia, a palavra tem duplo sentido: volta-se para o objeto do discurso como palavra comum e para outro discurso, implicando o reconhecimento de um segundo contexto. Portanto, o discurso se converte em palco de luta entre duas vozes: a segunda voz, sendo instalada no discurso do outro, entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o obriga a servir a fins opostos (BRAIT, 1997). A autora ressalta que ironizar é dizer algo pelo enunciado e, portanto, remeter a enunciação, mas, sobretudo, volta-se contra a própria enunciação acrescentando-lhe uma ideia oposta no mesmo instante em que é enunciada. O enunciado irônico é, assim, interpretado como uma pluralidade de vozes orientadas nos eixos da contradição.

5.3 IRONIA COMO CONTRADISCURSO

Dentro desse processo de pluralidade de vozes é importante dar atenção a dois elementos que muitas vezes se confundem dentro desse processo linguístico-discursivo: humor e ironia. Nem toda ironia visa ao divertimento e nem todo humor é irônico. Linda

Hutcheon (2000) concorda que a relação entre esses dois recursos seja discutível, porém afirma que quando se trabalha com a política da ironia, essa ligação não deve ser ignorada. Para a estudiosa, a estratégia da ironia “mesmo enquanto provoca o riso, invoca noções de hierarquias e subordinação, julgamento e até mesmo superioridade moral”. (HUTCHEON, 2000, p. 36). Ou seja, ambos envolvem relações de poder e dependem de um contexto social e conjuntural para que possam existir e produzirem sentidos.

Quando ironia e humor são alinhados, ambos adquirem uma função de destrinchar determinados valores socioculturais, morais, religiosos, políticos, atribuindo-lhes um caráter de “desarma”, como expõe Hutcheon (2000, p. 48-49), “a ironia tem sido vista também como o que ‘desarma’ e [...] um meio de expor e subverter ideologias hegemônicas opressivas [...]”. Dessa forma, percebemos aqui a intencionalidade de desarmar determinados discursos que estão sendo naturalizados e cristalizados na sociedade patriarcal. Levando em conta os exemplos de postagens dados neste capítulo, podemos perceber que as feministas estão se utilizando dessas argumentações indiretas de caráter político-discursivo para criticar, subverter determinados significados e deslegitimar discursos que continuam inferiorizando o gênero feminino. Assim, é a partir dessa característica da ironia de se apresentar como uma estratégia de um contradiscurso do hegemônico, ou seja, do patriarcal, que a nossa pesquisa encontra um lugar.

Acreditamos em uma manifestação da ironia como “um meio de expor ou subverter ideologias hegemônicas opressivas, e uma arte para afirmar a visa ao enfrentar problemas objetivos” (FISCHER, 1986, p. 224), sendo que é a partir dessas arestas que se dá o caráter humorístico das postagens de nosso *corpus*.

No entanto, para Hutcheon (2000, p. 50), nem todas as ironias sérias ou humorísticas trabalham a partir desse caráter subversivo ou com o objetivo de um contradiscurso do hegemônico, elas podem manusear o poder para outros fins. A natureza transideológica apresentada por Linda Hutcheon (2000) significa que essa política da ironia pode ser usada (e tem sido usada) “ou para minar ou para reforçar ambas as posições conservadora e radical.”. (HUTCHEON, 2000 p. 50). Nessa linha de raciocínio Hutcheon (2000), propõe o seguinte questionamento: a ironia funciona primariamente de maneira afirmativa ou destrutiva?

Para responder tal pergunta, essa autora apresenta a ironia como transideológica em dois sentidos: destrutiva e afirmativa. A posição em que a ironia trabalha de forma destrutiva “parece ser defendida, em épocas diferentes, por quase todo que receberam um ataque irônico (ou não conseguiram ver a ironia de maneira nenhuma) ou por aqueles para quem o sério ou o solene e o unívoco são o ideal.” (HUTCHEON, 2000, p. 50). Já a posição em que a ironia trabalha de maneira afirmativa, positiva, é defendida com frequência por aqueles que acreditam na ironia como um poderoso instrumento contra autoridades dominantes, sendo utilizada para fins de oposição e subversão. E é essa última posição que sustentamos em nosso trabalho.

O caráter subversivo da ironia costuma estar relacionado a um modo de autocrítica, autoconhecimento e autorreflexão que tem o potencial de desafiar a hierarquia dos próprios “locais” do discurso, uma hierarquia baseada em relações sociais de dominação. (WHITE, 1973; BENETT, 1993). Eis que surge o conceito de ironia como “contradiscurso” apontado por Terdiman (1985) como um dos principais suportes que tem como principal objetivo criticar tais hierarquias. A ironia torna-se então uma espécie de “modo de combate”, pronta para o ataque, com o objetivo de “deslocar e aniquilar uma representação dominante do mundo” (TERDIMAN, 1985, p. 12). Ou seja, o discurso irônico se apropria do poder para criticá-lo, assumindo um caráter subversivo na e pela linguagem, tornando-se uma estratégia de oposição eficaz.

Não podemos deixar de apontar que a ironia tem sido vista como um jogo sério, tanto “uma estratégia retórica quanto um método político” (HARAWAY, 1990, p. 191) que “aparece como forma de desconstruir e descentralizar discursos patriarcais, como forma de trabalhar para mudar a maneira de interpretar das pessoas”. (HUTCHEON, 2000, p. 56).

Um bom exemplo para compreender de que formas a ironia vem se desdobrando nas redes sociais com essa perspectiva crítica, são as campanhas originadas no *Facebook* através das *hashtags*³⁴ (#), como, por exemplo, a *#EuNaoMerecoSerEstuprada* (citada e explanada no capítulo 3 desta pesquisa) e a *#meuamigosecreto*. Tais *hashtags* vêm se apresentando como um recurso valioso para marcar, compartilhar e espalhar movimentos, ativismos, determinados discursos e ideologias.

³⁴ Vide nota de rodapé 15.

A *hashtag*³⁵ *#meuamigosecreto* se espalhou pelas redes digitais no final de novembro de 2015, próximo ao Dia Mundial de Combate à Violência contra a Mulher (25/11). Seu objetivo era, através de dinâmicas de uma brincadeira comum de final de ano, o famoso amigo secreto ou oculto³⁶, denunciar práticas machistas ou sexistas sem revelar quem as praticou. Foi difundida, sobretudo, através de internautas mulheres, e fortemente divulgada, tanto nas redes sociais quanto em diversos outros *sites*. Nessa dinâmica de atribuir características a um determinado sujeito, sem revelar seu nome, muitas mulheres fizeram desabafos relacionados a atitudes que as fazem se sentir oprimidas. Para ilustrar:

Figura 6 - *#meuamigosecreto* 1

#meuamigosecreto diz que lugar de mulher é dentro de casa, mas quando sai na rua, quase quebra o pescoço pra olhar para as mulheres
 %u2014 Thami França %u263E (@_whoisthami) 24 novembro 2015

Fonte: <https://www.facebook.com/Meuamigosecreto-1643898025848362/?fref=ts>

Figura 7 - *#meuamigosecreto* 2

#meuamigosecreto diz que gay da nojo, mas lésbicas excitam
 %u2014 manuela (@macairamanu) 24 novembro 2015
 Fonte: <https://www.facebook.com/Meuamigosecreto-1643898025848362/?fref=ts>

Nesse sentido, a *hashtag* *#meuamigosecreto*, circulada no Brasil, trouxe algo do íntimo e do pessoal para o espaço público através de relatos que não necessariamente precisariam ser factuais ou verídicos, porém pertinentes à normatividade de comportamentos

³⁵ As *hashtags* têm um potencial acidental no sentido de que sua relevância, através do seu espalhamento e visibilidade, chama atenção dos atores sociais, que se inserem no seu processo, seja reproduzindo-a em novas mensagens de perpetuação nas redes ou legitimações em discursos de contextualização e crítica. Seus usos, contudo, extrapolam a sua funcionalidade, adquirindo um caráter estético. Ainda assim, a *hashtag* tem sido um recurso valioso para marcar, reproduzir e espalhar movimentos, ativismos e demais demandas, como mensagem de convocação (*#Vemprarua* nas manifestações de junho de 2013 no Brasil) ou até mesmo nomeando o caso (*#meuprimeiroassédio* e *#meuamigosecreto*).

³⁶ Amigo secreto é uma brincadeira bastante tradicional, que geralmente ocorre na época do Natal, e consiste em trocar presentes com outras pessoas, mas que estas não sabem quem lhes tirou e o que vão ganhar. O desenrolar da brincadeira se dá na atribuição de características ou qualidades de determinado sujeito, sem revelar seu nome, para que outros participantes possam identificar quem é o seu amigo secreto.

enraizados no imaginário de uma cultura sexista e patriarcal. O efeito de sentido irônico presente em tal campanha pode ser percebido, inicialmente, a partir da subversão de uma dinâmica popularmente conhecida por ser anualmente utilizada em festividades de fim de ano em âmbitos de família, de escola e/ou de trabalho. A campanha se utiliza dessa dinâmica como forma de expor o machismo e o sexismo, além dos vários tipos de violência contra a mulher que se apresentam no convívio com homens tratados como amigos. Tais denúncias se dão desde pequenas atitudes ou hábitos reproduzidos a agressões físicas ou psicológicas.

A *hashtag* se utiliza de uma brincadeira “neutra”, a subverte com o intuito de dar voz e espaço para as mulheres se sentirem a vontade em denunciar determinadas atitudes através de uma argumentação indireta e irônica, na qual não é necessária a exposição do nome do seu “amigo secreto”. O “amigo secreto” é intertextualizado, com o objetivo de desvelar determinados posicionamentos que não estão presentes na superfície do discurso. Esse funcionamento subversivo se apresenta como um modo de crítica, denúncia e exposição de uma hierarquia de poder patriarcal. Mais do que uma campanha virtual viralizada, a *hashtag* #meuamigosecreto se destaca pelo seu poder de construção que, apesar de ter partido de um indivíduo, conseguiu alcançar uma dimensão coletiva, capaz de mobilizar as pessoas a pensarem sobre tais temas e até gerar debates públicos sobre as situações apontadas nas denúncias.

Expomos aqui a *hashtag* como forma de ilustrar o funcionamento do discurso irônico nas redes sociais, e seu poder subversivo. Acredita-se que a ironia pode funcionar também como forma de privar “a cultura hegemônica e seus críticos da pretensão a identidades sexuais essenciais ou naturalizadas” (BUTLER, 1990, p. 138). E é a partir dessa natureza transideológica da ironia, que é possível recodificar e transformar o que o discurso patriarcal lê como algo negativo.

Seguindo essa prerrogativa, entendemos que os produtores da ironia podem intervir ou ressignificar determinados fatos sociais presentes na estrutura, criando uma nova perspectiva cultural, histórica e social contrária ao modelo dominante, sobretudo com o intuito de fugir de determinados estereótipos cristalizados na sociedade que seguem violentando uma minoria oprimida. A ironia acaba por permitir uma desconstrução da realidade circundante ao negar verdades absolutas e as “[...] certezas ao desmascarar o mundo como uma ambiguidade”. (KUNDERA, 1986 *apud* HUTCHEON, 2000, p. 33).

Acredita-se que é através dessa postura crítica colocada perante o mundo pela cena política da ironia que sua presença se instaurou nas redes sociais, bem como nos novos modelos de interações sociais, como, por exemplo, no *Facebook*. Essa estratégia linguístico-discursiva aparece nas redes como forma de desconstruir modelos sociais pré-existentes, bem como as normas padrões de gênero, indo de encontro a um discurso moral vigente estabelecida pela sociedade patriarcal.

Por fim, as duas autoras trabalham na perspectiva discursiva em que a ironia existe por si e em si. A ironia surge da fricção entre o dito e o não dito, na relação entre comunidades discursivas (HUTCHEON, 2000) ou, como explicita Brait (2008), pela mobilização de diferentes vozes, na instauração de uma polifonia que, como alerta, não representa uma democratização dos valores envolvidos. É através desses mecanismos dialógicos que a ironia se apresenta como forma de um discurso de argumentação indireta e afrontamento de ideias, instaurando polêmicas ou até mesmo estratégias defensivas. É a partir da relação entre as perspectivas de ambas as autoras expostas que nos pautamos em um estudo da ironia em sua dimensão crítica como uma forma de satirizar o poder. A partir dessa compreensão relacional determinamos seis categorias de análise (vide capítulo 6) criadas a partir da relação entre as perspectivas de Brait (2008) e Hutcheon (2000).

A partir dessa exposição conceitual sobre os processos que perpassam o discurso irônico, o que mais chama atenção é seu caráter de instabilidade e, por isso, a dificuldade em conceituá-la uniformemente. E como tal, elencamos, resumidamente, uma série de caracteres sobre ironia expostos por ambas as autoras e que serão pontuados em nossa análise. Primeiramente, é certamente o seu caráter de (1) argumentação indireta e em sua economia argumentativa. Ou seja, com poucas palavras é possível ridicularizar toda uma argumentação sólida e extensa, mobilizando através de um intuito argumentativo um vasto conjunto de informação, que constrói essa argumentação indireta, elogiando para criticar, ou criticando para elogiar. Em outras palavras, dentro do processo irônico existe uma interferência: é a interferência do que não está presente na literalidade do enunciado, cujos significados carregam posicionamentos talvez até contraditórios sobre este mesmo enunciado.

Apesar da ironia não estar necessariamente a serviço do riso, nesta pesquisa percebemos a importância de dar vazão a sua relação com o humor, por se articular com uma forma de argumentação indireta. Compreendemos o humor, a paródia, a intertextualidade e a interdiscursividade como mecanismos que participam, ao mesmo tempo ou não, da

estruturação de um discurso irônico, ou que se oferecem como efeito de sentido provocado pela ironia. Além do caráter de argumentação indireta, a ironia pode ser marcada por um traço humorístico que remete ao riso, como uma forma de (2) subversão do poder, ou seja, o humor irônico como forma de desvelar determinados posicionamentos críticos presentes ou não na superfície do discurso.

Além disso, concordamos que (3) a ironia não pode ser baseada apenas em sua relação entre o dito e o não dito, mas sim entre a fricção entre ambos à luz de uma relação entre as perspectivas intertextuais e interdiscursivas, como nos apresenta Brait (2008) e Hutcheon (2000). Percebemos que a ironia é uma espécie de estratégia relacional, pois, além de operar entre os significados (dito e não dito), também opera entre as pessoas (ironista e interpretador).

Daí nossa atenção à estratégia relacional que se relaciona entre a interação entre o ironista e o interpretador, focando não apenas os enunciados (verbais e imagéticos) irônicos, mas também (4) a constatação da recepção da ironia a partir dos comentários feitos nas postagens do *Facebook*. Entendemos que “a responsabilidade última de decidir se a ironia realmente acontece numa elocução ou não (e qual é o sentido irônico) é apenas do interpretador.”. (HUTCHEON, 2000, p. 74). Assim, a partir dos pressupostos de Hutcheon (2000) a ironia, enquanto um processo comunicativo nasce a partir dessa relação entre significados, pessoas, emissões e às vezes intenções e interpretações. Outro aspecto essencial para o desenvolvimento de nossas análises é a (5) relação entre elementos linguístico-discursivos e elementos visuais, ou seja, a relação entre o verbo-visual em uma perspectiva polifônica que, a partir de sua relação, pode ser estabelecido um sentido irônico através do que Brait (2008) chama de “interferência de séries”. Tal interferência justapõe esses dois segmentos textuais pertencentes, por exemplo, às postagens que analisamos (verbal e visual). Tais postagens, apesar de possuírem formações discursivas diferentes, se articulam e se referenciam, construindo assim uma unidade motivadora do sentido irônico. No entanto, essa significação irônica só pode ser percebida se os enunciados verbais e visuais forem considerados em conjunto, pois “a ironia só pode ser detectada na medida em que dois enunciados (*verbal* e *visual*) forem tomados como uma unidade coerente, que tem alguns elementos de coesão instauradores dessa coerência.”. (BRAIT, 2008, p. 83, grifo nosso).

Outra questão que nos orienta nesta pesquisa é a característica (6) de contradiscurso (TERDIMAN, 1985), assumida pela ironia. É através de uma perspectiva

crítica que o discurso irônico torna-se um dos principais suportes de teorias de oposição de determinados discursos contra as minorias oprimidas³⁷. Ou seja, uma forma de combate, “uma paixão *negativa*, para deslocar e aniquilar uma representação dominante do mundo” (TERDIMAN, 1985, p. 12). Sendo assim, por possuímos um *corpus* de cunho ideológico feminista, damos atenção aqui à importância desse caráter crítico da ironia que é capaz de contestar determinados discursos hegemônicos na sociedade patriarcal em que vivemos.

³⁷ Segundo Sodré (2005) a noção contemporânea de minoria refere-se à possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do Poder aqueles setores sociais ou frações de classe comprometidas com as diversas modalidades de luta assumidas pela questão social. Por isso, são considerados minorias os negros, os homossexuais, as mulheres, os povos indígenas, os ambientalistas, os antineoliberalistas, etc. O que move uma minoria é o impulso de transformação.

6 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresentamos o percurso metodológico de nossa investigação, a partir do tipo de pesquisa, bem como o *corpus* e os procedimentos de análise dos dados.

6.1 TIPO DE PESQUISA

De acordo com a fundamentação teórica desta investigação, bem como os objetivos propostos, a metodologia analítica que adotamos para o presente trabalho se estrutura pela relação entre os procedimentos e a natureza dos dados a serem analisados. Optamos por uma pesquisa qualitativa (i), exploratória (ii) e descritiva (iii), visto que tratamos a realidade e o sujeito como elementos indissociáveis.

Na questão da abordagem qualitativa (i), o processo de análise das postagens de nosso *corpus* exige a decomposição dos enunciados verbais e visuais de cada imagem para a interpretação da ironia apresentada nas postagens, buscando entender como e por que esse fenômeno ocorre. Segundo Godoy (1995), uma pesquisa qualitativa se caracterizará por apresentar: ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; caráter descritivo; significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador; e enfoque indutivo.

A pesquisa exploratória (ii) avalia quais teorias ou conceitos existentes podem ser aplicados a um determinado problema ou se novas teorias e conceitos devem ser desenvolvidos. Para tanto, lançamos mão de fontes que tratam tanto do estudo de práticas discursivas irônicas manifestadas em um ambiente virtual, quanto das questões de gênero na articulação entre a linguagem verbal e visual presente nas postagens, permitindo assim a constituição de um discurso feminista. A pesquisa exploratória justifica-se por realizar um estudo preliminar de um fenômeno da linguagem, a ironia, em um ambiente virtual, associada às questões de gênero, visando proporcionar um apanhado geral de um determinado fato, do tipo aproximativo, de modo que essa investigação seja concebida com uma maior compreensão e precisão. Para tanto, teorias de autores como Brait (2008), Hutcheon (2000), Lévy (1990), Castells (2003), Butler (2010) e outros, foram resgatados para construir o fluxo argumentativo da análise das postagens.

Já a pesquisa descritiva (iii) exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar, tendo como finalidade proporcionar novas visões sobre uma realidade

já conhecida (TRIVIÑOS, 1987). Esse tipo de pesquisa descritiva caracteriza-se por ter o objetivo de descrever, classificar e explicar como a ironia enquanto estratégia discursiva é manifestada pelas postagens das *fanpages*³⁸ feministas com a finalidade de criticar as relações desiguais de gênero na nossa sociedade.

Nosso percurso metodológico tem o propósito de proporcionar novas visões sobre o fenômeno da linguagem ironia, buscando compreender de que forma esse fenômeno corrobora para uma crítica social, construindo assim um discurso feminista no *Facebook*. Ainda que respostas para as problemáticas apresentadas durante essa pesquisa não sejam definitivas, a presente pesquisa busca produzir conhecimento de caráter prático, com possíveis soluções a determinados problemas diagnosticados.

6.2 CORPUS

Elencamos três páginas feministas do *Facebook* delimitando seis postagens referentes aos anos de 2015 e 2016 com o objetivo de analisar a ação política e crítica da ironia produzida na relação entre linguagem verbal e visual das postagens, bem como a recepção dessa ironia através da análise dos comentários das postagens.

Optamos pelas páginas *Moça, você é machista* (1), *Feminismo Sem Demagogia - Original* (2) e *Diários de uma feminista* (3), por se tratar de páginas que apresentam: construções discursivas irônicas recorrentemente; quebra de paralelismo; e grande visibilidade. Apenas vamos apresentar o *layout*³⁹ de cada página, ainda com pontos com pouca visibilidade, apenas com finalidade ilustrativa e macroidentificadora do *corpus*. Vale a informação de que cada página contém duas postagens, compostas de *corpus* analítico.

(1) *Moça, você é machista*

³⁸ Página criada no *Facebook* sobre algum assunto específico, com o objetivo de ser acompanhada (ou “curtida”, para usar uma linguagem característica dessa rede) por várias pessoas. Distingue-se, assim, dos perfis pessoais.

³⁹ A palavra inglesa *layout* significa desenho, plano, esquema, exposição, amostra.

Figura 8 – layout 1

(2) *Feminismo Sem Demagogia – Original*

Figura 9 – layout 2

(3) *Diários de uma feminista*

Figura 10 – layout 3



6.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados do *corpus* obedeceram aos seguintes procedimentos: (1º) Recolhimento das postagens através da ferramenta *print scream*, diretamente do *site* da rede social *Facebook*, a fim de capturar não só o *layout* da imagem postada, mas também a reação dos seguidores da página através dos comentários. Como critério adotado, a matéria de análise consiste dos discursos que envolvem o rompimento dos papéis sociais de gênero, bem como a manifestação da ironia na relação entre as linguagens verbal e visual, a fim de alcançar os objetivos propostos desta pesquisa; e (2º) Em concordância com o procedimento 1º, as postagens são divididas de acordo com as três páginas, cujas escolhas se dão a partir de critérios como: número de acessos; discurso feminista; e discurso irônico.

O *corpus* será analisado de acordo com os pressupostos expostos nos capítulos anteriores acerca de cibercultura e gênero, bem como as categorias propostas no capítulo 5 a partir das teorias de Brait (2008) e Hutcheon (2000), buscando um caminho analítico que responda aos tópicos e aos questionamentos a seguir:

1 – Argumentação indireta da ironia – O que realmente o ironista quer argumentar com tal argumentação indireta? Ou seja, o que é dito e o que não é dito?

- 2 – A ironia se apresenta como uma estratégia de subversão, se utilizando do humor, do cômico para criticar?
- 3 – De que maneira a intertextualidade e a interdiscursividade são apresentadas em determinada postagem?
- 4 – A recepção da ironia através dos comentários dos interpretadores nas postagens. A ironia é entendida?
- 5 – A relação entre os elementos verbais e visuais da postagem, ou seja, a interferência de séries.
- 6 – A ironia como um contradiscurso do hegemônico. Em que sentido tal postagem pode ser entendida como uma crítica ou como um contradiscurso do hegemônico?

7 ANÁLISE DOS DADOS

Uma vez detalhados os percursos metodológicos, a partir do tipo de pesquisa, *corpus*, procedimentos de análise, temos por objetivo, neste capítulo, a análise da produção de determinadas postagens e seus respectivos comentários-recepção, das três *páginas* da rede social selecionadas no *Facebook*. A primeira *página* em que analisaremos as postagens é *Moça, você é machista* (Página 1).

Figura 11 - *Moça, você é machista*



Fonte: <<https://www.facebook.com/MocaVoceEMachista/>>.

A página *Moça, você é machista* foi fundada em 2012, possui 898.063 curtidas e define-se como uma “Página criada por teóricos queer feministas”, sem indicação direta da autoria dela e sem muitos detalhes na seção de informações da Página. Em seu *layout* identitário se apresentam imagens fixas, como a do perfil e a foto de capa, localizada do lado superior esquerdo. Tal imagem faz referência a uma mulher branca, sorrindo e com trajes característicos das donas de casa do início do século XX, cuja coloração em preto e branco, nos confirma seu tempo histórico do século passado. Já a postagem de capa⁴⁰ apresenta o símbolo do transfeminismo⁴¹ junto aos dizeres “EXISTIR, RESISTIR, INSISTIR”, cujos significados nos transportam a um discurso feminista, ou transfeminista de luta: existir – ter

⁴⁰ A foto de capa do *Facebook* é a foto maior que aparece na parte superior do perfil da página, acima da foto de perfil (lado superior esquerdo). Assim como a foto do perfil, a foto da capa é pública, ou seja, todos que acessarem a Página poderão vê-la.

⁴¹ O transfeminismo é a aplicação dos discursos e dos pensamentos feministas para um discurso que incluía as pessoas trans (transexuais, transgêneros e travestis).

os direitos de mulher –, resistir e insistir – não deixar de continuar na luta de seus direitos. Desta página, escolhemos duas postagens:

Figura 12 - Página 1, postagem 1



Fonte: <<https://www.facebook.com/MocaVoceEMachista/fref=ts>>.

A postagem se divide em duas partes: lado esquerdo a produção da imagem postada, lado direito, a recepção com os comentários desenvolvidos pelos seguidores da página *Moça, você é machista*, ou seja, o lado direito oferece a produção da ironia e, o lado esquerdo, a recepção da dela. E para melhor visualização, desmembramos não só esta postagem como todas do *corpus* analítico em figura (produção) e comentários (recepção), de acordo com os pressupostos teóricos que postulam o sucesso da ironia quando em relação com o receptor.⁴² Para tanto, é interessante perceber a recepção não apenas como uma produção de sentido, mas também como uma reflexão sobre as condições em que se formam esses sentidos. Esses pressupostos advêm da Teoria de recepção do século XX, que surge a partir de estudos da estética da teoria literária. Segundo Jauss (1969, p. 166), “o processo de produção de significado da leitura é intrinsecamente desenvolvido num processo comunicativo de produção e recepção de textos.”. Ou seja, quando uma obra é lida, ela é atualizada para o presente do leitor não somente através de suas experiências prévias, mas

⁴² Especificando, aqui referenciaremos a figura da postagem enquanto produção da ironia, e os comentários enquanto recepção da ironia.

também a partir de leituras guiadas por experiências ou conceitos realizados por outros sujeitos que de certa forma trouxeram um determinado sentido àquela leitura. É a partir dessa perspectiva que analisaremos as recepções das produções a seguir.

Figura 13 – Página 1, postagem 1.1



Fonte: <<https://www.facebook.com/MocaVoceEMachista/fref=ts>>.

Nessa postagem-produção, a linguagem imagética é marcada pela presença de duas mulheres e um espelho que reflete o corpo de uma delas. Já a linguagem verbal se apresenta em forma de diálogo. No lado esquerdo uma mulher gordinha vestida com trajes íntimos (calcinha e sutiã) se olhando no espelho com feição de dúvida, analisa seu corpo, perguntando “Qual parte você mudaria primeiro?”. Ao lado direito, outra mulher, mais velha de braços cruzados, com uma feição séria de quem aparentemente não tem dúvidas do que está falando, responde: “a cultura!”.

É na relação da linguagem verbal com a imagética que se constrói o discurso crítico, sendo que esse discurso crítico-irônico funciona através de significado subversivo. Não poderíamos tratar imagem e enunciado verbal isoladamente, pois não haveríamos de entender a resposta “a cultura!” Segundo Brait (2008):

Se os enunciados selecionados não forem considerados em conjunto, portanto como uma sequência de natureza textual, como uma unidade de significação, não se poderá falar em ironia, na medida em que nenhum deles, isoladamente, preenche as condições propostas pela autora [...]. (BRAIT, 2008 p. 83).

Essa correlação entre os elementos visuais e verbais dessa postagem analisada indica uma sobreposição, uma interferência de séries. Ou seja, existe uma justaposição de

segmentos discursivos que remetem a formações discursivas distintas (a verbal e a imagética), que articuladas formam um efeito de sentido irônico. Ao imergirmos nessa arte de dizer o não dito, podemos perceber o que não está visível na superfície discursiva, ou seja, os discursos que estão opacificados. Isso quer dizer que apesar de não ter sido dito de forma objetiva, estamos diante da construção de um discurso contra-hegemônico que critica a cultura de um corpo ideal para as mulheres.

Para tanto, é necessário saber que essa cultura padrão de corpo ideal da mulher já perpassou diversos momentos históricos. No período colonial quanto mais gorda a mulher fosse, mais bonita ela seria considerada, isso porque tal perfil de corpo remetia a um aspecto saudável na época. Durante a idade clássica, o ideal grego de beleza tinha como base uma construção intelectual artística que se valia da perfeição e equilíbrio das formas. Já para a antiga sociedade Egípcia, o valorizado era a juventude, o corpo esbelto e os traços finos. Durante o século XIX, as mulheres gordas e de semblantes corados voltavam a ganhar destaque no padrão de corpo, pois nesse período era sinônimo de riqueza e ostentação. Com a revolução industrial, o modelo estético do período renascentista é resgatado, e o uso dos espartilhos torna-se cada vez mais popular nessa época. Com a chegada do século XX, o ideal de boa forma é recuperado. O ideal de mulher dos anos 50 girava em torno da beleza, uso de joias, cosméticos, salto alto, entre outros acessórios. Os anos 60 são marcados pela contracultura e traz consigo um novo perfil que valorizava um corpo de aspecto adolescente, no entanto com poucas curvas. As décadas seguintes (70 e 80) são marcadas pela consolidação do movimento hippie, maquiagem forte, estilo extravagante, novamente sem a preocupação com o corpo curvívneo. O final dos anos 90 e início dos anos 2000 é marcado pela ditadura da magreza, mulheres altas e magras passam a consagrar o novo modelo estético. Devido a essa imposição de modelo cada vez mais hegemônico, ser magra passa a ser uma obsessão, levando as mulheres a aderirem a dietas descontroladas, aumentando o surgimento de transtornos alimentares como bulimia e anorexia. Tal modelo se consagra através da mídia, que atualmente nos coloca como padrão um corpo magro, malhado, grandes seios, barriga chapada e bumbum perfeito.

Portanto, a pergunta “qual parte você mudaria primeiro?” se relaciona diretamente com o discurso hegemônico de um corpo ideal perfeito. Logo, ao apresentar na imagem um corpo fora dos padrões de beleza atuais, o enunciador nos deixa “pistas” textuais (sinais), que nos autorizam a identificar tal contradição e reconhecer a postagem como irônica. Logo, a

presença de um corpo não padronizado nos transporta para o discurso de uma das lutas do movimento feminista, um discurso de contracultura da imposição de determinados padrões de beleza para o corpo da mulher – “tirem seus padrões do meu corpo”.

Figura 14 - Página 1, postagem 1.2



Fonte: <<https://www.facebook.com/MocaVoceEMachista/fref=ts>>.

No entanto, é pertinente notar também que o entendimento desse mecanismo linguístico-discursivo depende de sua produção e, principalmente, de sua recepção: é necessário levar em consideração os dois agentes responsáveis pela significação, isto é, o enunciador e o enunciatário, no caso, quem posta e quem comenta. Isso quer dizer que se o enunciatário não se der conta da ambiguidade no discurso, a significação irônica não irá existir. Ou seja, aqui tratamos o enunciatário como os seguidores que curtem e comentam as postagens das páginas. É a partir dos comentários que conseguimos identificar se a ironia teve ou não lugar nos *posts* analisados.

Os comentários correspondem à reação dos internautas em relação à produção do discurso imagético e verbal em conjunto. Já na recepção dos enunciados, com base no número

de curtidas da postagem (9,9 mil) e nos comentários afirmativos “– sim”, “– amo”, “– sensacional”, “– sua cara” nos leva a entender que a ironia foi entendida e captada.

Como um *adendum* à postagem 1, a figura a seguir, responde com mais especificidade a cultura do corpo perfeito e imperfeito segundo os padrões hegemônicos da mulher perfeita.

Figura 15 - *Adendum* postagem 1



Fonte:http://4.bp.blogspot.com/RrdqzvqP7KA/T8qhFo9_I/AAAAAAAAABW0/4_8n_P7nFpk/s1600/74698_422424817791145_385362098164084_1305416_217030512_n.jpg

Nessa postagem complementar a nossa argumentação, temos uma mulher gorda envolta em uma fita métrica, que referencia todo um sistema cultural estruturador que determina o corpo “real” que foge do corpo ideal. Essa postagem se apresenta como uma argumentação indireta, se relacionando a discursos que reafirmam a ditadura da magreza. Esse caráter polifônico da ironia leva em consideração as relações entre intertextualidade, interdiscursividade e ironia, de maneira que o entrecruzamento desses diferentes discursos sobre o corpo da mulher corresponde a um aspecto fundamental na produção desse efeito de sentido irônico. Dessa forma, é a partir dessa manifestação discursiva irônica que a postagem tenta questionar esses padrões, operando como uma arma contra as culturas dominantes. Ainda da página 1, escolhemos a seguinte postagem 2:

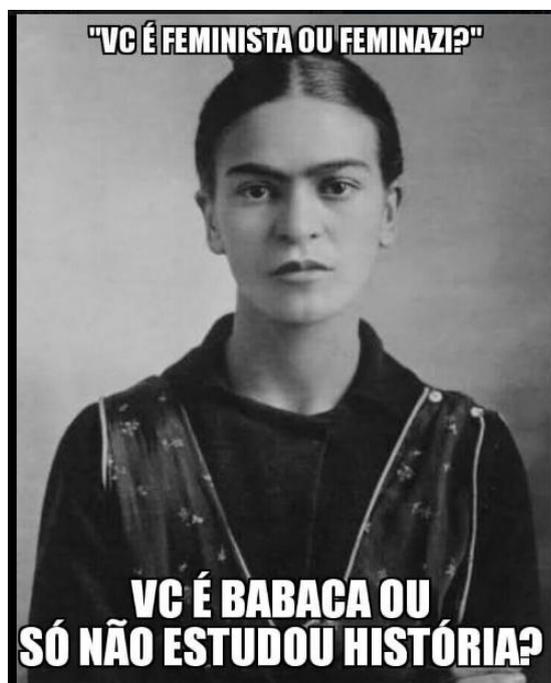
Figura 16 - Página 1, postagem 2



Fonte: <https://www.facebook.com/MocaVoceEMachista/?fref=ts>

Essa postagem teve maior repercussão que a primeira, apresentando-se com 19 mil curtidas. Como já indicado, subdividimos a postagem em produção e recepção.

Figura 17 - Página 1, postagem 2.1



Fonte: <https://www.facebook.com/MocaVoceEMachista/?fref=ts>

Na produção dessa postagem, apresenta-se uma crítica referente às feministas nas redes sociais *online* – feminazi. Como já é do conhecimento do leitor, a crítica é apresentada através de enunciados verbais e imagéticos, que de forma relacional compõem o discurso

irônico. Na dimensão icônica, foi selecionada a foto da famosa pintora mexicana Frida Kahlo, ícone do movimento feminista nas redes sociais *online*. Frida apresenta-se com uma feição séria, o que justifica a seriedade crítica das duas perguntas: – “Vc é feminista ou feminazi?” –, na parte superior da postagem; e – “Vc é babaca ou só não estudou história?” –, que funciona como uma pergunta-resposta ao enunciado superior, em tom irônico. Tais seriedades, tanto do icônico quanto do verbal, revelam o cuidado entre os elementos linguísticos e a escolha da foto de uma pintora e mulher revolucionária, Frida Kahlo.

No primeiro enunciado verbal, nos deparamos com o termo *feminazi*, que seria a associação do feminismo com o nazismo. *Feminazi* seria, então, o termo pejorativo para descrever, *a priori*, feministas que são percebidas como extremistas ou radicais. Apesar de a expressão ter sido recentemente popularizada pelas redes sociais *online*, ela foi utilizada pela primeira vez nos anos 90 pelo radialista conservador antiaborto do Partido Republicano dos Estados Unidos, Rush Limbaugh. Esse termo foi empregado por ele para fazer referência às feministas que defendiam a legalização do aborto. Em seu livro *The Way Things Ought to be* (1992), Limbaugh compara as feministas pró-aborto com os nazistas, associando o aborto com um “holocausto moderno”.

Em 1980, Gloria Steinem⁴³ escreveu *Se Hitler estivesse vivo, de que lado estaria?*, com o objetivo de criticar conservadores que associavam feministas a nazistas, por serem contra o aborto. Dezesesseis anos depois, em 1996, recopila esse e outros artigos no livro *Memórias da Transgressão*, onde explica no prefácio o contexto no qual escreveu tal artigo:

Há dezesseis anos “Se Hitler Estivesse Vivo, de Que Lado Estaria?” foi escrito para expor o fato de grupos antiaborto tentarem equacionar judeus com fetos e aqueles que apóiam abortos legais, fruto da escolha de cada uma, com nazistas. Essa retórica inflamada acabara de substituir uma tentativa frustrada da direita em pintar a legalidade do aborto como uma trama genocida contra a comunidade negra, uma alegação com pouca base na verdade (mulheres brancas estavam e estão mais propensas a se submeter a um aborto do que as de cor). A tática teria sido mais bem-sucedida se não tivesse sido engendrada por uma maioria de racistas brancos que se queixavam também de que “o mundo ocidental branco está se suicidando por meio de abortos e anticoncepcionais”. Eu achei que a mídia perceberia o cinismo dessa campanha nova e ultrajante, assim como o fato histórico de que Hitler e os nazistas eram, na realidade, antiaborto. Declarar o aborto um ato criminoso contra o Estado, crime pelo qual médicos e pacientes poderiam ser presos, fechar clínicas de planejamento familiar e banir informação a respeito de anticoncepcionais — tudo isso fazia parte dos esforços nazistas para aumentar a população ariana, eliminando ao mesmo tempo judeus e outros cidadãos indesejáveis de formas mais imediatas. Hoje, uma década e meia depois, os grupos antiaborto ainda comparam os pró-escolha a nazistas, sem serem interpelados pela mídia. Essa retórica inflamada já

⁴³ Gloria Steinem é uma jornalista estadunidense, célebre por seu engajamento com o feminismo e sua atuação como escritora e palestrante, principalmente durante a década de 1960.

causou ou justificou bombardeios e outros ataques terroristas contra clínicas de saúde reprodutiva com uma frequência de, em média, uma vez por mês. Houve também homicídios e tentativas de homicídios de médicos e funcionários das clínicas.

Teriam resultados tão violentos servido para conter a retórica antiaborto? Acho que não. Pelo contrário, tornou-se parte do mainstream. Rush Limbaugh, apresentador de um programa de televisão e integrante da direita radical, que ganhou popularidade durante o atual recuo contra a igualdade, conseguiu comprimir a falsa equação de feministas com nazistas em uma só palavra: “feminazi”. Em 1992, ao lhe pedirem para definir o termo, ele explicou: “Uma feminazi é uma mulher — uma feminista — para quem a coisa mais importante do mundo é que o maior número possível de abortos ocorra”.

Eu jamais conheci alguém que preencha tal descrição, muito embora ele a despeje sobre mim e sobre muitas outras mulheres. Na verdade, o direito de ter um filho com segurança, assim como o direito de decidir quando e se ter filhos, sempre foi a nossa meta. Por exemplo, uma das maiores batalhas feministas foi a investida contra a esterilização através de coação. A atual ênfase no aborto é uma resposta às tentativas de recriminalizá-lo ou de usar o terror para eliminá-lo de uma vez.

Não obstante, o termo “feminazi” continua sendo usado na mídia como se fosse verdadeiro ou até mesmo divertido. Será que um termo igualmente cruel, e sem base histórica, tal como “nazijudeu”, receberia tratamento parecido? Duvido muito. Quanto tempo vai levar até que a equação de escolha livre do aborto com genocídio — e de feministas com nazistas — tenha sido exposta com tal frequência na mídia que não mais justificará o terrorismo? (STEINEM, 1996, p. 15-16).

A partir desses argumentos, o termo feminazi está diante de duas linhas de pensamento opostas: feminismo, que defende a inclusão, nazismo, a exclusão.

Contextualizado melhor o termo feminazi, podemos perceber como o enunciado verbal – “Vc é feminista ou feminazi?” – se relaciona com o inferior da imagem – “Você é babaca ou só não estudou história?” –, por referenciar a relação ou a equívoca relação entre o feminismo e o nazismo. No caso da pergunta inferior temos duas características que se contrapõem a partir da partícula “ou”. O fato de ser “babaca” e “só não ter estudado história” podem ser fatos relacionais, pois ambos os sujeitos (o babaca e o que não estudou história) utilizam o termo de forma esvaziada, ou seja, de maneira que se distancia de sua real contextualização histórica.

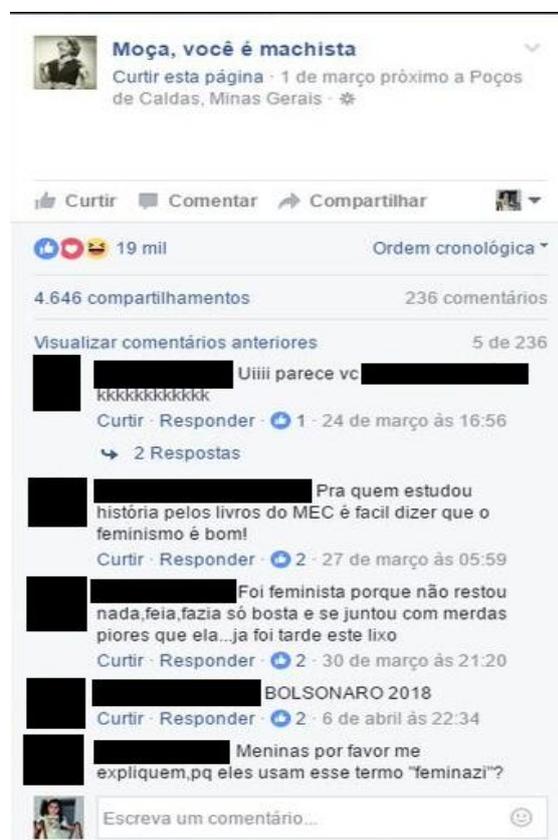
Atualmente acredita-se que o que está por detrás do uso exacerbado do termo nas redes esteja associado aos intentos em silenciar e deslegitimar o movimento feminista, retratando as mulheres como descontroladas ou incapazes de reconhecer suas próprias demandas. Geralmente o termo feminazi acaba sendo empregado de maneira constante em postagens e comentários no *Facebook* como forma de xingamento, ou como estratégia para silenciar um debate, antes mesmo que ele ocorra.

Ainda sobre os enunciados verbais, nos deparamos com o advérbio “só” – “Vc é um babaca ou só não estudou história?”. Tal advérbio tem valor restritivo, o que o torna

relevante no enunciado, visto que a partir dessa demarcação pode nos situar dentro de uma argumentação indireta. A ironia aqui se apresenta como uma categoria estruturadora da postagem, cuja forma de construção entre a imagem de Frida com a feição séria e as perguntas que compõem o enunciado verbal constrói e denuncia um ponto de vista, uma argumentação indireta, que conta com a perspicácia do destinatário para concretizar-se como uma significação.

No caso do receptor-comentários, os destinatários seriam os internautas que seguem, curtem e comentam as postagens da página:

Figura 18 - página 1, postagem 2.2



Fonte: <https://www.facebook.com/MocaVoceEMachista/?fref=ts>

- (a) Ui parece vc kkkkkkkkkk
- (b) Pra quem estudou história pelos livros do MEC é fácil dizer que o feminismo é bom!
- (c) Foi feminista porque não restou nada, feia, fazia só bosta e se juntou com merdas piores que ela... já foi tarde este lixo
- (d) BOLSONARO 2018

(e) Meninas por favor me expliquem, pq eles usam esse termo “feminazi”?

Como forma de verificação se a ironia foi concretizada destacamos alguns comentários dentre todos os elencados:

- (a) “Uiiii parece vc kkkkkkkkkk” – nos transporta para a questão de que a pessoa que foi marcada⁴⁴ nos comentários provavelmente se utiliza dessa ferramenta irônica, ou, já questionou o uso do termo feminazi;
- (b) “Pra quem estudou história pelos livros do MEC é fácil dizer que o feminismo é bom!” – nesse comentário nos deparamos com uma ironia da ironia, como forma de criticar os livros didáticos do MEC (Ministério de Educação) ou o próprio movimento feminista;
- (e) “Meninas por favor me expliquem, pq eles usam esse termo ‘feminazi’?” – nos deparamos aqui com uma internauta que não conseguiu capturar a ironia por desconhecer o termo feminazi, ficando apenas na superfície do discurso, não percebendo assim o caráter ambíguo da postagem.

Segundo Brait (2008) a ironia só poderá ser detectada caso os dois enunciados forem tomados como uma unidade coerente. Se o destinatário não se deu conta da articulação entre os segmentos envolvidos entre a linguagem verbal e imagética, logo, a significação irônica não teve lugar.

Diante das análises das duas postagens da página 1, percebemos que ambas apresentam uma dimensão crítica axiológica, em que a ironia aparece como categoria estruturadora do texto, ou seja, a forma como ela foi construída denuncia o ponto de vista, a ideologia, em forma de argumentação indireta. Na postagem 1, a recepção da ironia se deu de forma positiva por, de certa forma, tratar de um tema mais popular na sociedade, a cultura da beleza introjetada na vida das mulheres. Já a postagem 2 apresenta um termo recentemente popularizado nas redes sociais, feminazi, termo esse talvez ainda pouco conhecido, dificultando assim a concretização da ironia. Porquanto, para que a ironia se concretize

⁴⁴ No *Facebook*, ao marcar alguém, você cria um *link* para o perfil dessa pessoa. A publicação em que você marcar a pessoa também pode ser adicionada à Linha do tempo dela. Por exemplo, você pode marcar uma foto para mostrar quem está nela ou publicar uma atualização de *status* e dizer quem está com você. Se você marcar um amigo na sua atualização de *status*, quem visualizar essa atualização poderá ‘clicar’ no nome do seu amigo e ir para o perfil dele. Sua atualização de *status* também pode aparecer na Linha do Tempo desse amigo.

enquanto significação, é necessário que o destinatário consiga flagrar a ambiguidade no discurso, reconhecendo assim um efeito de sentido irônico nas postagens. A página 2 tem como proposta o *Feminismo sem demagogia – Original*:

Figura 19 - Página 2 - *Feminismo sem demagogia - Original*



Fonte: <https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/?fref=ts>

A página *Feminismo sem demagogia – Original*⁴⁵ foi criada em outubro de 2012 por Vera Lucia Dias da Silveria, bióloga de São Paulo/SP. Além de se apresentar na luta por um feminismo de Gênero, Raça e Classe⁴⁶, a mesma pertence também a vertente do Feminismo Marxista⁴⁷.

Essa página possui 1.071.927 curtidas. Como todas as páginas obedecem ao *layout* padrão da rede social *online Facebook*, essa também apresenta uma imagem de perfil e uma imagem de capa. A imagem do perfil é uma ilustração que relaciona o símbolo do feminismo e, dentro do seu aro, se apresenta um desenho da artista mexicana Frida Kahlo segurando uma placa com dizeres “Feminismo sem demagogia”, provavelmente referindo-se

⁴⁵ A autora explica que “Esta página recebe o acréscimo de *Original*” devido a existência de duas páginas chamadas *Feminismo sem Demagogia*, que também pertenciam a este coletivo, no entanto, foram invadidas e as moderadoras destituídas de seus cargos de gerenciamento da página” (Facebook. Online).

⁴⁶ Apesar das postagens elencadas não se relacionarem aos temas de Raça e Classe, acreditamos ser conveniente destacar os temas centrais pautados pela Página, sobretudo por serem apresentados na foto de capa como forma de dar visibilidade a crimes socialmente naturalizados.

⁴⁷ A corrente feminista marxista investiga e explica as maneiras pelas quais as mulheres são oprimidas por meio dos sistemas do capitalismo e da propriedade privada. De acordo com as feministas marxistas, a libertação das mulheres só pode ser alcançada através de uma reestruturação radical da economia capitalista atual, em que grande parte do trabalho das mulheres é desigual. É uma corrente considerada histórica dentro do movimento e que outras correntes atuais estão intrinsecamente ligadas a ela.

à manifestação feminista. A foto de capa retoma sua relação com o enunciado verbal “MESMO SOFRIDA JAMAIS ME **KAHLO**”, fazendo um jogo de linguagem, da ordem da fonética [mesmo sofrida jamais me calo], destacado pela coloração vermelha. Na mesma imagem de capa aparecem fotos de três mulheres negras – o que pode nos confirmar a sua identificação com um feminismo que paute Gênero, Raça e Classe – cuja explicação está nos enunciados verbais:

Vânia Machado;
Luana Barbosa dos Reis e
Claudia Silva Ferreira:

PRESENTE!!!!

#PoliciaMilitarAssassina

#Desmilitarizajá

Semelhanças entre estas mulheres:

(X) Mães

(X) Trabalhadoras

(X) Periféricas

(X) NEGRAS

(X) ASSASSINADAS PELA POLÍCIA MILITAR

A foto das mulheres negras se apresenta enquanto crítica e denúncia, retratando mulheres assassinadas pela Polícia Militar e que compartilham das mesmas condições sociais – mãe, trabalhadora, periférica, negra – e ambas mortas pela polícia militar no ano de 2016. De acordo com a sequência das fotos, da esquerda para a direita, respectivamente, Vânia Machado – mulher de 40 anos morta na porta de casa durante ação da Polícia Militar na cidade de Salvador – Bahia; Luana Barbosa dos Reis – mulher lésbica, confundida como homem, foi brutalmente espancada em uma abordagem policial por exigir ser revistada por uma policial mulher enquanto levava o filho à escola em Ribeirão Preto, São Paulo e morreu por isquemia cerebral provocada pelo espancamento; Cláudia Silva Ferreira – morta por bala perdida em ação policial na cidade do Rio de Janeiro, teve seu corpo arrastado por 350 metros por uma viatura da Polícia Militar. Através de *hashtags* (#) na descrição da foto de capa - *#PoliciaMilitarAssassina* e *#Desmilitarizajá*, a Página *Feminismo sem demagogia – Original*

faz um apelo à luta pela desmilitarização⁴⁸ da Polícia Militar brasileira. Dessa forma, a foto de capa apresenta-se enquanto crítica à impunidade presente nos crimes relacionados à população negra. Congruente às questões apontadas por Castells (2012), em que se acredita que o movimento, ou demanda social na *Internet*, torna-se funcional somente a partir do momento que o âmbito online da questão dialogar com o off-line, como é o caso da foto de capa presente na Página 2. Dessa forma, para Página 2, escolhemos duas postagens:

Figura 20 - Página 2, postagem 1



Fonte: <https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/photos/a.565554563536537.1073741834.564161453675848/1027186897373299/?type=3&theater>

Obedecendo a estrutura das postagens em rede, a produção da imagem postada encontra-se ao lado esquerdo, enquanto a recepção com os comentários dos seguidores ao lado direito. Como dito anteriormente, o lado esquerdo faz referência à produção da ironia e o lado direito à recepção da mesma. Desmembrando a postagem, aqui apresentamos a figura referente ao lado esquerdo:

⁴⁸ A luta atual pela desmilitarização da PM no Brasil tem por objetivo reformar a estrutura militar da PM, tanto no que se refere à subordinação ao exército, como à sua estrutura interna.

Figura 21 - Página 2, postagem 1.1



Fonte: <https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/photos/a.565554563536537.1073741834.564161453675848/1027186897373299/?type=3&theater>

A postagem-produção acima é composta por uma linguagem imagética marcada por uma mulher vestida com uma roupa, cuja cor está diluída dentro da mesma cor da imagem como um todo, cobre parte do corpo até o pescoço, exibindo apenas seu rosto sério, duro e estático. A roupa, o cabelo preso e a imagem em marrom esmaecido nos situam em direção a uma mulher do passado. A linguagem verbal é marcada por duas perguntas: – “E a louça, já lavou?” –, na parte superior da postagem; e na parte inferior – “E o clitóris, já encontrou?” –, que em tom irônico atua como uma pergunta-resposta ao enunciado superior.

O enunciado superior faz referência ao discurso sexista de que lugar de mulher é no serviço doméstico. Já a pergunta-resposta no enunciado inferior faz alusão à invisibilidade do órgão que, por não se saber encontrar, indica o que a mulher não precisa, ou não deve se preocupar, ou não deve ter prazer sexual. A presença da palavra “clitóris”, então, nos transporta aos discursos que ainda seguem apontando uma opressão de gênero a partir da reificação sexual da mulher, discursos esses que coíbem o prazer sexual feminino, colocando as mulheres como propriedade sexual do homem, à disposição de suas vontades, sem necessidades e desejos sexuais próprios. Como destaca Mackinnon (1946), “o homem come a mulher: sujeito, verbo, objeto”. (MACKINNON, 1946 apud SCOTT, 1989, p. 9).

Como é sabido e já comentado anteriormente, ao longo dos anos a mulher se tornou socialmente subordinada à figura masculina. Essa sobreposição do gênero masculino em detrimento ao gênero feminino é marcada pelo patriarcalismo que, segundo Weber (1964), é uma experiência coletiva onde só uma pessoa exerce a dominação, daí ser o patriarcado fundamentado a partir dessa hierarquização familiar e doméstica, tendo como consequência diversas formas de organização social em que o poder permanece centrado no patriarca-homem. Tal organização implica uma divisão sexual de trabalho, bem como funções e papéis sociais.

O que pode ser apontado também como fonte de origem e perpetuação da sociedade patriarcal é a sexualidade, ou a repressão sexual, violência presente na vivência feminina desde a infância. No início do século XVIII, Rousseau (1712) já mostrava que aos meninos eram dedicados o ensino e a preparação para as responsabilidades sociais, já às meninas o aprendizado, o preparo para a maternidade e a submissão ao marido. De acordo com Chauí (1991), os órgãos que regulavam as práticas sexuais entre o lícito e o ilícito até o final do século XVII eram regidos pelo direito canônico, ou seja, pela pastoral cristã e pela lei civil. Com isso a repressão sexual⁴⁹, sobretudo a feminina, veio se manifestando através de inúmeros mecanismos que restringem a prática sexual somente à reprodução. Tal repressão patriarcal condenava e continua condenando a mulher a um lugar subalterno, onde o homem segue exercendo poder tanto no âmbito público, quanto no privado. Dessa forma, a sexualidade feminina continua sendo tangida pelo patriarcado: – “E o clitóris, já encontrou?” –, destinando as mulheres a uma vida sexual nem sempre satisfeita – “E a louça, já lavou?” – cuidando do marido e dos filhos.

Na linguagem imagética representada por uma mulher do passado, percebemos como ela referencia a relação entre os dois enunciados verbais, aparentemente dissociados. Temos então uma aresta crítica a partir da fricção desses enunciados que inicialmente se apresenta de forma desassociada, criada pela diferença entre os contextos que se imbricam, à primeira vista, de forma contraditória: vida doméstica e vida sexual, que faz com que a ironia aconteça. No entanto, o contrário se desfaz abaixo da superfície do discurso, pela presença do discurso hegemônico do patriarcado em que (1) lugar de mulher é no serviço doméstico e (2) vida sexual na invisibilidade do clitóris. Estamos diante de uma crítica social combatida pelo

⁴⁹ Marilena Chauí (1991, p.77) define repressão sexual como, “sistema de normas, regras, leis e valores específicos que uma sociedade estabelece no tocante a permissões e proibições nas práticas sexuais e genitais”.

movimento feminista, crítica esta apresentada de maneira ambígua a partir de perguntas que constroem um efeito de sentido irônico, com argumentação indireta.

Reconhecida a ambiguidade e tratando tais discursos de maneira relacional, nos deparamos com um discurso de oposição a um sistema que reifica a vida sexual das mulheres, as restringindo apenas à vida privada do lar. Esse caráter opositor aos discursos dominantes faz com que as arestas da ironia sejam vistas como se cortassem todos os lados, e aí é que fica clara a natureza transideológica da ironia, porquanto a ironia aqui opera como uma estratégia que contesta hábitos mentais e de expressão dominantes (TERDIMAN, 1985). Segundo Hutcheon (2000), a ironia pode ser vista de diversas formas:

Para aqueles posicionados dentro de uma ideologia dominante, essa contestação pode ser vista como abusiva ou ameaçadora; para aqueles marginalizados e que trabalham para desfazer aquela dominação, ela poder ser subversiva ou transgressora, nos sentidos mais novos, positivos, que essas palavras tomaram em textos recentes sobre gênero, raça, classe e sexualidade. (HUETCHEON, 2000, p. 83).

Confirma-se que a forma como a ironia será vista dependerá do posicionamento ideológico do destinatário, bem como a sua concretização enquanto significação. Já na parte 1.2, da recepção,

Figura 22 Página 2, postagem 1.2



Fonte: <https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/photos/a.565554563536537.1073741834.564161453675848/1027186897373299/?type=3&theater>

Verificaram-se 4,5 mil curtidas, 268 compartilhamentos e 99 comentários. Como dito anteriormente, a ironia é endereçada aos internautas que seguem a Página. Listando todos os comentários:

- (a) “Hahaha Amei! Mtu necessário!”
- (b) “Ahahahahahahahahahah fica um “século” ali e nadaaaaa!”
- (c) “Kkkk”
- (d) “Kkkkkkkkkk”
- (e) “Mulheres entendem mulheres”,

Podemos observar expressões de aprovação ou de concordância, sobretudo através de risadas virtuais (hahaha; e kkkkk – comentários (c) e (d), cujo efeito de sentido irônico acabou por dar um sentido cômico à mesma. Segundo Bakhtin (2013), o riso é uma forma de ridicularizar o poder e, pelo ridículo, a relação entre a ironia e humor presente nos dá acesso a discursos que não são, na verdade, engraçados. No comentário (a) “...Mtu necessário”, o “mtu” na linguagem virtual se refere ao advérbio de intensidade “muito” que, junto ao termo “necessário”, redobra a intensificação sobre o tema. No comentário (b) aparece a expressão temporal “um século” que, em um sentido pragmático, refere-se não a um tempo de 100 anos, mas a um tempo demorado indeterminado; o advérbio locativo “ali”, que integra um dêitico temporal, dá um valor espaço-temporal ao leitor: “ali” estaria referindo-se à vagina e “um século” ao tempo que ele – o homem – passa procurando o sujeito do enunciado, o clitóris. E o comentário (e) acaba por confirmar a recepção da ironia, através da afirmação de um discurso de que “mulheres entendem mulheres”, provavelmente com intuito de expressar que mulheres compartilham de determinadas problemáticas apresentadas por debaixo da superfície dos discursos. A seguir, a segunda postagem referente à Página 2:

Figura 23 - Página 2, postagem 2



Fonte: <<https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/photos/a.581594045265922.1073741839.564161453675848/862364097188914/?type=3&theater>>.

A postagem 2 possuiu mais curtidas que a primeira, somando um total de 37 mil curtidas e um total de 23.252 compartilhamentos. A seguir, a subdivisão da postagem entre produção e recepção.

Figura 24 - Página 2, postagem 2.1



Fonte: <<https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/photos/a.581594045265922.1073741839.564161453675848/862364097188914/?type=3&theater>>.

A linguagem imagética se subdivide em duas imagens que se dispõem uma na parte superior e outra na inferior. Na superior temos uma mulher se maquiando e um homem atrás com uma feição de quem está analisando, regulando ou medindo o processo de se maquiar. Já na inferior temos uma mulher colocando um batom preto, após ter maquiado ou pintado todo o rosto, fazendo referência a uma banda de *hard rock* dos Estados Unidos nos anos 70, conhecida mundialmente por suas maquiagens exageradas. A linguagem verbal é marcada por dois enunciados: um na parte superior – “Homens preferem mulheres com pouca maquiagem, diz psicóloga.” – e outro na inferior – “FODA-SE” – escrita em caixa alta que na linguagem virtual pode significar mais intensidade, mais ênfase ao que se quer dizer ou expressar.

Nesse caso, nos deparamos com uma polifonia de vozes em que a relação entre linguagem verbal e imagética se estabelece a fim de construir um discurso irônico a partir de mecanismos dialógicos. A ironia se estrutura a partir de uma argumentação indiretamente estruturada com o objetivo de afrontar discursos que insistem em impor padrões para o corpo da mulher, ou estigmas que dividem as mulheres em santa e puta a partir dos desejos e das expectativas masculinas.

Os mecanismos dialógicos não poderiam deixar de considerar a relação entre imagem e enunciado, pois, só podemos falar em sentido irônico na medida em que existe a articulação entre as linguagens imagéticas e verbais, tornando-se então uma unidade coerente. Congruente à Brait (2000):

De maneira bem genérica, pode-se dizer que a transposição se dá na medida em que o enunciado, independentemente de sua extensão, será observado por meio das marcas que aí estão assinaladas, produtos de um processo que envolve as relações dialógicas necessariamente existentes entre a instância de *produção* e a instância de *recepção*, o que significa considerar no mínimo dois agentes responsáveis pela significação: enunciatário e enunciatário. (BRAIT, 2000, p. 83-84, grifo nosso).

Apesar dos avanços, o caminho da mulher ainda segue pautado pela sua relação com o sexo masculino. Os padrões comportamentais impostos para as mulheres seguem sendo o casamento e um futuro sólido tranquilo. Apesar da “segunda onda” do feminismo ter queimado, junto com os sutiãs, determinados padrões de beleza e de sexualidade, a luta continua por desconstruir determinados construtos sociais que ainda colocam o gênero feminino preso ao recato e à virgindade. Essa constante reafirmação da submissão de um gênero sob o outro é vista, sobretudo, em matérias de revistas ditas “femininas” que legitimam o discurso de que as mulheres devem vestir-se, maquiar-se, portar-se, única e

exclusivamente para os homens. Como ilustração, utilizamos a recente expressão midiática – “Bela, recatada e do lar” – que viralizou nesse ano de 2016 na rede social *Facebook*, a partir da matéria “*Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’*”, na edição de número 2474 da Revista *Veja*, publicada em 18 de abril de 2016:

Figura 25 - Matéria da Revista Veja – Bela, recatada e “do lar”



Fonte: Revista VEJA edição de número 2474

Nessa matéria, Marcela é denominada como uma “mulher de sorte”, além de tecerem elogios ao fato de ser discreta, falar pouco e usar saia na altura do joelho. O tom da matéria causou incômodo aos usuários da rede *Facebook*, por acreditarem que a Revista *Veja* adotou um viés machista, enaltecendo Marcela Temer como a mulher que todas deveriam ser, à sombra, nunca à frente de seu marido. Tal incômodo desencadeou uma campanha virtual a partir da *hashtag* #belarecatadaedolar, com postagens irônicas se contrapondo aos termos colocados na reportagem. As imagens postadas apresentavam mulheres fazendo coisas que não são “recatadas”, por assim dizer, como fotos de mulheres bebendo no bar, trabalhando,

usando roupas curtas, dentre outras, com o objetivo de mostrar que lugar de mulher é onde ela quiser.

Figura 26 - #belarecatadaedolar

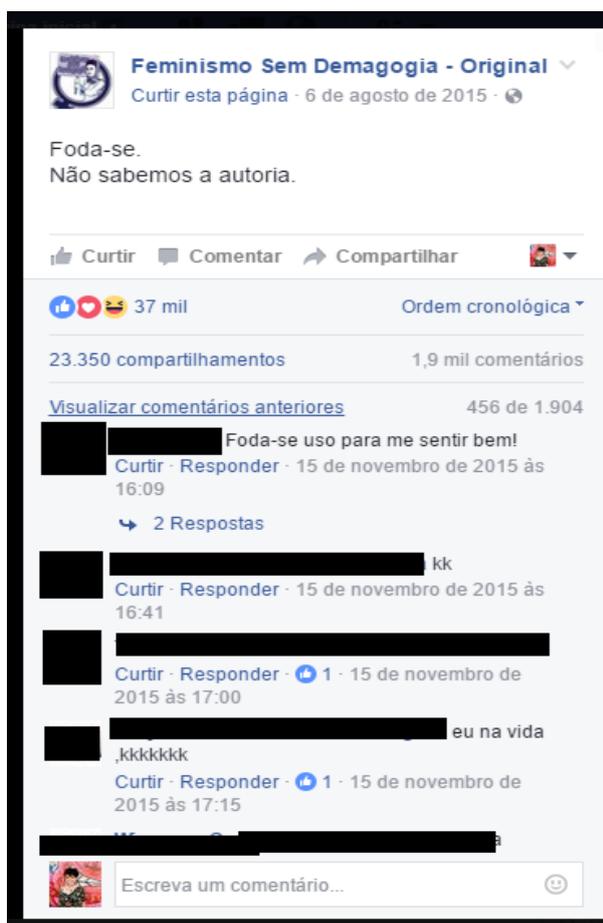


Fonte: <http://www.facebook.com/#belarecalcadaedolar/>>

O objetivo da campanha foi o de se contrapor, a partir de uma estratégia irônica, a discursos que colocam as mulheres dentro de um padrão estabelecido como o da mulher perfeita. E é nesse sentido que se insere a postagem 2, em um jogo de presença e ausência que passa pelo cruzamento de discursos compartilhados entre enunciador e enunciatário (BRAIT, 2008), configurando assim o processo irônico. Não é apenas o discurso patriarcal que está explícito na postagem, mas também um discurso feminista implícito que nos transporta para o grito, um grito de luta – Meu corpo, minhas regras.

Retornando à postagem 2, vamos agora a 2.2, avançamos para a instância da recepção da ironia a partir dos comentários dos enunciatários.

Figura 27 - Página 2, postagem 2.2



Fonte: <<https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/photos/a.581594045265922.1073741839.564161453675848/862364097188914/?type=3&theater>>.

O título dos comentários “Foda-se”, obteve uma grande aceitação na rede social através do número de compartilhamentos, curtidas e comentários. Destacamos quatro comentários: (1) Foda-se uso para me sentir bem! e (2) e (3) kk e kkkkkkkk e (4) eu na vida kkkkkkkk.

No comentário (1) – “Foda-se uso para me sentir bem!” – além da recepção da ironia ter se dado de forma positiva, a interagente concorda com a crítica social apresentada na produção da postagem nos remetendo ao discurso do movimento feminista – Meu corpo, minhas regras. Além disso, os comentários seguintes seguidos da risada em linguagem virtual – (2) "kk" e (3) “kkkkkkk” – no reportam à questão da comicidade da ironia, ou seja, do riso como forma de descentralizar o poder, ou aos discursos apresentados na superfície discursiva. O comentário (4) “eu na vida kkkkkkkk”, nos confirma não só a recepção afirmativa do efeito de sentido irônico, mas também como a exposição de mulheres que compartilham do mesmo

sentimento de não se importar com as opiniões alheias que envolvem o que elas podem, ou não fazer.

As postagens (2.1 e 2.2) se apresentam em um funcionamento subversivo, se utilizando da ironia como uma forma de estratégia de oposição eficaz. Como tal, o produtor da ironia, ou seja, o enunciador se utiliza da estratégia argumentativa indireta para trabalhar “[...] contradições ideológicas e não deixá-las se resolver em dogmas coerentes e, assim, potencialmente opressivos.”. (HUTCHEON, 2000, p. 56). A ironia aqui é utilizada como se desse “poder” ao movimento feminista para desconstruir, criticar e resistir às restrições sociais do patriarcado. A seguir, iniciamos a análise de dados referente à Página 3:

Figura 28 - Página 3, *Diários de uma feminista*



Fonte: <https://www.facebook.com/diariosdeumafeminista/?fref=ts>

A última parte do corpus corresponde à Página 3, *Diários de uma feminista*. Essa Página foi fundada em 20 de outubro de 2014 e possui 425.544 curtidas. Segundo informações contidas na *fanpage*, *Diários de uma feminista* apresenta-se como uma Página feminista interseccional-marxista⁵⁰, no qual são publicados conteúdos de humor feminista e misândrico⁵¹: contradiscurso e ironia.

⁵⁰ Como apresentado na nota de rodapé 47, o feminismo investiga e explica as maneiras pelas quais as mulheres são oprimidas por meio dos sistemas do capitalismo e da propriedade privada. O feminismo interseccional diz respeito aos recortes de opressões vividas pelas mulheres, a partir das estruturas de dominação-exploração. Reconhecendo que o sujeito mulheres pode não sofrer os mesmos tipos de opressões, no feminismo interseccional há o recorte de gênero, raça, classe, sexualidade, etc.

⁵¹ Misândrico é agir com misandria, que seria um sistema de opressão que prega o ódio, o preconceito ou o desprezo a pessoas do gênero masculino. No entanto, de acordo com a Página 3, a misandria seria nada mais

Assim, inicialmente já percebemos que tal Página se insere dentro das discussões teóricas apresentadas no capítulo anterior, no qual segundo Hutcheon (2000) a ironia pode se apresentar em forma de contradiscurso, como uma forma de contrariar o poder – neste caso, o poder patriarcal.

Seguindo o *layout* das Páginas anteriores (1 e 2), a imagem do perfil apresenta o desenho de uma bruxa e o enunciado “Foda-se O Patriarcado”. Já na imagem de capa podemos perceber o primeiro indício de um enunciado irônico, o qual é estampado através de um balão de diálogo – “Tentou me ofender dizendo que eu sou “muito feminista”. Agradei o elogio e divei.”. O efeito de sentido irônico apresenta-se inicialmente pela ambiguidade no enunciado através das palavras “ofender” e “elogio”, além da ênfase dada ao – muito feminista – primeiramente, pela característica do advérbio de intensidade – muito – seguido da característica “feminista”. Ademais, o “muito feminista” apresenta-se entornado pelo símbolo aspas [“”], que como dito anteriormente, é característico de ironias no âmbito textual. Para essa Página, também escolhemos duas postagens que deem conta de nossa proposta analítica:

Figura 29 - Página 3, postagem 1



Fonte: [https://www.facebook.com/diariosdeumafeminista/photos/a.1488135638113489.1073741827.1488128651447521/1766622490264801/?type=3&theater](https://www.facebook.com/diariosdeumafeminista/photos/a.1488135638113489.1073741827.1488128651447521/1737369053190145/?type=3&theater)

Sendo a produção e a recepção da ironia elementos chave para a análise, sua estrutura consiste entre imagem postada (produção), bem como os comentários dos

que uma crítica irônica contra o sistema patriarcal, sexista, machista e misógino (o contrário de misandria) que privilegiam homens cis-gênero, apenas por serem homens-cis.

interagentes (recepção). Como nas análises anteriores, desmembraremos as postagens entre imagem postada e comentários referentes a tal imagem. Do lado esquerdo, encontramos a imagem-produção com dois homens falando do que falta às mulheres:

Figura 30 - Página 3, postagem 1.1



Fonte: <https://www.facebook.com/diariosdeumafeminista/photos/a.1488135638113489.1073741827.1488128651447521/1766622490264801/?type=3&theater>

Trata-se da presença de dois homens, com trajes e cortes de cabelos que nos apontam a outro tempo histórico, ou seja, a época dos LPs, de uma dupla sertaneja; dupla, sobretudo por apresentar o símbolo “&” – usado para substituir a conjunção aditiva “e” – “NENLY & NENLEREI” – recurso frequentemente utilizado para indicar duplas musicais.

O enunciado verbal – “4 coisas que mais faltam nas mulheres, segundo os homens” – é marcada por uma tarja branca localizada acima da imagem da provável dupla sertaneja, se assemelhando a títulos dados a reportagens ou matérias de revistas femininas. Tais matérias são marcadas pela submissão das mulheres aos desejos masculinos, que, como tal, se esforça para conhecer, agradar e seduzir o companheiro.

Se analisadas as linguagens de maneira conjunta – icônica mais verbal –, percebemos que uma funciona como resposta a outra, de modo a desenvolver o efeito irônico. Ademais, há o jogo de linguagem da ordem da fonética que reforça o efeito irônico: Nenly & Nenlerey, ou melhor, nem li e nem lerei, respectivamente. Junto a esse jogo de linguagem se apresenta outro a respeito dos sufixos dos nomes da dupla sertaneja (-ly e -lerey)

ressignificado pelo verbo “ler”, de forma conjugada. “Nenly & Nenlrey” seria uma espécie de resposta das mulheres a esses tipos de reportagens e/ou matérias de revistas femininas que condicionam o corpo e os desejos das mulheres aos desejos masculinos. A negação em ler a matéria seria uma espécie de empoderamento feminino em dizer não aos discursos que tentam romper a luta do movimento feminista pela autonomia sobre o corpo. E essa vem sendo uma das principais lutas do feminismo contemporâneo – “Meu corpo, minhas regras”.

A figura abaixo justamente ilustra esse empoderamento de "Meu corpo minhas regras", escrito ao longo do corpo, do braço direito, colo, ao braço esquerdo da imagem feminina:

Figura 31 - *Adendum* postagem 2



Fonte: <http://camilavazvaz.jusbrasil.com.br/artigos/175897401/meu-corpo-minhas-regras>

O corpo, então, vem cada vez mais se destacando como um forte signo da luta do feminismo, por tratar-se de uma reivindicação identitária, uma soberania pessoal no qual ser dona do seu próprio corpo equivaleria ser dona de sua própria existência. Mas vale a ressalva de que a posição dos braços com as mãos fechadas também pode representar a força, talvez uma força igualitária ao masculino, já que esta posição é muito usada para representar a força masculina. Talvez aqui uma chamada para a igualdade entre gêneros. Nessa luta de igualdade de gênero em prol da autonomia feminina, pauta-se a “segunda onda feminista”; mas, é com o advento das redes sociais *online*, que luta-reivindicação-empoderamento tomam maior proporção, ganhando especificidades e valorizações de individualidades.

Essa noção de individualidade começa a surgir na Modernidade, o que fica ainda mais claro com o documento “A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”, resultado

da Revolução Francesa em 1789, que colocava a liberdade individual como um dos grandes bens a serem garantidos pelo Estado. No entanto, como já vimos em capítulos anteriores, as mulheres foram excluídas desse processo por serem consideradas “sujeitos de segunda classe”, sem direito ao voto e com acesso restrito ao espaço público. Foi a partir da atuação política feminista no final da década de 60 que as políticas começam a se modificar, passando a serem reconhecidas como um sujeito de direito pleno. Ser reconhecida enquanto cidadã também implicaria uma soberania sobre si mesma, e sobre seu corpo. Retomando a luta atual feminista, a autonomia individual do corpo feminino seria, então, uma reação aos variados discursos produzidos sobre o corpo da mulher, constantemente alvo de variados sistemas de controle, resultado dos discursos patriarcais.

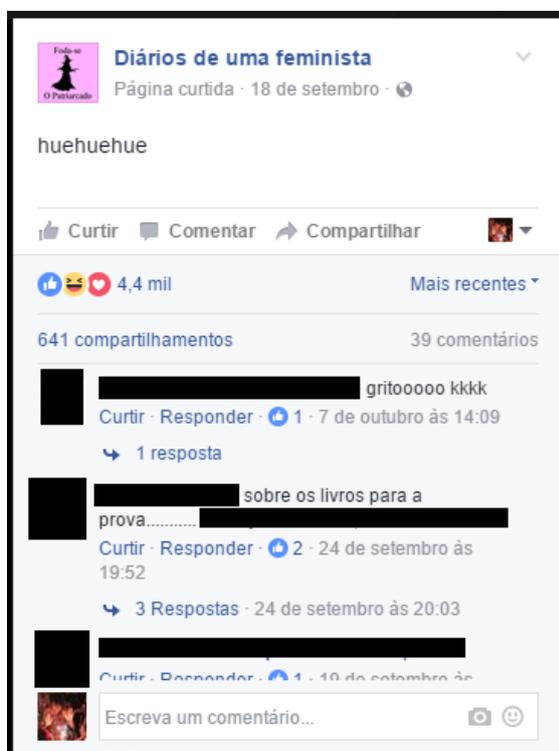
Retornando a postagem 1.1, na linguagem verbal –“4 coisas que mais faltam nas mulheres, segundo os homens”–, o verbo “faltar” significaria a ausência de algo, ou a supressão da existência de algo “segundo os homens”, apontando para discursos que deslegitimam a autonomia do corpo da mulher, colocando-a mais uma vez a subserviência masculina. Enfim, estamos diante de um enunciado verbal que nos remete a discursos que deslegitimam a autonomia do corpo da mulher, e de uma linguagem imagética que responde de maneira negativa a esses discursos. Uma linguagem se opõe a outra, apresentando-se em forma de contradição, de negação, tensão entre o sentido real e o sentido figurado e a possibilidade de dupla leitura/interpretação, características inerentes às manifestações discursivas irônicas.

Por essa articulação de contradição e tensão, constitui-se um discurso irônico que “não apenas trabalha para apontar as complexidades da realidade histórica e social, mas também tem o poder de mudar essa realidade – pelo menos por um tempo”. (HUTCHEON, 2000, p. 52). Hutcheon (2000), ainda enfatiza que essa mudança de realidade só é possível devido à natureza transideológica da ironia, que tanto pode ser usada para reforçar a autoridade, quanto para subvertê-la.

É notória a intencionalidade em contestar os discursos dominantes patriarcais através de enunciados que possibilitam um duplo sentido. E a percepção por parte do enunciatário dessa dupla interpretação muitas vezes acaba desencadeando o riso, um sentido humorístico que desafia o poder.

Podemos comprovar o riso humorístico que desafia o poder a partir da recepção desse discurso irônico nos comentários da Página 3, postagem 1.2. São eles:

Figura 32 - Página 3, postagem 1.2



Fonte: <https://www.facebook.com/diariosdeumafeminista/photos/a.1488135638113489.1073741827.1488128651447521/1766622490264801/?type=3&theater>

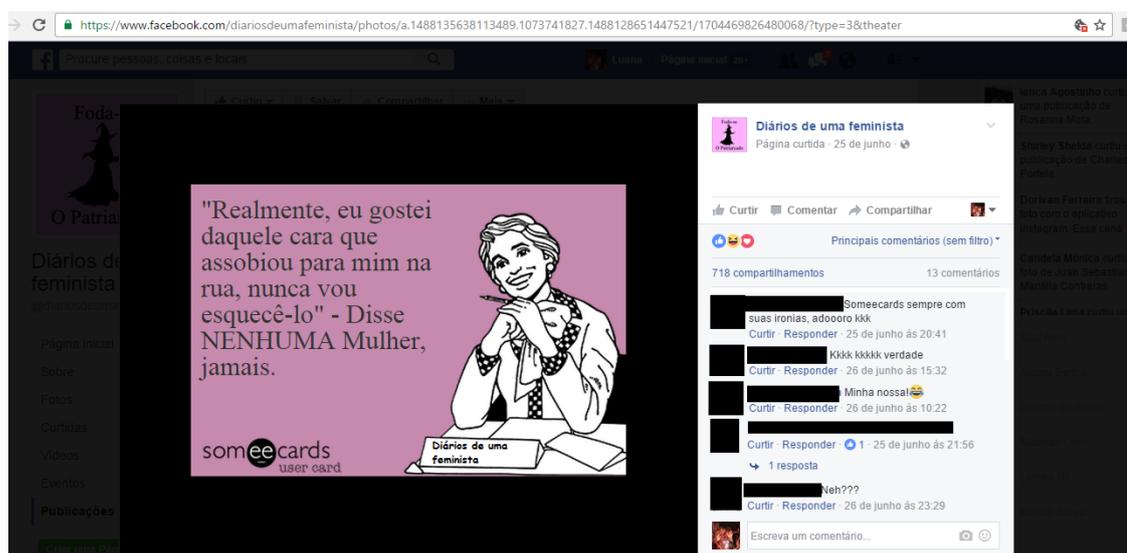
Essa postagem (Página 3, postagem 1.2) teve um total de 4,4 mil curtidas, 641 compartilhamentos e 39 comentários, dos quais selecionamos apenas dois mais produtivos à nossa argumentação. O título da postagem corresponde a uma risada virtual “huehuehue”, o que já nos incita ao caráter cômico da postagem. Os comentários (a) e (b) nos confirmam a recepção da ironia através de expressões de concordância ou relação com outras situações semelhantes do cotidiano:

- (a) “gritooooo kkkk” – O prolongamento da última vogal da palavra “grito” é utilizado como recurso representativo da oralidade que tem por objetivo dar uma intensidade ao que pretende ser dito. A palavra “grito” seguida da risada virtual “kkkkk”, provavelmente tem o objetivo de intensificar o riso, o que na oralidade poderia significar uma gargalhada. Dessa forma, o riso seria uma forma de comprovação que a argumentação indireta do discurso foi compreendida enquanto ironia;

(b) “sobre os livros para a prova...” – aqui percebemos uma associação à carga semântica (advinda da relação fonética) apresentada na postagem-produção 1.1 “nem li e nem lerei” (Nenly & Nenlerey). Mesmo que não haja uma relação direta com o título desta postagem “huehuehue” (1.2), o comentário não deixa de apontar a possibilidade de relação com outros possíveis discursos, que, por sua vez, não eliminaria a significação irônica.

A seguir, temos a postagem 2 da Página 3:

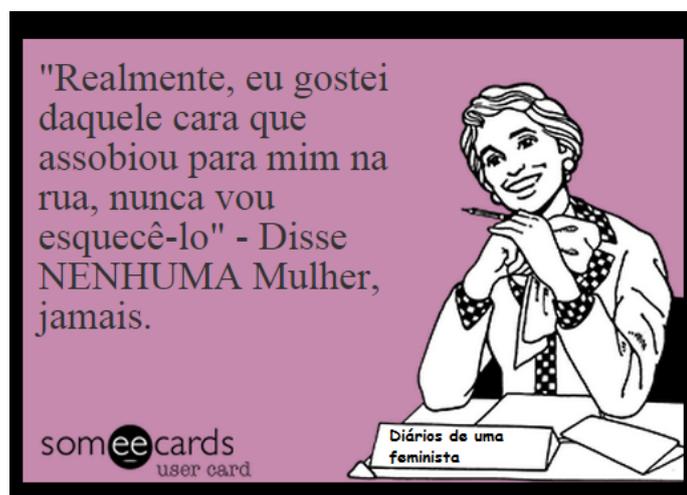
Figura 33 – Página 3, postagem 2



Fonte: <<https://www.facebook.com/diariosdeumafeminista/photos/a.1488135638113489.1073741827.1488128651447521/1704469826480068/?type=3&theater>>

Como já explicado em análises anteriores, desmembramos o lado esquerdo (produção) e o direito da postagem (recepção), para melhor compreensão da análise.

Figura 34 – Página 3, postagem 2.1



Fonte: <<https://www.facebook.com/diariosdeumafeminista/photos/a.1488135638113489.1073741827.1488128651447521/1766622490264801/?type=3&theater>>

Uma das características das Páginas do *Facebook* é que geralmente elas compartilham postagens referentes a outras redes sociais *online*, como *twitter*⁵², *tumblers*⁵³, ou *sites* e *blogs*. Nesse caso, a Página compartilhou o *site SomeeCards*⁵⁴, conhecido por seus cartões virtuais caracterizados por mensagens com frases indiretas, irônicas e sarcásticas, o que eles chamam de “humor ácido”. A linguagem imagética é marcada pela presença de uma mulher com trajes elegantes, sentada em uma poltrona com os braços apoiados em uma espécie de mesa de escritório. As mãos apoiadas uma na outra e uma feição de um convicto questionamento constroem uma argumentação indireta se lermos a imagem associada ao enunciado verbal – “Realmente, eu gostei daquele cara que assobiou pra mim na rua, nunca vou esquecê-lo’ – Disse NENHUMA Mulher, jamais”.

O enunciado verbal nos aponta à cultura do assédio sexual⁵⁵, uma prática social que vem sendo cada vez mais questionada e problematizada pelo movimento feminista. Isso

⁵² Twitter é uma rede social e um servidor para microblogging, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, por meio do *website* do serviço, por SMS e por softwares específicos de gerenciamento;

⁵³ Tumblr é uma rede social em plataforma de blog, onde os usuários podem compartilhar e interagir com publicações em diversos formatos (áudios, vídeos, textos, imagens, *gifs* e etc.).

⁵⁴ Disponível em: <<http://www.someecards.com/>>. Acesso em: 20 out 2016;

⁵⁵ Entende-se assédio sexual, sob a perspectiva jurídica como o ato de “constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função” segundo Art. 261-A do Código Penal. Há também o Art. 61 da Lei nº 3688/1941, que diz que “importunar alguém, em lugar público ou acessível ao público, de modo ofensivo ao pudor” é uma contravenção penal, associado às abordagens desagradáveis recebidas pelas mulheres nas ruas. O Art. 233 do Código Penal condena a prática de “ato obsceno em lugar público, ou aberto ou exposto ao público” e, por fim, o Art. 213 descreve o crime de estupro por “constranger

quer dizer que o que antes era visto e naturalizado como algo cotidiano ou “brincadeira”, atualmente passa a sofrer rachaduras ancoradas pelos significantes “violência”, “crime”, “estupro”. Historicamente a mulher sempre foi colocada como um objeto a ser consumida, visão essa que veio sendo naturalizada a partir de um sistema que coloca o poder masculino sobre a “presa-mulher”; à mulher apenas cabia o espaço privado, de subserviência, e quando passa a ocupar o espaço público lhe privam do direito de estar sozinha, pois não lhe é permitido dizer “não”, cujo corpo ainda é objetificado. A sociedade produz e sustenta essa violência contra a mulher, produzindo efeitos naturalizados que subjagam o feminino e legitimam o masculino.

Os atos que antes eram tratados apenas como brincadeiras aparentemente inofensivas, hoje são vistos como violência, cuja visão coincide “[...] com o processo de legitimação social da autonomia feminina e de deslegitimação da cultura hierárquica dos gêneros”. (LIPOVETSKY, 1997, p. 78). Assim, como forma de atuar contra essa problemática do assédio sexual em espaços públicos, contestando a visão objetificada da mulher e a naturalização do assédio, o movimento feminista passou a criar ferramentas de ação para a visão da mulher como sujeito e não mais como objeto. Um dos exemplos é a campanha “Chega de Fiu Fiu” de combate ao assédio sexual em espaços públicos no Brasil. Como parte dessa campanha, a jornalista Karin Hueck elaborou uma pesquisa *online*⁵⁶ para tentar entender melhor o assédio sexual em lugares públicos. Foram 7.762 mulheres participantes, dentre elas, 98% já haviam sofrido assédio, 83% não achavam legal, 90% já trocaram de roupa antes de sair de casa pensando onde iam por causa de assédio e 81% já haviam deixado de fazer algo (ir a algum lugar, passar na frente de uma obra, sair a pé) por esse motivo. Foi a partir da divulgação de tais dados que a campanha tomou maior proporção, o que acabou gerando a criação da ferramenta colaborativa “Mapa Chega de Fiu Fiu”⁵⁷, construída a fim de mapear os pontos mais críticos de violência contra a mulher no Brasil.

alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”.

⁵⁶ Disponível em: <<http://thinkolga.com/2013/09/09/chega-de-fiu-fiu-resultado-da-pesquisa/>>. Acesso em: 01 nov 2016;

⁵⁷ Essa ferramenta foi desenvolvida com o intuito de mapear os pontos mais críticos de violência contra a mulher no Brasil, permitindo um espaço de denúncia através da *internet*. As próprias mulheres podem marcar os locais em que foram assediadas ou que presenciaram um assédio, qual o tipo de assédio ocorreu, etc. Deste modo, cada denúncia representava um ponto no mapa e, junto a outros, mostrava quais os locais mais perigosos.

Figura 35 - Mapa ‘Chega de Fiu Fiu’



Fonte: <<http://www.chegadefiufiu.com.br>>

A campanha Chega de Fiu Fiu, bem como outras ações do movimento feminista a respeito da temática do assédio sexual, se unem aos discursos da autonomia feminina sobre os seus corpos, sobre as roupas que querem usar, sobre os seus desejos e seus atos. Fazendo relação entre o "Mapa Chega de Fiu Fiu" com a linguagem verbal da postagem 2.1, percebemos que esse enunciado apresentado também se referencia a discursos que tentam romper com os sentidos naturalizados sobre o corpo da mulher.

No enunciado verbal da postagem 2.1 – “Realmente, eu gostei daquele cara que assobiou pra mim na rua, nunca vou esquecê-lo’ – Disse NENHUMA Mulher, jamais”, temos o destaque de “NENHUMA”, em caixa alta, o que de acordo com a linguagem virtual corresponde a um grito. Normalmente o grito estigmatiza o movimento feminista enquanto histórico, no entanto, o grito “NENHUMA” é utilizado em forma de subversão, ou seja, o pronome indefinido feminino “nenhuma”, além de corresponder à inexistência de mulheres que gostem de assobios ou cantadas na rua, torna o grito mais forte ao se aliar ao advérbio de negação “jamais”.

O enunciado verbal – “Realmente, eu gostei daquele cara que assobiou pra mim na rua, nunca vou esquecê-lo’ – Disse NENHUMA Mulher, jamais” – é dividido por um hífen

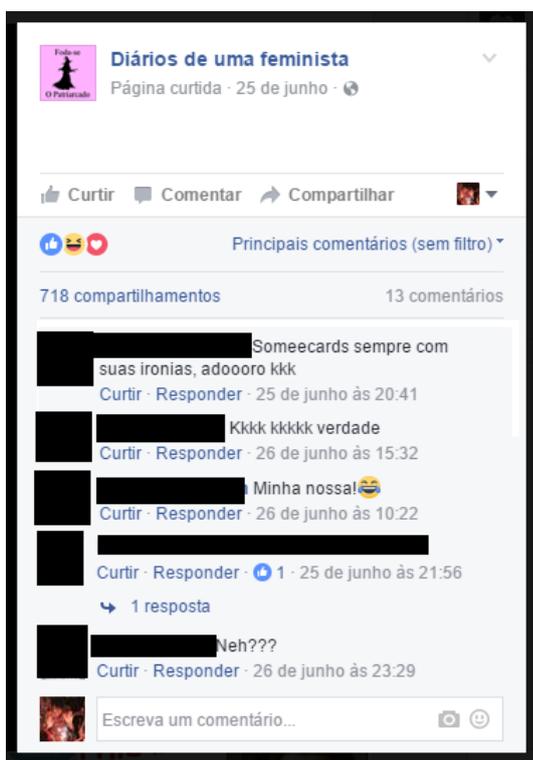
(-)⁵⁸, a primeira parte demarca o que está sendo falado (gosta ou aceita do assédio sexual), e a segunda quem proferiu o que foi dito (não existe nenhuma mulher que goste), o que já nos aponta a uma contradição semântica entre ambas as partes. Segundo Castro (2005, p. 120) podemos entender o texto irônico como “resultado de uma operação dedutiva de contradição ou contrariedade em que se recupera o elemento pressuposto como a verdadeira expressão da significação”, ou seja, a parte “Disse NENHUMA Mulher, jamais” nega o que foi dito anteriormente. Dessa forma, “o ironista diz o contrário do que quer sugerir, mas insere na mensagem um sinal que, de certa forma, previne o interlocutor de suas intenções”. (BRAIT, 2008, p. 44). Um desses sinais de que nos fala Brait pode ser a presença do sinal gráfico aspas [“”], presente no primeiro momento da enunciação verbal. As aspas normalmente são utilizadas em textos escritos para dar destaque a uma ambiguidade, uma ironia, etc.

Trataram-se as dimensões imagéticas e verbais de maneira relacional, percebemos como elas trabalham para construir um discurso irônico a partir de mecanismos subversivos que se apresentam em forma de contradiscurso do hegemônico. Para analisar a recepção da produção de tal ironia, temos os seguintes comentários:

- (1) Someecards sempre com suas ironias, adooro kkk
- (2) kkkk kkkkk verdade
- (3) Minha nossa! :)
- (4) Neh???

⁵⁸ Mas que corresponderia, pela normas gramaticais, a um travessão.

Figura 36 - Página 3, postagem 2.2



Fonte: <<https://www.facebook.com/diariosdeumafeminista/photos/a.1488135638113489.1073741827.1488128651447521/1766622490264801/?type=3&theater>>

O comentário (1) já nos indica a confirmação da recepção efetiva do discurso irônico – “Someecards sempre com suas ironias, adooooo kkk” – primeiro por apresentar a palavra “ironia”, segundo por um “adooooo” com alongamento da vogal “o”, o que indica intensidade ao que quer ser dito e ratificada pela risada virtual “kkk”, que comprovam o caráter cômico. O comentário (2) apresenta uma risada virtual mais alongada seguida de afirmativa a respeito do tema – “kkkk kkkkk verdade”. No comentário (3) – “Minha nossa!” – seguido de um *emoticon*⁵⁹ 😂 expressando uma gargalhada, a expressão “Minha nossa!” corresponderia a um espanto e o *emoticon* nos confirma o caráter cômico. Por fim, o comentário (4) corresponde ao advérbio contraído “né”, que seria “não é” e que na linguagem virtual se escreve “neh” seguido de três interrogações (???), cuja repetição de interrogações tem a função de expressar uma forma exacerbada de legitimar o que foi dito. Conclui-se que o produtor da ironia conseguiu chamar a atenção do seu público receptor, já que consegue chamar a atenção do enunciatário, construindo então coletivamente a significação do discurso irônico. Como explica Brait:

⁵⁹ Palavra derivada da junção dos seguintes termos em inglês: *emotion* (emoção) + *icon* (ícone) (em alguns casos chamado *smiley*) é uma sequência de caracteres tipográficos, tais como: :) , :(, ^-^ , :3,e,e',-' e :-); ou, também, uma imagem (usualmente, pequena), que traduz ou quer transmitir o estado psicológico, emotivo, de quem os emprega, por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial na *Internet*.

Essa participação é que instaura a intersubjetividade, pressupondo não apenas conhecimentos partilhados, mas também pontos de vista, valores pessoais ou cultural e socialmente comungados ou, ainda, constitutivos de um imaginário coletivo. É a organização discursivo-textual que vai permitir esse chamar a atenção sobre o enunciado e, especialmente, sobre o sujeito da enunciação. (BRAIT, 2008, p. 105).

A ironia funcionaria como uma espécie de processo discursivo intertextual, no qual ocorre uma confluência de discursos e de vozes, o que permitiria uma variedade de significados, logo, uma dupla leitura. No caso das postagens da Página 3, podemos notar que foi através de mecanismos dialógicos que o discurso irônico se apresentou como uma argumentação indiretamente estruturada. Tais argumentações são construídas pelo ciberfeminismo como forma de afrontar discursos que tanto deslegitimam a autonomia do corpo da mulher quanto naturalizam o assédio sexual para com as mulheres.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa pudemos perceber como as redes sociais *online* podem contribuir para os movimentos sociais como uma forma de disseminar o discurso feminista, por exemplo, enquanto movimento político na rede. Além disso, pudemos analisar como o fenômeno da linguagem ironia se manifestou nas postagens de determinadas Páginas feministas do *Facebook*, nos fazendo refletir sobre as representações e os sentidos empregados ao sujeito mulher em vários âmbitos da nossa sociedade.

O desenvolvimento deste trabalho demandou um constante exercício de refletir sobre as práticas sociais e, sobretudo, sobre as relações desiguais de gênero que se estabelecem na nossa sociedade patriarcal, apresentadas nas postagens em forma de um humor crítico. Analisar essas postagens sobre uma perspectiva linguístico-discursiva implicou perceber como elas são permeadas por várias vozes e ao mesmo tempo compreendidas em diferentes contextos sócio-ideológicos. Para tanto, tomamos como base os estudos polifônicos e transideológicos sobre a ironia, numa perspectiva crítica, de contradiscurso e interdiscursiva, dentre outras, compreendidas na relação dialógica entre os enunciados verbais e imagéticos das postagens.

Ainda sobre as linguagens imagético-verbais das postagens (produção), percebemos que foi possível analisá-las por meio das categorias propostas a partir das teorias desenvolvidas por Brait (2008) e Hutcheon (2000) sobre os discursos irônicos, relacionando-os à situação de comunicação em que estão inseridos, contextualizando-as historicamente e socialmente constituídos para então desenvolver a associação necessária entre os elementos verbais e imagéticos de maneira dialógica. Assim, é interessante perceber também como a articulação entre as linguagens verbais e imagéticas das postagens permitem a construção de um discurso feminista dentro da rede, e como esse discurso é construído a partir de óticas diferentes (com abordagens marxistas, interseccional ou *queer*, por exemplo) em cada página analisada. Além disso, pensando na importância do enunciatário no processo irônico, foi possível verificar a recepção da ironia a partir dos comentários dos interagentes sociais nas postagens, destacando a importância do receptor como um agente ativo no processo de construção da ironia.

É interessante perceber como as redes sociais *online* se constituem como um novo mecanismo de alcance dos movimentos sociais que se desdobram como uma poderosa arma

de subversão de determinados construtos sociais que até hoje legitimam as relações desiguais de gênero. Sendo assim, a presença da ironia nas postagens em rede se deu como uma estratégia linguístico-discursiva para deslegitimar e subverter essas relações desiguais, construindo, assim, novas performances de gênero. Ademais, essa estratégia manifestada em rede nos fez perceber a importância em apropriar-se do ciberespaço como um espaço de significação para os temas apresentados nas postagens e também de grande importância para difundir e democratizar os debates sobre igualdade de gênero no Brasil, dentro e fora da rede.

Por fim, esperamos que esse trabalho possa ser uma contribuição para as posteriores pesquisas nos estudos críticos da linguagem e que possam vir a se aprofundar mais nesses novos desdobramentos dos Movimentos Sociais na era da conexão. Pois, acreditamos que essas novas formas de comunicação tem um grande potencial em questionar a realidade desigual que continua perpetuando a sociedade patriarcal e como um todo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais**. 8. ed. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013.

_____. Peculiaridades do gênero, do enredo e da composição da obra de Dostoiévski. In: BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 115-206.

BEAUVOIR, S. **O Segundo sexo – fatos e mitos**; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BENNETT, B. **Beyond Theory: Eighteenth-Century German Literature and the Poetics of Irony**. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1993.

BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOIX, M.; MIGUEL, A. Os gêneros da rede: os ciberfeminismos. In: NATANSHON, Graciela. **Internet em Código Feminino: Teorias e Práticas**. Buenos Aires, La Crujía Ediciones, 2013, p. 39-76. Disponível em: <http://www.genderit.org/sites/default/upload/livrogiga_internet_cod_fem_ptbr.pdf>. Acesso em: 20 jun 2016.

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2008.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa de 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. –Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativa>>. Acesso em: 25 mar 2016.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].

CASTELLS, M. **Redes de indignação e de esperança: movimentos sociais na era da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2013.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. **The Information Age: Economy, Society and Culture**. Vol. I: The Rise of the Network Society. Vol. II: The Power of Identity. Oxford: Blackwell, 2000.

_____. **The Rise of the Network Society**. Vol. I. The Information Age: Economy, society and culture. Oxford, Blackwell Publishers, 1996.

CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (Orgs.). **A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política**; Conferência. Belém (Por): Imprensa Nacional, 2005.

CASTRO, M. L. D. A dialogia e os efeitos de sentido irônicos. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. 2. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2005. p. 119-128.

CASTRO, M. L. D. Ironia: uma reflexão interdisciplinar. **Verso & Reverso**, no. 23, ano XI, jul./dez. São Leopoldo: UNISINOS, p. 45-57, 1997.

CHAMBERS, E. K. **Irony and the canon**. *Profession* 90 (MLA): 18-24, 1990.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

COOPER, G., GREEN, N., MURTAGH, G.M., HARPER, R., Mobile Society? Technology, distance, and presence. In: WOOLGAR, S., **Virtual Society**. Oxford, Oxford Press, 2002.

DIAS, M. S. M.; BORELLI, V. A midiatização de uma campanha social: uma aproximação ao caso “Eu não mereço ser estuprada”. In: COLÓQUIO SEMIÓTICA DAS MÍDIAS, 3, 2014, Japaratinga. **Anais...** Disponível em: <http://www.ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm3/CSM3_MarlonDiasVivianeBorelli.pdf>. Acesso em: 20 mar 2016.

FACEBOOK. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>.

FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010. p. 161-193.

FISH, S. (1983). **Short people got no reason to live**: reading irony. *Daedalus* 112, 1: 175-191.

FREUD, S. (1977). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. (Vol. 8). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

GOHN, M. G. **Teoria dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. 5ª. Ed. São Paulo: Loyola, Abril de 2006.

GROSZ, E. Corpos reconfigurados. In: **Cadernos Pagu**. n. 14, 2000, p.45-86.

HARAWAY, D. A Cyborg Manifesto. In: SPILLER, N. (Ed.). **Cyber reader**: critical writings for the digital era. London ; New York: Phaidon, 2002.

HARAWAY, D. (1990). A Manifesto for cyborgs: science, technology, and socialist feminism in the 1980s. In: NICHOLSON, L. J. (Ed). **Feminism/Postmodernism**. London/New York: Routledge.

HEBERLE, V. M. Revistas para mulheres no século 21: ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de idéias? In: **Linguagem em (Dis)curso**. 4 (n. esp.), 2004, 85-112.

HORAN, T. A., Digital Places. **Building our city of bits**. Washington, ULI, 2000.

HUTCHEON, L. **Teoria e política de ironia**. Tradução de Julio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

JARDON, D. **Du comique dans les textes littéraires**. Bruxelas/Paris, De Bock-Wesmael/Éditions J. Duculot.

KARAWEJCZYK, M. Mulheres, modernidade e sufrágio: uma aproximação possível. In: **Revista de História e Estudos Culturais**. Volume 4, 2007.

LEMOS, M. **Ciberfeminismo**: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas. 2009. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://tecnos.cienciassociais.ufg.br/up/410/o/DissertaçãoCiberfeminismonovosdiscursosofemininoemredeseletrônicas.pdf>> Acesso em: 15 mai 2016.

LEMOS, A. Cibercultura. **Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Sulina, Porto Alegre, 2002.

_____. Cidade Ciborgue, Galáxia. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**. ISSN 1982-2553. N.º8, outubro de 2004. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1385/866>> Acesso em: 05 abr 2016.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher**: Permanência e revolução do feminino. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

LOPES, A. A. A Inter (in) disciplinariedade. São Paulo: Atheneu, 2010.

MAGALHÃES, M. I. Discursos e identidades de gênero na alfabetização de jovens e adultos e no Ensino Especial. In: **Calidoscópico**. 6(2), 2008, p. 61-68.

MAYORGA, C. Algumas contribuições do feminismo à psicologia social comunitária. In: **Athenea Digital**: Revista de Pensamiento e Investigación Social, Barcelona, v. 14, n. 1, p.221-236, mar. 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=53730481010>>. Acesso em: 30 mar 2016.

MARTINS FERREIRA, D. M. **Discurso feminino e identidade social**. 2 ed. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

_____, D. M. Feminilidade e “Feminilidade”: Identidades Femininas. In: **Revista Intercâmbio**. Vol. XXI: 1-16, 2010. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISS N 1806-275x.

MEY, J. L. **As Vozes da Sociedade – Seminários de pragmática**. Trad. A. C. De Aguiar. Ver. Veras. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2001.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2012. p. 167-176.

MOITA LOPES, L. P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

OTTONI, P. **Visão Performativa da Linguagem**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1995.

PINTO, J. P. Performatividade radical: ato de fala ou ato de corpo? In: **GÊNERO**. Niterói, v. 3, n. 1, 2002. p. 101-110.

PINTO, J. P.; BADAN, S. C. Feminismo e as identidades no cerne dos princípios de pesquisa. In: **Calidoscópico**. Vol. 10, n. 2, p. 133-139, mai/ago 2012

PRENSKY, M. **Digital Natives, Digital Immigrants**. MCB University Press, 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20>> Acesso em: 16 jun 2016.

RAJAGOPALAN, K. **Nova Pragmática: fases e feições de um fazer**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RECUERO, R. **Comunidades Virtuais – Uma abordagem teórica**. Disponível em: <<http://pontomidia.com.br/raquel/teorica.pdf>> Acesso em: 20 set 2015.

_____. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Vozes, 2ª ed. 1979, coleção de Sociologia Brasileira, vol. 4.

SCOTT, J. **Gender and the politics of history**. New York: Columbia University Press, 1989.

SOUZA, Q. **O Tempo das Redes**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

SOUZA-LOBO, E. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

STEINEM, G. **Memórias da Transgressão: momentos da história da mulher do século XX**. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos, 1996.

TELES, M. A. A.; MELO, M. **O que é violência contra a mulher**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2003.

TERDIMAN, R. **Discourse/Counter-Discourse: The Theory and Practice of Symbolic Resistance in Nineteenth-Century France**. Ithaca, New York/London: Cornell University Press, 1985.

THALHEIMER, J. *et al.* A utilização de redes sociais como apoio ao ensino presencial e à distância In: 3º SEMINÁRIO NACIONAL DE INCLUSÃO DIGITAL, 2014, Passo Fundo. **Anais do SENID**. Disponível em: <http://senid.upf.br/2014/wp-content/uploads/2014/Artigos_Completos_1920/123652.pdf>. Acesso em: 05 fev 2016.

THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TOURRAINE, A. **Em Defesa da Sociologia**. Rio de Janeiro. Zahar Editores: 1976.

UGARTE, D. **O poder das redes**. Rio Grande do Sul: Editora Edipucrs, 2007. Disponível em:

<<http://books.google.com.br/books?id=dt1Hu5Cj5gC&pg=PA77&dq=ciberativismo&hl=ptBR&sa=X&ei=IxxHUeyBIom70QGLiYCwDg&ved=0CC8Q6AEwAA#v=onepage&q=ciberativismo&f=false>>. Acesso em: 10 set 2015.

VAN DIJCK, J. **The Culture of Connectivity: A Critical History of Social Media**. Nova York: Oxford University Press, 2013.

WHITE, H. **Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1973.